

— Sempre julguei que antigamente tudo deve ter sido mais lindo.

Involuntariamente tornou a fitar os dois retratos.

— Havia tanto luxo, tanta grandeza!... O avô recorda-se daqueles vestuários?

— Não conheci a meus pais como ali estão representados, — tão novos. Meu avô é que nunca deixou de andar entrajado assim.

— Seu avô!?!... É bem esquisito ouvirmos falar de pessoas que nos são família próxima e nunca poderemos conhecer.

Como se houvesse sentido um arrepio, esfregou as costas contra o chale, que repuxou mais para si. O velho, a alisar em cova o combustível incinerado da braseira, com uma grande meticulosidade de quem não se dá conta do que faz, escapou-lhe o estremecimento da doente.

— A vida mal chega a netos, retorquiou com uma fleuma postiça, quanto mais a tataranetos! Que queres!? Não podemos esperar. Vamos em fila morrendo.

— Não é verdade, irrompeu Luciana, que me pareço com a minha bisavó?

Dir-se-ia que êste pensamento não era um superficial improvisado, mas uma observação meditada. Novamente se comparou com os retratos.

— Faleceu muito velhinha?...

— Não... Nem por isso. Pelo contrário.

Ela teve uma compaixão no olhar, e ficou devaneando.

— Cada família, notou Mateus, tem apesar das dessemelhanças um tipo físico para que tende. É uma herança, que não se repudia.

— Mas há em toda a humanidade uma parecença ainda maior, acrescentou o octogenário: é que ninguém foge à morte.

— Conte-nos mais alguma coisa dos seus estudos, das suas intenções, — alvitrou Luciana, querendo interromper.

O visitante, que entendeu o intuito, forcejou por satisfazê-la; mas sem o entusiasmo de há pedaço, quando expusera as suas teorias. Também a convalescente não escutava; e de súbito murmurou:

— Que frio! que frio que aqui está!

Constâncio fixou-a com um pressentimento.

— Sentes muito frio?

Mas já ela não podia responder. Levava as mãos ao coração, e abria a boca com uma ânsia, estendia o pescoço, sôfrega dum bafejo de ar.

Tremelicante, o velho pôs-se em pé.

— Que tens tu? Que tens? É outra vez...?

A doente deixou cair as pálpebras, desfalecida. Com gestos tontos, esgazeado, Constâncio encaminhou-se para a porta. Mateus, num grande embaraço, tartamudeava:

— Eu vou chamar alguém se é preciso...

Com a cabeça, Luciana acenou que não. Conseguiu balbuciar:

— Não é nada... uma espécie de desmaio...

Porém o avô compreendera que era a crise de já um dia, e tentava chegar ao corredor, para bradar por Isilda, Catarina.

Como se houvesse atingido que qualquer coisa estranha se passava, o canzarrão assentara-se, e ficara imóvel, com o seu ar de catacego, farejando com o focinho grave.

— Foi fraqueza... — explicou Luciana, como ressuscitando.

O velho tinha-se agarrado a uma das estantes; as suas pernas, já tão débeis, haviam-no traído com a comoção. Não podia avançar nem

recuar dali, curvado sob uma vertigem que lhe esfarrapava todas as noções. Vendo-o assim incapaz, Mateus fez menção de acudir, mas a enfêrma empolgou-lhe o braço afim de se levantar.

— Então!? Que é isso? dizia para Constâncio. Não repara em que outra vez estou boa?...

À voz, agora mais sã, de sua neta, êle serenou algum tanto; o pavor de afligi-la, a necessidade de não embaraçar uma situação já difícil, restituíram-lhe as poucas fôrças.

Meio sustida pelo visitante, Luciana andara alguns passos.

— Silêncio, *Terror!* ordenou ao cão, que soltara de repente um ganido agudo. Cala-te!

Parou e desprendeuse de Mateus. Sôzinha, vagorosamente, adiantou-se de novo para o avô.

— Para que se havia de alvoroçar? Não valeu nada, asseguro-lhe.

Êle esforçou-se e veio ao seu encontro, acaso para lhe trazer ajuda; mas chegado perto, abraçou-se à neta, sucumbiu a um ataque de lágrimas, e foi ela quem teve de ampará-lo.

— Chama a Isilda — murmurava no entretanto, com o seu decrépito falsete mais vacilante pela emoção.

— Para quê, se me sinto restabelecida!?...

E não parecia mentiroso o seu sorrir, embora sem alegria

Todo o episódio durara uns momentos.

VII

DESDE que andava combalida, Luciana dormia mal, e algumas noites não dormia. Uns acessos de indefinida angústia, derramada por todas as vísceras e cortada de faltas de ar, occasionavam-lhe a vigília; novelos de pensamentos, graves ou fúteis, mas pertinazes, quasi sempre lh'a prolongavam. Trepidante, a chama da lamparina sôbre a cómoda, alumiaava miseramente o quarto; dominava em toda a casa um silêncio de morte. Só o vento cantarolava às vezes; às vezes chorava a chuva.

Apesar da última crise, a doente não caíra de cama; opusera-se até a que fôsem buscar o médico, que não tardaria em voltar. Iniciara um novo tratamento, mais ríspido; e estava persuadida, dizia, que desta feita triunfava do mal. Continuava a afectar de forte, insincera mesmo com Isilda; a rapariga assentia por temor de esmorecê-la; o avô, mais descorçoado, curvava a fronte sem energia. E o dia inteiro, Luciana dissimulava.

—Mas à noite, perdida no vasto leito, esmagada pelas horas inúmeras, tardeiras e silenciosas, so-fria dos martírios actuais e dos que não desabafara, sofria interminavelmente, terrivelmente por vezes, e sem evasão.

Um tanto indiferente à vida e à morte desde que tinha enviuvado, Luciana pouco se aterrara com os primeiros sintomas da sua enfermidade; a lembrança dos desgostos de quando casada e os muito mais áridos que sobrevieram depois, cicatrizes ainda frescas, haviam-lhe dado êsse desapêgo—menos, embora, do que exprimia. Entretanto o prolongamento da doença e sobretudo o segundo paroxismo, fizeram-na duvidar das suas fôrças: isto acordou-lhe o instinto, logo o amor, mesmo o desejo, de viver; e sem o querer ainda confessar-se, começou a reear a *Tenebrosa*. Não era receio, mas curiosidade de saber com que devia contar, justificava consigo; todavia, a inquietação redobrava, na medida em que lhe ia avigorando a afeição à existência, e as suas dúvidas, pouco a pouco, tornavam-se um sentimento excruciante.

Sim, essa doença que lhe não importara, como se viesse ao encontro dos seus votos, que mais tarde supusera, senão terminada, benígna,—um enlanguescimento, um nervosismo, uma fraqueza,—era traidora e assustava. Tinha assaltos inesperados e horrorosos, tinha incómodos subtis e imprecisos mas que se amiudavam, intensificavam, que oprimiam mais e mais. Parecia caminhar aos seus fins por duas vias, ambas seguras, pela brutalidade fulminante, pela arrastada brandura; se não a pudesse derribar de um ímpeto, lentamente a iria prostrando. Luciana cuidava sentir que os mesmos ameaços, ao reaparecerem,

se faziam de cada vez mais agudos. Seria culpa da sua incúria, ou seria ineficaz o tratamento? Dum facto estava já convencida, é que o restabelecimento, a dar-se, demoraria. Era então muito grave a moléstia? Era apenas, talvez, teimosa ou obscura, ou um desses casos caprichosos ante a medicina mais hábil e que um incidente mal definido tem curado. Lembrava-se de qualquer coisa semelhante, acontecida consigo, e no imprevisto punha as maiores esperanças, por ignorância, superstição, ou por descrença dos médicos, acaso radicada na sua própria experiência.

Fôra sempre uma adoentada; não raro mesmo, uma doente. E não escapara até ali, não resistira às escabrosidades da vida, às atribulações, ainda ao infortúnio? Êste pensamento, em ocasiões, realentava-a. Mas os pavores que adivinhava em seu avô, as advertências de Catarina, certo dia a linguagem do doutor, abalavam-na últimamente, ao recordar-se. A idea de que a crise inicial se repetira, e podia portanto tornar a repetir-se, com maior violência do que nunca, preocupava-a mau grado seu. Queria às vezes convencer-se de que nada montava morrer; contudo aterrava-se ao pensar que, instantâneamente, sem um sinal de aviso, num horrível sofrimento porêem, poderia desabar no sorvedouro sem fundo, para sempre, fulminada por um daqueles paroxismos. Quando lhe vinha qualquer forte angústia, imaginava num relâmpago: é novamente o ataque; e quando lhe ocorria um ataque, logo o imaginava mortal. Se estava diante de alguêm, nem por isso dizia nada; calava-se muito pálida, — e não era tanto para poupar a família, como porque o terror a inibia, e porque tinha o dúbio receio de que a sua suspeita, uma vez formulada, chamasse, troxesse

a Morte. Ficava coberta de suores frios; com semelhantes apreensões, a angústia duplicava, tornava-se uma agonia, a todos os respeitos crudelíssima.

Alta noite, na obscuridade fúnebre do quarto, ouvindo fora a música agreste do inverno, Luciana sentia o coração apertar-se-lhe de tristeza, ainda mesmo se o pensamenso estava parado. Fechava os olhos, tapava os ouvidos sob a roupa, mas um quê íntimo indeterminado punha sempre uma névoa na sua alma. Era tudo que ocultara durante o dia, — as perturbações doentias do seu organismo, a desconfiança de melhorar jamais, a incerteza de viver; — tornara-se isto uma surda obsessão, a que se aliavam talvez todos os grandes pesares do passado, e as desesperanças do futuro, que a viúvez lhe inoculava. Às vezes tomava consciência de algum ou alguns dos seus tormentos; vagabundeava entre cadeias de imagens, mais nítidas e mais ltuosas quanto mais nelas persistia; o sono desamparava-a, e era até pela manhã um entretecer de amarguras, que o seu espírito não se esgotava em revolver e criar. Detinha-se a espaços, tentando readormecer ou dormir um primeiro sono; outro sentimento, contudo, a estrangulava. Parecia-lhe que estava sòzinha no mundo, — sòzinha não! com a desgraça. Essa companheira percebia-a bem a seu lado (e de novo entrava a tecer); mas mais ninguém a acompanhava, ninguém a que se encostasse. Chegava-lhe de longe em longe aos ouvidos, porém muito sumida, a tosse do velhíssimo avô; era lúgubre êsse catarro dos anos derradeiros, todavia Luciana gostava de senti-lo, e não raro ficava à escuta, esperando por longo tempo.

Nem outra coisa lhe valia nos seus bárbaros

terrores senão aquele indício dum pobre vivente. Bastantes noites, com efeito, pouco depois de se deitar ou acordando-a a desoras, surgia no mais profundo do seu organismo um mal-estar maior que de ordinário, não já uma dessas aflições a que a repetição a habituara, mas uma ânsia avolumando, que explodia em transe agudo e que logo lhe recordava a morte. Ia acaso ter uma crise como a que encetara a doença ou a que tivera dias antes? Não gritava por pessoa alguma, não queria; mesmo de que servia gritar se a megera estivesse ali ao pé? Permanecia quêda, esgazeada, a escrutar-se, aguardando a morte. Não tinha sido ainda daquela, pensava; e mais a sangue-frio medindo então o abismo, tornava-se outro o seu horror mas não menor. Se tivesse estado na agonia, ou se o ataque, alguma vez fôsse mais feroz, fôsse o último! Acolá só, sem uma voz amiga, sem um gesto a acorajá-la, sem um braço que a amparasse, morrer ao abandono, seria atroz!... Não devia ficar ali sòzinha, a noite inteira; não! E um cuidado angustioso a afogava, de não chegar à madrugada seguinte, de não durar até ao momento de ter alguêm junto a si nessas insónias. Contudo, no dia imediato, a sua resolução quebrava. Pesava-lhe apoquentar Isilda, e seu avô, que perceberia; à sua índole resignada e doce, até penalizava qualquer transtôrno, que poderia ocasionar a quem pernoitasse ao pé dela. Depois, a claridade do sol bania os receios de durante a vigília; pareciam-lhe muito longínquos, exorbitantes, por ventura ridículos.

Quando voltava a noitada enervante, arrependia-se de haver temporizado. Somava não raramente os sintomas da moléstia, analisava-os, e apavorava-se. Iria tudo em breve terminar? Aos

trinta e alguns anos morreria?... Para que tinha então nascido? Era aquilo, e nada mais, a vida? Uma infância, longa decerto, como a preparação ambiciosa dum vasto e cheio futuro, uma adolescência, já a espaços desalegre, amargurada, mas ainda fértil de ilusões esperanças, mais tarde o casamento prometedor, êrmo afinal de felicidades, e triste de tantas e tamanhas tristezas, de dificuldades, desgostos, e agora a viuvez num descampado, depressa a morte!... — Mas que podia ela esperar ainda!? Perante si o caminho desdobrava-se vazio; ao cabo, o pego insondável. Para a miséria do que lhe restava a viver, que importava que o fim chegasse hoje? Tarde ou cedo, era indiferente, era o mesmo. Não tinha filhos a quem faltasse, que conduzisse a essa vida, que encontrara tão parca de venturas, tão mesquinha, tão desprovida, — continuadores do seu ser, por quem sonhasse prodígios, a cujo triunfo quisesse assistir, esquecida de si própria. Ocupar-se dela mesma parecia-lhe uma infecunda tarefa; nem isso, porém, via possível. Melancólica pelo carácter, pelo passado, pela doença actual, pela mortíça existência entre aquelas serranias, nem descortinava possibilidades no porvir, nem contava com a felicidade se um pensamento esperançoso tremeluzia às vezes. A memória de seu marido tornara-se, de resto, para Luciana, muito pior do que um pesar; envergonhava-a do mínimo anseio mais mulheril, erguia-se-lhe em frente como um obstáculo, — e demais, concluía, estava quási uma velha.

No entanto, velha ou nova, a verdade é que o instinto a prendia à vida. Quando apenas escutava o sentimento, achava prematuro morrer. Por absurdo que tal julgasse, qualquer satisfação esperava — fôsse o que fôsse —, embora o não quisesse

confessar-se ou não se soubesse perscrutar. Não era sómente o mêdo do misterioso instante final, como asseverava consigo; à medida que imaginava menos longe aquele lance tremendo, com o desejo de existir surgiam ambições mais e mais claras, que ia cessando de combater. Por último, já não podia negar que a sua morte era um desfazer de esperanças, posto que vagas—indomináveis; aferrava-se com susto à existência, não como quem trivialmente pretende sobreviver, mas como quem não viveu bastante.

O seu passado fôra tão incompleto! Ficara viúva antes de tempo, não conhecera os affectos de mãe, disfrutara da afeição dum marido para agora se sentir mais despojada; mas até nos começos do seu consórcio tinham-na envenenado dissabores, depois sobrevieram desastres, quasi a ruína, doenças, por fim o maior dos males. Não; não podia ser só aquilo uma carreira humana. Se ao menos, com êsse mesmo pouco, houvesse sido mais longa! E de facto não era a intensidade—menos ainda, prolongada,—o que Luciana cubicava; um instante sequer de plenitude, com tal se contentaria, ou melhor, com um decorrer pacífico de incontáveis dias, iluminados por toda a expansão do seu próprio carinho.

Ocorria-lhe muitas vezes o casamento e partida da sua amiga, o acabamento de Constâncio, pobre avô! Depois, o que seria de si? Não queria lembrar-se de que êle acabaria; mas os seus pensamentos contristados evocavam frequentemente essa imagem. Poder conservá-lo junto a si, bem como Isilda, reunindo-os aos outros affectos que o coração lhe pedia, era um devaneio feliz, que passava de tempos a tempos, fugazmente, como um bafo de frescura, entre as suas imaginações descorçoadas.

Consentisse êle em de ali sair! Mas decerto não sairia antes de ter desbaratado, em ruinosas hipotecas, até à derradeira migalha, e antes que o crédor o expulsasse. Tirá-lo dali naquela idade — compreendia, tão evidentemente como êle, — seria sem detença a morte; e para o não expulsarem por enquanto, em lugar de demovê-lo de ficar, Luciana entregara os poucos bens, quasi tudo que do marido lhe restara.

Não lamentava a sua abnegação; contudo, a perspectiva da pobreza que naturalmente lhe estava reservada, bastas vezes feria no vôo os seus desejos, e não menos os derrubava a lembrança dêsse eremitério, donde não podia partir sem abandonar o avô. Numa cidade, numa vila, quem sabe se não nasceria um ensejo de mais propício futuro? E esta idea, incerta a princípio, acabava por persegui-la, mau grado toda a resistência; já em momentos era uma obsessão.

Altas horas, os seus vacilantes projectos, os seus anseios, descoloriam-se, esfriavam; só depois dalgum rebate da doença se reerguiam vorazes, mais ardentes quanto mais fôra o perigo; tremia então diante da *Horrenda*, que num ápice poderia apagar tudo. As esperanças tinham fugido, acossadas pelo pavor; e a doçura do que ansiava e projectava, servia apenas a agravar-lhe os tormentos.

Para repelir receios e desânimos, Luciana procurava pensamentos indifferentes; o seu espírito, porém, com um condão malfazejo, quanto adoptava, convertia em tristeza. As tristezas entrechocavam-se; voltava-se, sem querer, para si mesma, onde achava mais abundantes os motivos de tribulação, — e ei-la de novo no mesmo círculo! Sem futuro, o presente doloroso, rebuscava no passado

os instantes de benignidade. Assim, não raro, vagueava pela sua infância, detendo-se aqui e além, até que a recordação dum parente morto a fazia regressar às amarguras.

Sua tia Antonieta, que casara muito nova, ficara-lhe sempre uma estranha, desconhecidos os três filhos de Constâncio, dois rapazes e uma menina, que tinham falecido até à puberdade; lembrava-se porêem, claramente, da mãe, da avó, e do tio mais velho, Edmundo. Contudo, impressionante entre todas, era para ela a imagem de seu pai, assassinado. Melancolizava-a a memória dessas criaturas bemquerentes que não tornaria a ver; mas qualquer reminiscência de seu pai, atirava-a súbitamente para um negrume de dôr. Não passava então a outras máguas; permanecia junto àquele cadáver, como se o tivesse de velar, e, como se o crime fôsse de ontem, sentia os olhos marejarem-se-lhe.

Quási nunca scismava na infância, que não lhe ocorresse o assassinato; daí se punha a recordar, do destemido e nobre infortunado, os actos, palavras e maneiras, que o seu coração filial guardara, e, com a insistência exaltado o affecto, a imaginação engrandecia-lhe, aproximava-lhe como actual, a perda de há tantos anos. Não era de hoje a perturbação que Luciana experimentava ao pensar no assassinado, nem de hoje o voltar o pensamento para a desventura que a orfanara; todavia o regresso à habitação em que levara a meninice, e o pessimismo da doença, faziam-na remirar com mais freqüência e com maior desespêro a singular e imprevista catástrofe. Por bem diversos caminhos, às vezes dum modo inconsciente, vinha ela à mesma lembrança; quási que todas as noites, entre as cogitações da sua

insónia, representava-se-lhe — ora vivo, ora malferido — aquele que lhe dera o ser.

Entretanto, desde que um dia tinha desabafado com a amiga, se não deixara de visitá-la a visão ensangüentada, Luciana readquirira a presença de espírito; já por isso não retingia o pesado, nalguns casos compreendia como êle emergira das demais ideas, e conseguia até afugentá-lo. Chegava a esquecer o sobressalto que sentira, quando aquilo era uma perseguição, para meditar em minúcias da biografia paterna, — retida por uma suave embora dolorida atraência, que a libertava de pesares menos distantes ou menos imaginários, e que satisfazia, melhor do que tudo, certos estados da sua alma.

Fôra o temor, ainda confuso, da sua própria morte, sem que a doente percebesse, que lhe recordara a morte do pai; por seu turno, essa recordação aterrorizara-a, instintivamente, como uma espécie de prenúncio. Mais tarde, a noção ambígua atingiu a nitidez: a sua vida corria perigo, reflectiu Luciana; e achava horrível perdê-la. Diante de tais certezas ficou ofuscado o pressentimento; após a evidência da razão, o que provinha do devaneio, parecia indiferente, pueril. Que valiam as ameaças da fantasia, quando a realidade ameaçava?... Já não teria medo dum espectro, pressentia Luciana, enquanto lhe não faltassem, com o abatimento do corpo, as forças mais humanas da intelligência.

Não obstante, uma noite, altas horas, acordou muito aflita — sem nenhum incómodo orgânico, mas ainda angustiada por um sonho. De tanto que repensara a catástrofe de seu pai, acabava de sonhar que, seguindo lado a lado com êle, por uma estrada deserta, sem fim, uns embuçados, irrom-

pendo das brenhas, os tinham a ambos assaltado; ela quedara-se transida; na mão dum desconhecido brilhou um reflexo instantâneo, e, quando o fidalgo ia a defender-se, recebeu até ao cabo um punhal em pleno coração. Luciana queria bradar; enforcava-a porém o terror. «Eis aí o destino que te espera!» sussurrou, ao tombar, o moribundo. Ao longe, os embuçados fugiam, convertidos repentinamente numa alcatea de escanzelados lóbos,—e acorada junto ao cadáver, que escancarava uns olhos fitos, estava agora, silenciosa e imóvel, como uma figura sepulcral, a própria mãe de Luciana. Tirou um braço de sob as roupagens, e estendeu-o, lentamente, direito ao coração da filha. «Não tenhas receio; sou eu! Quero salvar-te». Mas os seus dedos eram tão gelados, que a doente lhe pareceu que também a apunhalavam; fez um esforço violento, e despertou enfim com um grito.

Assentara-se para cima, consciente de que já não dormia, porém não menos atormentada. Pouco a pouco encadeou as várias peripécias do pesadelo; algumas impressionavam-na desmedidamente, de recentes e vívidas ainda; conservavam as erróneas insinuações dos sonhos, os quais, à semelhança dum mau desenho, transtornam frequentes vezes as perspectivas do entendimento, avolumando a significação e a importância de nada. O quarto, mal alumiado, cheio de sombras irreaes, era pouco favorável a desfazer impressões falsas; dêste modo, durante um longo espaço, Luciana lutou em vão por serenar.

Não havia, entretanto, per que ter susto. Ainda se fôsse coisa verosímil as situações funestas em que se fantasiara!... Mas nem tinham existido nem podiam existir, persuadia a si mesma.

Embora! Sentira-se horripilada — e havia sido agudíssima a dôr que a tinha acordado. Talvez aquela quimera prognosticasse a sua morte. Ressoavam-lhe aos ouvidos as palavras do moribundo; via de novo a estátua funérea alongando para ela os dedos; claramente divisava o cadáver, estendido rígido na estrada. E tudo isto tomava proporções, senão de realidade, duma transcendente verdade envolta em símbolos. O pesadelo anunciava-lhe o seu fim próximo.

Das imagens que sonhara, Luciana, insensivelmente, passou às recordações da tragédia de seus pais. Pela centésima vez desde que andava doente, rememorava o episódio em todos os pormenores que conhecia. Era menos martirizante do que os ressaibos do sonho, mas fazia-a ainda assim padecer muito, nas disposições em que estava. Deteve afinal a atenção em momentos mais brandos da infância, e subtilmente, a seu lado, reviveu o aventureiro fidalgo, afagando-a em pequenina, mirando-a com um olhar saudável, ou assentando-a sôbre os joelhos, risonho.

Luciana ficou alguns minutos num tranqüilo embebecimento. Não eram carinhos dum pai mas dum semi-deus, tão alto ela o punha em seu conceito. Procurou pertinazmente as minúcias que pudera ter esquecido, quaisquer ocorrências triviais em que êle houvesse figurado. Pouco mais lhe restava na memória do que essas mostras de ternura, já tão repetidamente lembradas; e assim mesmo fôra preciso, para que ainda conservasse algumas escassas reminiscências de definidas ocasiões, que o seu affecto pelo que a gerara, tivesse sempre sido imenso, desde uma idade bem prematura. Não há dúvida, meditou Luciana; ia porém a desistir da sua pesquisa, quando se

lhe representou abruptamente, enchendo-lhe a imaginação, uma scena até então olvidada.

Certo dia — muito criança, ao que supunha — estacionava junto ao portão, com um grupo de pessoas da família. Sua mãe enxugava os olhos; ela debulhava-se em lágrimas, como era talvez seu costume quando via o fidalgo sair; todavia, desta vez, impressionada pela comoção dos demais ou adivinhando que a ausência seria mais prolongada, mostrava-se inconsolável. Todos tentavam distraí-la; o pai, que já punha o pé no estribo, largou a rédea, voltou a pegar-lhe ao colo, e com frases e com beijos esforçou-se por sossegá-la. Provavelmente não conseguia mais que os outros. Então, com um ar sério, de veracidade, persuadiu: não chores, que te venho buscar. E montado no seu galhardo alazão, a sofreá-lo — Luciana ia-se recordando, — repetiu-lhe mais uma vez: não deixo de vir buscar-te. Menos lacrimosa, confiada, seguiu-o ela com a vista, até desaparecer ao longe, a galope . . . E esperou, um dia e outro dia, toda alvoroçada a correr para as janelas se pressentia o trotar dum cavallo. — Mas o cavaleiro não cumpria o prometido.

Nêste mesmo ponto das suas reflexões, a doente cuidou ouvir na estrada um tropear, preciso embora longínquo. Era tão inverosímil àquela hora, nessa região despovoada, que Luciana experimentou um arrepio, como roçada pelo sobrenatural. Instantâneamente ocorreram-lhe os preságios que tinha tirado do sonho; e a turbacão que êle lhe causara, com a estranheza dest'outra coincidência, fundiram-se num aterrorizamento espantado, que de todo a paralisava. Queria escutar se não se enganara, mas faltava-lhe o sangue-frio; o que sentia agora, acima de tudo, eram os ouvidos a zunir.

Dir-se-ia uma queda de água a distância, que durou enquanto o seu terror.

Dum modo semi-consciente argumentava entretanto consigo: o que julgara ouvir, fôra ilusão; as palavras de seu pae não tinham aquele sentido — vir buscá-la depois de morto; êsse quarto meio às escuras é que a fazia delirar; estava a admitir, como possíveis, factos que não podiam dar-se... Passou a mão pelo rosto, orvalhado dum suor algido. Afigurava-se-lhe de novo entrouvir... Que importava!? Casualidade. O pior é se nesta angústia a acometia outra angústia mais grave. O coração palpitava-lhe tanto! Podia sobrevir uma atrocidade da doença. Era forçoso romper o mêdo, custasse o que custasse, defrontá-lo para acabar com a ansiedade, sair do recinto estreito e merencório em que já tantas noites penara. E Luciana, numa audácia excitada, de fraca, saltou da cama, atabalhoou uns aprestos de vestuário — as saias, as chinelinhas, um chale, — e desaferrolhou uma das janelas. Antes de abrir, ainda hesitou, à escuta, — já menos impetnosa por menos aterrorizada. Com efeito, se diligenciara esquecer, enquanto se vestia, a origem do seu grande pânico, era todavia natural que o ruído, a avolumar, lhe houvesse irritado a atenção; pelo contrário, nada mais a tinha sobreexcitado, — e agora parecia-lhe que lá fora tudo era solidão e silêncio. Afastou emfim as portas e encostou a cara aos vidros. O céu radiava de estrelas; em frente, a opacidade dos montes. Luciana sentiu-se acalmar; achava o mundo que conhecia, embora tivesse a percepção da noite muito avançada.

Contudo, se era já alguma coisa o que via, se tinha finalmente um espaço mais vasto, continuava reclusa no quarto. Sequiosa de ar limpo,

correu a vidraça — de mansinho por não despertar os seus; — curvou-se um pouco para o exterior. Nada inquietava a paz da hora; montanha e vale estavam mudos. Quem fôsse familiar com a paisagem, podia compreender alguns relevos, repor massas apenas esboçadas, improvisar certos contornos. Por uma fraca reverberação de luz reconhecia-se a estrada até longa distância, como uma peça desenrolada; disseminadas sem nexos, também débilmente pardejando, estagnavam outras extensões, pedaços igualmente rapados de flora; o muro do parque era um lençol na obscuridade; e uma larga lista, lá em baixo, pouco longe da janela, vibrava duma surda radiação, talvez denuncia da geada. Levantavam-se soturnas as vertentes, onde os arvoredos punham borrões densos; tentava destacar-se algum tronco, de perfil retorcido; um apinhado de rochas desenhava-se grosseiramente. No vale, as verticais obliquavam; tudo parecia horizontal e a um só nível; os cumes, pelo contrário, talhavam-se duros no fundo estrelado. Azul sombrio lá no extremo, o céu ia escurecendo à medida que se elevava, — sempre tinto ao de leve e macio; tornavam-se incontáveis as estrelas e mais miúdinhas; eram por fim uma chusma, apertada e viva, de azuladas fosforecências a bulirem. Um arco de poeira diamantina atravessava a curva imensa; perto dum grupo, compacto mas vaporoso, brilhava um astro considerável, o maior que se avistava, com uma refulgência tranqüila; outros, porém, ardiam como trémulas gotas que estivessem vai não vai para cair. Alguns, pequeninos por vezes, faiscavam tão incessantes e tão abrasados, que o olhar os acompanhava ansioso, esperando a cada momento que se apagassem consumidos.

Essa lucilação das estrelas, essa transparência do céu, comentava Luciana, erguendo o resto quanto podia, era uma beleza só do inverno. Também aquela grande mudez marcava uma hora misteriosa e solene. Que singular achar-se ali tão tarde! Se não a cativava a estranheza, se mesmo começava a apoquentá-la o frio, prendia-a a invernal limpidez, quási a virgindade, da noite. Inclinou-se mais para fora. A sombra que escorregava pelas encostas e parecia atulhar-se no côncavo do vale, permanecia imutável e calada. Luciana sentiu-se inquieta com tal solidão, mais vasta do que a do seu quarto mas não menos cruel. De repente entrouviu um arrastar impalpável, um sussurro lento e subtil; não partia de muito longe e contudo era indecifrável. A doente experimentou uma tremura. Que seria? Talvez o vento. Tornara-se indistinto o que quer que fôsse, mas logo voltou. Estava agora bem mais próximo. Era um restolhar sempre sorrateiro, onde entretanto se percebia um fugaz ritmo. Dir-se-iam passos, acaso os pés dum animal pérfido. Tudo ilusão, provavelmente. Ouviu-se um rape-rape regular, que imediatamente esmoreceu. Luciana atirou com a vidraça. Alguma coisa rondava por ali.

VIII

COMO o frio e um tanto de fraqueza lhe tiravam o gôsto de sair, como também estava proibida de fatigar-se com tarefas, a doente, não raras vezes, divagava pelo casarão. Uma tarde, acompanhada por Isilda, tendo chegado ao vasto patamar abalaustrado da dupla escadaria—impone-n-te como outrora—que descia para o portão principal, Luciana propôs à amiga que entrassem no aposento à direita, parte do edificio há muito abandonada.

—Vamos sujar-nos, objectou Isilda.

Mas como visse em Luciana, que já cedia, uma expressão de ligeiro pesar, conduziu-a meigamente pela cintura até à porta que ela apontara. A grande custo deram volta à chave ferrugenta; os gonzos emperrados rangeram. Junto à soleira havia alguns degraus, que tiveram de subir para atingirem o pavimento;—e achavam-se numa antecâmara vazia, onde o fôrro adamascado das paredes pendia em farrapos.

— É isto só, indicou a mais nova jovialmente.

Em frente estava aberta uma outra porta; encaminharam-se pausadamente para aí e penetraram numa sala. O seu aspecto, se possível, era ainda mais lamentável. Nos tectos recurvos, de madeira, a humidade fizera extensas nódoas; grandes teias de aranha bamboavam aos cantos; e o vento, em repetidas lufadas, rolava pelo soalho o cotão. Um sofá manco e uma cadeira sem fundo, ao abandono ali por inúteis, compunham todo o mobiliário; Luciana, no entanto, ia olhando com atenção, como se os devastados compartimentos estivessem para ela cheios.

Chegaram à entrada duma espécie de saleta; num silêncio paciente, Isilda esperava por algum desabafo da amiga.

— Que insuportável frio que aqui está! murmurou ela apenas.

E continuou a avançar vagarosamente.

A saleta não diferia do resto; unicamente o tecido nas paredes estava menos esfrangalhado. Enregelava mais a sua indigência do que mesmo as rajadas invernais; tinha a frialdade confrangente das casas desguarnecidas e desabitadas.

— Estes estragos recreiam-me pouco.

— Se visses dantes! respondeu a doente.

A biblioteca, que fôra, rematava essa correnteza de aposentos, todos paredes meias com o grande salão; e estendia-se para a direita, limitando-o por outro dos lados. No limiar, Luciana estacou, alongando os olhos pela comprida galeria com as estantes despejadas.

— O avô passava aqui os dias.

— Quem te dera nêsse tempo, exprimiu Isilda para ouvi-la.

— Ou que tudo fôsse como então — e eu mulher, replicou a companheira.

Isilda manifestou que não entendia, e ela esclareceu:

— Quando se é nova, minha filha, mal sabemos apreciar o que temos. Julgamos que a vida é para todos tão boa como para nós, e que ficará sempre assim. Se hoje aqui houvesse uma família, um conforto, uma alegria, como antigamente, — tu não podes supor o que eu seria; não! não o podes supor. A cada instante daria graças por tantas e tamanhas felicidades, como fôram essas de que gozei e tão cedo se desfizeram. De enternecimento beijaria a terra onde pomos os pés, o céu se o pudesse beijar. — Nada mais desejaria.

A tão dedicada Isilda tomou-lhe docemente uma das mãos, e ficou com ela apertada entre as suas, numa demorada consolação. Não achava uma frase que bastasse; e tinha os olhos rasos de água.

— Eu sou mais afortunada do que tu, disse enfim, por não ter idade de lembrar-me do tempo a que te referes. Não sei, ao menos, o que perdi.

— Sim, sussurrou Luciana, aprovando com a cabeça. Pudesse eu também esquecer!

Haviam recommençado a caminhar. Iam ao longo da galeria, numa direcção perpendicular àquela em que tinham vindo. Os seus passos ecoavam ao de leve, no meio dêsse vasto abandono. Os ornatos que encimavam as estantes, estavam pardos de poeira; grande parte do tecto desabara, deixando lascas de arrombamento, e as manchas encardidas que se avistavam pelo chão, ainda húmidas, semelhando sostras de azeite, provavam que ali dentro chovia.

— Não te recordas, sequer, de haver aqui livros sem número? interpelou a doente.

— Ainda os havia quando era criança; e os aposentos por onde passámos, ficaram mobilados até bem mais tarde.

Entretanto consideravam os destroços, que pareciam ocasionados por um instinto raivoso não se sabia de quê. Muitos vidros, na livraria, achavam-se fendidos ou despedaçados; nas janelas, faltavam quasi todos, e a nortada assoprava com vigor o seu hálito regelado.

— Se fechássemos as portas de dentro!...

— Não evitaríamos nada, redargiu Luciana. O granizo quebrará na mesma os vidros, e o vento entrará pelo telhado.

E com um gesto de fatalismo:

— Deixa o destino consumir a sua obra.

As escadas que davam ingresso para uma varanda, que corria a meia altura, desmoronavam-se de carunchosas.

— Deixa a ruína trabalhar à luz do dia; na escuridão faz mais mêdo.

Ouvia-se o roer dos insectos. Luciana applicou a atenção:

— E assim que a saudade rói, hora a hora, sem descanso.

— Melhor fôra que aqui não viéssemos, lastimou a companheira.

Tinham andado a biblioteca a quasi todo o comprimento.

— A vida são só coisas que não voltam, continuava a melancólica.

Em vez de replicar, Isilda enfiou-lhe o braço, e aproximou-se duma porta, que abriu. O salão ostentou-se vasto, solene na sua semi-escuridade, com os grandes espelhos a fulgirem; parecia agora mais aparatoso. Essa impressão confortou-as. — Adiantaram-se.

A mais nova aconselhou:

—Esquece o que lá vai e sê feliz.

—Hei-de tentar...

Mas um sorriso de scepticismo pairou nos lábios da doente.

Não acertando em como animá-la, a amiga, passando junto ao cravo, soabriu-o e dedilhou no teclado. Espalharam-se pelo ar alguns sons, ténues e doces, semelhantes a vibrações de harpa, com um aroma de outras épocas; eram notas descoordenadas, mas cada uma tinha a tristeza dum suspiro, um timbre macio e fluido, que esvoaçava por toda a sala e se dissolvia devagarinho. Parecia por fim que dos móveis, da alcatifa, dos repositores, é que saíam tais gemidos, evoluando-se no ambiente.

—Toca uns instantes, tu que és pianista.

Luciana recusou lentamente.

—Tem uma voz de velhinho, que faz mal, êsse instrumento.

Com efeito, tocando mais rápido, acentuava-se a fraqueza e como a tremura daqueles arpejos. Isilda, pois, fechou o cravo, arrependida do seu capricho.

—De quando datará êsse traste!? exclamou.

—É, pelo menos, respondeu a outra, do tempo dos nossos bisavós.

—Dos *nossos!*?... Enfim...

Fôram ambas assentar-se mais adiante, no canapé de almofadões côr de granada, entre duas das portas, hoje sem uso, dos aposentos onde haviam estado. Ao fundo, por cima do fogão frio, a larga moldura dum quadro, punha um ornamento de oiro, na sêda forrando as paredes. A mesa oblonga do centro, por baixo do lustre embrulhado e morto, ficava-lhes já a um lado; em

frente delas clarejava a única vidraça cujas portas não estivessem encostadas.

— Como podes tu rir, Isilda, não tendo conhecido teus pais?

— Decerto que às vezes rio. Cá para mim, é já um bem achar-me com uma família, embora pouca, não me pertencendo nenhuma.

— És realmente feliz?

— Sim, sou realmente feliz...

— Muito deveras!?

— A falar-te com franqueza, não tanto quanto creio vir a ser.

Sem duvidar da sinceridade, a doente fixava a amiga como se nunca a tivesse visto. Admirava por fim, com um fugitivo despeito, as rosas da sua saúde. Ainda bem que não a fizera sofrer com aquelas perguntas impensadas! Afigurava-se-lhe inexpiable perturbar uma alma tão sã. Com convicção reflexionou:

— És uma criatura assombrosa em esperar, sem um desalento, há tantos anos.

— Por'êlé?...

— Pois não é d'êlé que se trata?

A interlocutora afirmou.

— Era forçoso que esperasse.

— Algumas morreriam de desânimo.

— Eu em caso nenhum morreria. Se visse que era impossível, seríamos os dois a lutar—ao menos, para não perder a esperança. Não é só convosco, é também com ela, que me sinto aqui tão feliz.

Luciana mirou distraída os constelados mosaicos do sobrado. Murmurou:

— Este viver é pouco para ti.

— Não! enganas-te. Encontro ainda aqui bastante.—Depende do que se procura e de saber procurar.

—Contudo, se amanhã êle viesse e te pudesse levar consigo, imediatamente o seguias...?

—Sem dúvida.—Viesse êle já hoje mesmo!

—Mas se fôsse necessário, esperarias outro tanto...?

—Penso que também há felicidade em esperar.

Ficou alguns instantes absorvida.

—Não lastimas então esta demora?

—Há ainda muito para viver. Teremos anos sem conta afortunados.

—Faz aqui frio, sussurrou Luciana.

Do elevado tecto negro parecia cair a treva; aos cantos amontoava-se uma sombra, de momento a momento mais espessa; as molduras dos quadros tinham-se tornado oiro fôsko. Ambas se levantaram silenciosas e encaminharam-se para o corredor.

Descido o pequeno lance, tinham à direita uma porta, que as levaria outra vez, por um aposento de passagem, ao patamar da escadaria; à esquerda ficava uma antiga ante-sala, hoje fechada: continuaram pelo corredor fora, até à casa de costura, quási em frente do escritório,—a mesma onde Luciana sofrera semanas antes o primeiro paroxismo.

—Afinal, argüia a doente, todo o teu pensamento é deixar-nos.

—Já te tenho dito que haveis de ir comigo.

E expandiu, como costumava, os seus alegres projectos.

—Não habitaremos um casarão com um grande parque; mas teremos um jardimzito e uma pequena morada, onde nos sentiremos mais aninhados. E não receies que teu avô se recuse ou que não possa habituar-se....

Referiu as astúcias que empregaria, para arrastá-lo e dissipar-lhe a saudade.

—Será tratado com mimos de criança e todos os conchegos da velhice, todos os regalos e todos os respeitos. Comigo fica o entretê-lo....

Não a queria dissuadir Luciana, se mesmo ela estava persuadida; entretanto observou:

—Se tudo, no mundo, é possível, os teus planos serão possíveis.

—Teem sucedido coisas mais extraordinárias, redarguiu a companheira.

E quando já iam a entrar.

—Não suponhas que eu desista facilmente.

Assentaram-se perto da mesa, face a face.

—Pois isto não seria tão bom?

—Decerto. Quem pudesse vê-lo!....

Conquistava-a por ventura uma esperança ou só a ansiava o desejo?

Houve uma pausa demorada; Luciana parecia meditar.

—Foi aqui — exclamou, olhando em volta o aposento despido — foi aqui que esta doença primeiro me acometeu. A doença!?. . . . Quási que a morte. Porque, a ti posso confessar-te, foi um horror semelhante à morte. Não se morre senão uma vez, e nunca ninguém, julgo eu, nos veio depois contar. Mas aquilo deve de ser a morte.

Assustada com as reflexões da sua amiga, Isilda interjeccionou:

—Contudo, não te sentes mal agora?....

—Não; afortunadamente. Mas já aqui não entro, que me não recorde.

—Tens melhorado, em todo o caso....

A doente fez apenas um gesto. Prosseguiu:

—Foi também duma dessas janelas, se me não engana a memória, que minha mãe pergun-

tou para baixo quando lhe trouxeram . . . o marido.

— Ah! murmurou Isilda baixinho.

Surpreendia-a menos o facto do que a declaração inesperada. — Fez-se novamente uma pausa.

Como hoje não havia ali braseira, a mesa — coberta de moldes, de retalhos, da malha duma colcha já adiantada — estava no seu lugar ordinário, ao centro da casa. A um lado ficava o canapé, ladeado pelas cadeiras vulgaríssimas; e defronte, as duas arcas encoiradas. Entre as janelas, ao pé dum tamborete estofado, via-se uma dobadoira, meio envolta na meada; a parede fronteira, a da porta, achava-se quási vazia.

Para a rapariga tornara-se uma coisa costumeira aquele mobiliário insignificante e desconexo; mas Luciana lembrava-se de outro aparato, e observou, indicando:

— Nêsses tempos, só o que não estava, era isto assim.

Sem entender precisamente, a companheira notou, por falar:

— É natural que tenha mudado.

— Para peor?

— Que sei eu! . . . Mas numa habitação mais apertada, tu verias como essas mobílias ainda haviam de brilhar.

— No teu ninho, não é verdade?

Isilda melindrou-se levemente com o amigável remoque; respondeu com vivacidade:

— Ou no teu; porque não é a mim que pertencem.

A doente compreendeu que êsse desfôrço provinha duma interpretação falsa.

— Bem sabes qual será o meu ninho depois

dêste, retorquiu-lhe mansamente. Será o último, está claro.

A companheira pôs-se de pé.

— Não quero ouvir-te falar dêsse modo. Se te fiz zangar, ralha comigo; mas não comeces a tresvariar.

— Já estou calada; não digo mais.

Puxou-lhe a cadeira para bem junto de si e obrigou-a a assentar-se.

— As tuas intenções são boas, não ignoro. Quem me dera ter diante de mim tantos anos, como a tua saúde promete; talvez então partilhasse as fantasias com que às vezes te saís a meu respeito.

Tinha corado. Parou um instante.

— Em todo o caso não devia; sou viúva.

Acalmou com um gesto equânime os arrebatamentos de Isilda; e restringiu ainda:

— O peor, contudo, é que não tenho a tua idade nem portanto as tuas confianças. E isso....

— Vais dizer que não está na tua mão.

— É exacto. Assim como não está na minha mão o ser feliz e viver.

— Pois é no teu poder que tudo isso está.

— Não sejas louca.

— Que aborrecidas as tuas dúvidas!

Luciana encolheu os ombros com submissão. Depois, súbitamente, passado um silêncio:

— Quero há tempo fazer-te um pedido.

— Que vem a ser? indagou a outra amoravelmente.

— Este ano, em dia de finados, não fomos ao cemitério....

— Como tu estavas de cama....

— Sim; e o tempo, depois, não permitiu. Em seguida, até certo ponto, eu recaí.... Não penses porém que me tenha esquecido....

— Desejas ir, não é isso?

— Com certeza que desejava; mas receio de, pelo caminho, causar quaisquer embarços. Não é que me sinta mais doente....

— De acôrdo; contudo os solavancos do carro....

Luciana aprovou dum modo vago. Depois, entre indecisa e firme:

— Dia a dia estou à espera.... Mas enfim, se não puder acompanhar, queria ao menos que tu, por minha intenção, visitasses o jazigo de meu pai e da família.

— Nada mais fácil de satisfazer.

— Não achas que tenho razão?.... Se o avô já não estivesse um pouco falho de memória, por força não deixaria passar tanto....

Interrompeu-se, e com um quê de ansiedade perguntou:

— Quando tencionas então?

— Combinarei com o padrinho. Terá subido para o escritório?

— Naturalmente continua lá em baixo.

— Queres que vamos ter com êle?

— Não; fala-lhe antes como coisa tua. É melhor. Mas, para o favor ser completo, faze-me o que te peço o mais cedo que possas. Já decorreram tantas semanas.... É um dever, como sabes.

— Ponho-me a caminho amanhã.... ou depois.... logo que se obtenha um cavalo.

— Isso mesmo! E lá mais para diante, nada impede que eu vá em pessoa — se amanhã me não atrever.

A amiga relanceou-lhe um olhar investigador. Luciana levantou-se e dirigiu-se para uma das janelas.

— Está bem tristonha a tarde! observou.

E Isilda veio também ver.

Em baixo, pelo caminho lamacento, aproximavam-se pausadamente, bamboleando as ancas magras, quatro bois enormes e escuros, seguidos por um jumento peludo, onde montavam dois rapazitos, às cavaleiras um por trás do outro. Não teriam mais de cinco anos; ficava-lhes sumida a cara sob as abas derrubadas dos grandes chapéus de palha; e em silêncio, ou apenas com um grito, conduziam soltas as quatro alimárias, que baixavam o pescôço tristemente. Vinham da parte da estrada, que se interrompia, duma e doutra banda, para sucessivamente reaparecer mais além e de novo se ocultar. À borda escanzelavam-se, a modo de árvores, alguns troncos secos e mortos, como paus só bons para lume. No vale, o conjunto era cinzento, tirando ao castanho claro ou ao amarelo enxovalhado; no listirão de erva, dum verde doente, pastavam no emtanto algumas ovelhas, cujos chocalhos, de tempos a tempos, tilintavam longínquos e dolentes. Os pedregulhos das encostas—rapados talvez, ou cobertos de musgos—eram também acinzentados; de permeio, tapêtes ásperos, com um colorido de cobre sujo; dispersos ou em turbamulta, os mesmos troncos descarnados e rígidos. Lembravam uma floresta as eriçadas rochas dum cabeço; um outro verdejava com tons negros, encarapuçado de mato. No último plano, um pico aguçado feria altivamente os ares.

Um rancho de pardais, no meio da via, saltarinha à procura de cibato; piavam e chilreavam, pousando em tudo, debicando, imundos como galinhas. A passagem da caravana—os grandes bois e o jumento—afugentou-os; um voou, os demais voaram, todos em bando, e vieram

descer sôbre um olmo; alguns ramos ficaram inchados como se os carregassem de estranhos frutos; na ponta do esgalho mais alto balouçavam-se dois, lado a lado. Um dêles esvoaçou para a janela, onde as amigas, por trás dos vidros, continuavam a olhar.

—Coitadito! não estás gordo! exclamou com interêsse Isilda.

Sôbre o parapeito, o ousado pardal movia a cabeça e chiava; levantou o bico grosso e malcriado, voltou costas, remirou, sacudiu a plumagem hirsuta. Entretanto, impellido pelas crianças, o gado ia-se arrastando, com as pernas encrostadas de lama até ao jarrete, as compridas caudas pendentes. O passarito revooou para o caminho.

—Que tarde tristonha! suspirou outra vez Luciana.

—Como sempre, agora nesta quadra, retorquiui a rapariga.

—Ainda bem que não é de mim!

—Talvez um pouco, em todo o caso.

O céu, porém, impregnado de chuva ou neve, impunha uma tristeza sorumbática. Era uma nuvem alvacentas, com espessidões desiguais; num ponto diafaneizava-se mesmo, emquanto aqui e acolá se retingia em pastas quási carvão, imprecisas, esbordinhadas.

Luciana mostrou as mãos descoradas, exangues, as pontas dos dedos inertes de frio.

—Não seria melhor descermos? perguntou-lhe a camarada.

—Temos tempo de estar à lareira, nestas noites que não acabam. Aproveitemos a claridade.

—Sim, bem haja a claridade! assentiu Isilda.

E ficaram-se ambas, durante muito, a contemplar a paisagem sem viv'alma. A doente scis-

mava no futuro, indecisamente como indeciso êle parecia. Se estivesse no poder duma vontade realizar desejos quaisquer que êsses fôsem!...

Pouco a pouco chamou-lhe a atenção a rangeadeira interminável, ainda remota, dum carro. Esse gemer prolongado, sem variação, exacerbou-lhe a melancolia. Da sua má saúde não havia que esperar nem talvez mesmo uns anos de doença, — pensou.

— Falta-me o sangue, disse para a amiga.

— É só enquanto durar o inverno.

— Sim.... é possível.... Só enquanto durar o inverno. Depois....

A companheira exprimiu com ternura:

— Pudesse eu dar-te do meu calor!

Luciana esboçou um sorriso penoso; murmurou apenas:

— Mas ainda vem longe o fim da estação matadora!

Pela estrada, a meia encosta, a boa distância das janelas, seguia um rapaz corcovado sob um feixe; adiante, uma velha esfarrapada ia tangendo três burros, só diferenciáveis pelas cabeças orelhudas, até às patas vestidos de rama, que o andar cadenciado balançava. Pareciam três matagais movediços, a choutarem. Isilda gracejou daquele aspecto.

— Não devem ter medo à chuva que não demorará em cair.

No mesmo instante, uns salpicos ténues vieram esmagar-se nas vidraças.

— Agora, já me não importa a chuva, desde que não a oiço sôzinha alta noite.

Com efeito, a rapariga pernoitava últimamente na alcova de Luciana.

— Mas como é enfadonha, prosseguiu ela, esta chiadeira de carros!

Olhava para toda a parte, a procurar de onde provinha.

— É ali! explicou Isilda, apontando para uma volta de estrada uma carregação de mato.

A doente, porém, não escutava, com os olhos fitos num ponto.

— Ali! repetiu a mais nova.

Luciana fixava obstinada, lá em baixo, num torcicolo do caminho, quási no fundo do vale, um vulto negro, de estatura esguia, arrimado a um bordão. A rapariga sacudiu os ombros.

O carro de bois tinha parado um momento, e recomeçara com a mesma nostalgia mas num crescendo quási ensurdecedor.

— Desçamos, sim? propôs a enfêrma. Incomoda-me êsse ruído....

— Pois é pena, porque contra o costume estava isto não pouco animado.

Luciana encarou sisuda a amiga, a destrinçar o sentido da ironia, se tal era. Depois, vendo Isilda tão séria, ousou relancear uma última vez a criatura lá em baixo, que se esgueirava, como que pé ante pé, ao longo dum muro de pedra fusca arruinado.

— Desçamos, insistiu a doente.

Retomaram pelo corredor; à direita abriram a porta dum esconso, e fôram dar ao pequeno aposento escuro, onde Isilda, certa noite, tinha ficado a costurar enquanto a criada não voltava da cidade, de chamar o doutor Higino. Com êsse quarto interior comunicava a cozinha derruída. O entulho, em colossal montão, achava-se arrumado a uma parte; numa larga extensão, o sobrado arrombara-se, e tinham estendido alguns

pranchões, que não tapavam inteiramente o vazio negrejante; as janelas estavam entaipadas, mas do telhado fendido e esburacado, principalmente do seu grande rombo, baixava uma claridade parda, bem como pingos espatifados do chuveiro a começar. Descobria-se a nuvem aguacenta que ocupava todo o céu; o vento lufava grosso, trazendo um gélido frio.

As duas amigas entraram enfim na cozinha actual, tão extremamente rústica, sem os cómodos que a outra lograra. Para o seu muito comprimento, não lhe bastavam as janelas, ainda abertas, e a porta que deitava para o pátio; estava já abafada num crepúsculo. Também a Silveria, assentada em um talho, roca á cinta, puxando o fio, como que principiara o serão. O velho, instalado no escano, meio embuçado na capa, aquecia as mãos engelhadas, imóvel, todo curvado sôbre o lume. Não dirigiu uma palavra às recém-vindas; elas acomodaram-se no banco de frente, quasi intimidadas pelo silêncio, receosas de fazerem barulho.

Eram umas cepas que compunham a fogueira, o resto da última vinha de Constâncio, atacada pela moléstia. Ardiam lentamente, sem chama, ajudadas por alguns paus de outra lenha, formando brasas enormes, côr de oiro. Ao lado, ainda três ou quatro, cortadas ou desarraigadas, esperavam a vez de acabarem também, nessa derradeira morte.

Um gemido meio afogado partiu do canto do escano.

— Que vem a ser? perguntou Isilda.

O focinho da Silvéria, onde batia um clarão da fogueira, torceu-se numa espécie de risinho.

— Que foi? repreguntou Luciana.

Sem pressa, o avô ergueu a cara, com as feições mal distintas, apenas a barba a vermelhejar. Repetiram-lhe ainda a pergunta.

— É a Catarina que está com a pontada.

Ela gemeu outra vez, lá do escuro.

— Pobre Catarina! sussurrou Luciana. Que triste serão vai ter!

Isilda levantou-se ágilmente para ir buscar uma baeta que costumava a aquecer naqueles casos. A amiga desceu da lareira, atrás dela.

— Sempre há-de aqui estar alguém doente!.... Hoje que me sinto melhor....— Como o avô é desconfiado!.... Sinto, sim, acredite....

Mas neste instante, uma bâtega frenética desatou a chapoirar no telhado, sufocando as suas palavras.

TERCEIRA PARTE

I

EM baixo, no pátio, a carrinhola esperava. Era uma espécie de *break* leve, ainda em bom estado, com largas rodas, pequenos assentos laterais, sem cortinas nem tejadilho. Entre os varais, uma égua malhada, pouco nédia, estacionava cabiscaída; e o *Tio Grande*, na almofada, endormido, dormitava sobre o grosso punho, estendendo-se no cotovêlo.

Rutilante, porém frio, vinha crescendo o sol por entre dois picos; o céu ia-se polindo, todo escorrito de nuvens como num dia de primavera. Contudo, o chão, matinalmente sombreado, parecia polvilhado de farinha.

Isilda, ainda dentro de casa, dava as suas últimas ordens. Tinha convencido Constâncio de que não devia o ano findar, sem que ela, ao menos, fôsse ao cemitério, por intenção da família. Mais prescindível à doente do que seria Catarina, o velho determinara acompanhar a afilhada, não tanto por piedade como por não dei-

xá-la ir sòzinha. Agora, aguardava-a no-pátio, assentado no reboludo castanheiro, cuja casca, a todo o comprimento, a geada salpicara.

Perto dum celeiro, a meda enorme, era um montão de cinza em fio. Num sítio, talvez lamento, tinham espalhado abundante palha; dir-se-ia porêem uma extensa camada de agulhetas de prata cinzenta. Sôbre as pedras que ficavam mais próximo, distinguia-se muito bem a salmoira que esparsamente as orvalhava. Aqui e alêem, a geada era densíssima; desdobrava um tapête alvejante ao pé da meda; a rima de tábuas estava toda leitosa;—e onde a capa se adelgaçava, o terreno parecia coberto duma borralhada extinta.

O velho mirava com olhos baços, apoiadas as mãos na bengala, meio distraído pelos pensamentos. Revigorava-o ligeiramente a frescura matutina; considerava com menos pessimismo a doença de Luciana, e com clareza scismava nos seus mortos. Vagarosamente mas sem obsessão, rememorava-os um a um até ao mais remoto passado; o seu coração estava gasto para que ainda pudesse sofrer; só o amor à sua neta, em todo o mundo, o faria chorar as últimas lágrimas. Todavia, recuando no tempo, a memória, pouco a pouco, avivava-se-lhe; surgiam reminiscências de outras dôres, semelhantes às de hoje, simpáticas por essa semelhança,—e Constâncio embrenhou-se entre elas até derivar nos primeiros desgostos. Era bem precoce, afigurava-se-lhe, essa estreia de sofrimentos, e bem ininterrupta, bem longa, a cadeia de males, não obstante o curto da vida.... No emtanto, todos queremos viver; daí, a compaixão pelos que morreram, a tristeza justa da sua lembrança. De contrário, antes invejá-los.—Esquecia-se por fim do que o cercava;

perdeu a consciência da espera e do lugar; durante momentos vacilou compadecido, entre os outros e êle próprio—em verdade, também já meio morto.

Um pequenino ruído no zénite, igual a um fraco guincho, fê-lo levantar a cabeça. Três águias voavam alto no azul, tão alto que semelhavam pombas. Com as asas desmesuradas estendidas, que apenas palpitavam subtilmente, dançavam como as mósca num aposento—que não mais vasto parecia para elas o espaço,—traçando um círculo indeciso. O sol iluminava-as por de baixo; percebia-se-lhes o peito claro.

Como êle as admirava em rapaz! Ficava horas embevecido a fitá-las. Bons tempos! Tempos saudosos!... Mas desde então, encetado o infortúnio, tudo se transfigurara na sua alma como mudara na sua existência. Crer-se-ia que essas aves dominadoras eram as mesmas que contemplava em épocas afastadas; porém êle, quão outro era! Sómente a natureza permanece idêntica.

Depois de terem circulado alguns instantes, quási no mesmo lugar, as três águias desviaram-se mais para além, para aí continuarem a sua como contradança.

Sómente a natureza permanece idêntica, prosseguia o pensamento de Constâncio. Nós não fazemos mais que passar, continuamente passar, até à morte, que chega breve. Somos espécies de aparições, sem mais consistência do que uma aragem, surgindo em meio dum mundo petrificado, imutável, uma eternidade sobranceira e desde-nhosa de nós, como essas rapaces imperiosas. E todavia julgamo-nos reis e pouco menos de imortais,—sarcástica ilusão num destino mesquinho!

As águias, agora, seguiam em fila para o ho-

rizonte. Mal aparentavam o movimento; contudo iam muito rápidas, diminuindo depressa. Uma delas voltou atrás, e as duas asas requebradas oscilaram à direita e à esquerda, mostraram-se quasi de perfil como uma linha delgada, apresentaram depois toda a superfície interior. De vez em quando abanavam levemente; a ave inteira era só asa.

Constâncio cansou-se de observá-las, tão lá em cima no azul irradiante. Já via farrapos diante dos olhos. Retomou as reflexões, novamente cabisbaixo.

Confrangera-o o sentimento do nada humano. Que somos nós? exclamava consigo. Ninguém tem seguro o dia de amanhã. Ninguém deve contar com a vida. Apenas o passado é nosso (tanto quanto o passado pode ser); nem sabemos se terminamos o pensamento principiado, se a morte não vem cortá-lo. Porquê, pois, envaidecermo-nos duma inteligência confusa — que nos deixa envolvidos em incontáveis mistérios, — e ainda para mais tão frágil? De nada serve a robustez nem a saúde; o mundo que nos rodeia, forte e impiedoso, pode esmagar-nos a cada instante. E que nos poupe! nem por isso, desventuradamente, atingimos a imortalidade. Quando começamos a existência, imaginamo-la quasi eterna; é um relâmpago, pouco mais. Despertos dum sono infinito, espreguiçamo-nos a um raio de sol, balbuciamos, logo caímos, talvez noutro sono infinito. E ousamos supor-nos alguém!....

Procurou no céu as águias. Já não se avistava nenhuma. Aonde teriam ido? Em busca da vida? em busca da morte? Aquelas eram duma casta, a que no sítio chamavam *caçadores*; preferiam talvez as presas vivas, a carne bem late-

jante sob as garras. Outras apreciavam os cadáveres; gostavam de mergulhar o bico adunco na cartiça podre, esfacelada. Mas eram todas animais selvagens, sanguinolentos, crueis, entes de carniçina e horror, sócias, recoveiras da morte. — Lembrava-lhe alguém, que tinham trazido uma noite, com o rosto muitíssimo pálido, os cabelos revolvidos, os olhos negros esgazeados como a fitar a última sombra. É uma das mãos já vinha roída por uma bicada dos monstros!... Brutalidade sinistra a do destino, que nem de nós consente que se guarde uma vã aparência, ao menos. Cuidar-se-ia que a morte nos persegue, com um nunca apaziguável rancor, ainda para além da hora final. Nada ficará de quanto vive.

Não sermos nós como a natureza, que se mantém ou renasce, sempre constante nos seus atributos, sempre variável nas suas aparências, indestrutível nos alicerces e decaindo ou rejuvenescendo conforme o curso das estações incessantes! Nós envelhecemos sem remédio; nunca mais volta a juventude vigorosa; morremos um dia brutalmente, e sem que o ciclo torne a começar. Lá do alto, o céu perpétuamente desenrolado, as montanhas inabaláveis, as copas seculares da floresta, assistem ao nosso perpassar efêmero, com uma grandiosa indiferença, zombando da nossa incapacidade pelo seu insolente sempiterno existir. O mundo, meditava Constâncio, estava como êle o conhecera na infância; e era dos mais idosos na terra! Havia nas coisas a mesma frescura egoísta, a sua gloriosa existência permanecera sem corrupção; emtanto que êle estava desfigurado, um vestígio do que fôra, meio aniquiladas todas as fôrças, demolido, quási cadavérico. Em breve sucederia a catástrofe. Que importava uma

esperança insensata que lampejava no fundo do seu ser? Não passava dum débil vime, que o primeiro sôpro derrubará.

Com o tardo espírito da velhice, revolvía as mesmas ideas, achando um como deleite naquella obstinação ou sem conseguir encontrar-lhe saída. De subito, porém, variou. Sentenciava agora consigo, sempre na mesma amplitude: Se a persuasão de que tudo morre, pode ser consoladora, consolemo-nos com essa verdade. Sob um semblante de eternidade inextinguível, não sentimos em toda a natureza um germen de deperecimento? Presenceamos a morte, sem regresso, das coisas infinitéssimas: mas outras, como que ressuscitam diante dos nossos olhos; algumas parecem-nos irruináveis, até rebeldes à transformação;—e assim temos por vezes a crença de que nem tudo desaparece. Entretanto basta apelar para analogias sagazes e para uma subtil experiência. No seu viver—mesquinho minuto dentro dos séculos imagináveis—recebera tantas evidências de mutação e decaimento no que supunha mais sólido! A permanência significa ilusão, um êrro de perspectiva; é que os homens, por mais que se elevem, descobrem tão pouco horizonte como a formiga trepada num torrão.

Indivíduos, famílias, raças, tudo resvala no mesmo sorvedouro; as próprias coisas inertes, se resistem a desabar de roldão, são empurradas devagarinho pela vertente do abismo insaciável. Que magnificência escapará? Sem que todo o esforço nem qualquer defesa o possam impedir, a existência inteira há-de ser tragada. Infinita e tenebrosa, a morte governa onnipotente; será a vitoriosa final. Nada subsistirá de quanto existe,—senão só ella reinando sôbre o vácuo. Senão só ella. Ella só....

Estas considerações assim gerais fizeram-no desprezar as dôres próprias, que se lhe antojavam agora miseráveis, como toda a dôr, tão transitória. Também lhe valera antigamente êsse mesmo egoísmo filosófico. Não podia porém prosseguir, e ficava-lhe um cansaço como depois duma grande orgia. Há que tempo estava ali meditando? Afigurava-se-lhe que desde algumas horas. E porque pensara nos seus mortos, e no seu passado, igualmente morto? Ah! sim—recordou-se, vendo o carro—tinha de ir ao cemitério.

Isilda descia os degraus da cozinha, correndo; e corada, esbaforida, chegou ao pé de Constâncio.

—Desculpe tamanha demora, dizia; era preciso que, enquanto vamos, nada faltasse à Luciana—nem a dieta nem medicamentos. E a Catarina, coitada! já não há que fiar muito nela. Fiz-lhe mil recomendações; repeti-lhe as explicações miúdamente. Podemos ter qualquer atraso, e é bom estar ela inteirada. Veremos se não dá raia.

Iam ambos seguindo para o carro.

—O quê? o quê? perguntava o velho, os ouvidos atordoados com a rapidez da articulação e sem poder bem inferir pela seqüência.

Com afabilidade, mesmo alegre humor, Isilda explicou de novo.

—Oxalá não a confundisses, resmungou Constâncio azêdamente. A Catarina, só por si, ainda é capaz de tirar-se de apuros. Vossês imaginam que os velhos....

Não tinha em conta o desvêlo de Isilda, fôsse embora demasiado.

Ela ajudou o padrinho a subir e despertou o aldeão que lhes servia de cocheiro.

— Melhor fôra não me deixares para aí tanto tempo! rabujava Constâncio entretanto que se instalava.

Não era que do fundo a censurasse, mas habituara-se últimamente aos queixumes da velhice amimada; de resto, não se tinha aborrecido. A rapariga desculpou-se uma vez mais, emquanto lhe embrulhava as pernas numa grossa manta à escossesa. O *Tio Grande* fustigou a égua; e, contornando a esquina do edifício, a carrinhola safu pelo portão, já aberto de par em par.

— Vossês imaginam que a Catarina, teimava o nonagenário, e eu muito principalmente, não temos préstimo para nada. É dessa maneira a gente nova.

Um solavanco fê-lo calar-se.

— Também eu assim era, bem me lembro. Mas olha que estou assás castigado.

Isilda contrapôs carinhosa qualquer justificação, que êle provavelmente não ouviu; repisou várias vezes a mesma idea. A lassidão em que o tinha deixado a meditação de há pouco, tornava-se agora caturreira, avelhentava-o de toda a sua idade; os restos duma forte inteligência acabavam em embotamento. Perorou emfim:

— Esquece-nos que havemos de envelhecer e até nos enfastia aturar os idosos.

Depois de descer cautelosamente o atalho, o cocheiro tinha virado à estrada, dando costas ao logarejo acaçapado num extremo do vale; conduzia agora a trote.

Era uma hábil mão de rédea o *Tio Grande*, embora lavrador de profissão. Antigo rendeiro de Constâncio, conservara para com êle uma estima, misturada de gratidão e respeito, que não se escusava a nenhum serviço, do mais ínfimo ao que

julgasse mais honroso. Tinha a inteireza dos robustos; e de facto, à sua alcunha não escasseava o fundamento. Alto, espadaúdo, os pulsos rotundos, não estava longe de ser um gigante; sofria porê m de faltas de ar. A cara, crivada de bexigas, usava-a toda rapada; exprimia-se num vozirão façanhudo, com que ameaçava de morte e extermínio quem supusesse seu inimigo; — e não seriam muito vãs tais ameaças, que os seus inimigos declarados não abundavam por êsses contornos. Possuía um único vício: ouvir contos de lobishomens e bruxas; em troca narrava feitos de batalhas em que havia militado. A sua índole, se não podia dizer-se dura, continha todavia bastante de brutal.

Puxava a rédea, bradava, chicoteava; e a égua, com as guiseiras a retinir, pateava vivamente ao longo da estrada, levando trás si o vacilante veículo, cujas rodas circungiravam ágilmente. Em breve tinham deixado o vale.

A frialdade do ar, posto que não corresse vento, magoava as faces e as orelhas, enregelava pés e mãos. Apesar das luvas, que calçara, e da sua riqueza de sangue, Isilda não sentia os dedos, começavam as unhas a doer-lhe. — A carrinhola, sempre a rodar com rapidez, costeava vertentes, atravessava estreitos planaltos, donde se avistavam outras vertentes e planícies dilatadas. Por toda a parte tinha geado.

Ao longe, às vezes, não parecia; os campos apresentavam o seu usual aspecto, sem mais coloração que a trivial: ao perto, se incultos ou ressequidos, quando a camada era tenuíssima, dir-se-iam duma terra mais clara, como as há. Em muitos sítios, porê m, branquejavam riscas e malhas, de tamanho variável, — geada evidentemente

te, conquanto mesmo vista a distância. Os matos, se estavam próximo, scintilavam de cristaisitos no cocoruto das plantas, o terreno junto à raiz um pouco empoado, as hastes entretanto hirtas e sêcas. As searas, ainda para romperem, ou mal emergindo estreitinhas fôlhas, desenrolavam traços brancos e escuros, paralela e alternadamente; acumulava-se nos entressulcos o esquisito enfarinamento, contrastando com a côr dos sulcos, freqüentemente de humo bem negro. Se a acumulação era menos espêssa, desapareciam os verdes do cereal, todavia não ressaltava a brancura, enxovalhada de outras tintas ou apagada no chão cinzento. Mas a erva, sobretudo a pequenina, geralmente crescendo em baixas — extensas e muito lisas — pratejava fresca e limpa; a geada fazia aí uma espessura, contínua e alva, igual, só comparável a neve. Quási sempre nêsses prados havia árvores espalhadamente, — duras, desfolhadas, acarvoadas, em meio da lactescência. Quanto aos arvoredos compactos, eram como ilhas sombrias, demarcadas fortemente, nas vastidões esclariçadas, mais brancas quando pastagens, mais alvas quando terras de pão; do mesmo modo os matagais rasteiros ou qualquer tufo de vegetação, lá ao longe, pareciam escurecer o seu matiz, rodeados pela estendida alvura. Nos solos áridos, mais ou menos acidentados, mais ou menos pedregosos, mais ou menos trigueiros de si, com moitas enfezadas por aqui e por além, não raro se pensaria que uma caprichosa mão andara a distribuir o empoamento. Havia fitas, chapadas níveas, pedras enroladas em sal, penedos dum só lado salitrosos, arabescos no torrão a scentelha-rem, cristalizações trémulas na ponta de esgalhos, um polvilhamento desigual e sem regra, um

alvejar denso ou ligeiro, que estagnava, que es-
corregava, que se esburacava de negrumes, que
se deixava furar pelas saliências, que se disper-
sava em mil direcções, que atirava salpicos, der-
ramava pontuadas linhas, e nas covas se amon-
toava, a reluzir.

Noutras concavidades, a água gelara; também
os fios correntes, se pouco abundantes e pouco
rápidos, tinham de ordinário coalhado. Bastante
perto e à sombra, semelhavam chapas de ferro,
ou antes, lâminas de aço; ao sol igualavam poças
que não tivessem trepidações lucilantes; no afas-
tamento, pelas encostas assoalhadas, relampeja-
vam com um aspecto inconfundível. Certos gêlos
de aparência opaca e nevada brilhavam por vezes
dum modo singular e mais brilhantes do que o
líquido, mais cheios de luz, de faiscamentos, re-
petindo a imagem do sol, fácilmente deslumbran-
tes. Continuavam a fluir os regueiros menos pe-
nurosos, cachoavam as pequenas torrentes; e a
estrada, por instantes, transpôs um riacho arre-
batado, que mugia, a saltar espumosas quedas,
tão alvas como a própria geada.

Batalhões de cotovias passavam chilrando no
céu muito azul, ou voando ao longo dos vales, à
altura de meia encosta; pousavam na gleba, nas
rochas, cobriam as árvores, de novo se arremes-
savam, subindo altíssimo. Também as levandis-
cas, acinzentadas, com o peito branco e um colar
escuro, solitárias quási sempre, saltitavam per-
naltudas, como que jubilosas, mexediças, com a
longa cáuda abanicando. Uma ave preta e luzidia
grasnava, empoleirada num tronco nu; mais
adiante, num baldio penhascoso, pavoneava-se um
grande bando agoirento, que a guisalhada da égua
afugentou.

A medida que se aproximava do cemitério, Constâncio voltava a concentrar-se na recordação dos seus mortos, mas concreta agora, sem filosofias. A fadiga tinha abrandado, e o pensamento renascia, embora frouxo, resvalando para o mais funesto do passado. Antecessores, colaterais, descendentes, quantos cadáveres, quantos! Havia-os de homens feitos, de mulheres em plena mocidade, de velhos e de pequeninos, — que comprido cortejo! Havia parentes falecidos de velhice, arrebatados pela doença, vitimados por desastre, e até um, pelo crime! Que de rostos estimados ou queridos, que não mais tornara a ver nem nunca mais tornaria, a não ser com os olhos da alma — consolação ainda mais triste do que mesmo o esquecimento! Uma saudade abatida confrangia Constâncio; depois, uma resignação tremenda, como a treva dum abismo onde jazesse. Não era já a dôr pelos seus mortos que sobretudo o affligia, quando nêles em turba pensava; era o espanto, a inibição, ante a fatalidade inderogável e todo poderosa, que a ninguém brutalizara mais. Arrasara tudo em volta dêle, espalhara a ruína no seu coração; só lhe tinha poupado a vida, mas quem sabe para que fins!?.... Não bons, com toda a certeza.

Reminiscências mais ou menos minuciosas arrastavam-se no seu espírito, variadas sem grande escolha. Lembrava-se de seu pai, encanecido, no leito da morte, dando-lhe com voz quebrada os derradeiros conselhos; um médico, vestido de preto, encontrava-se presente; um seu tio soluçava. Depois, via alguns dos irmãos, todos mais idosos do que êle: o que lhe era próximo em anos, estudioso e taciturno, que falecera bastante novo; um outro, muito soberbo, cabeçudo

e dissipador, que um dia se expatriara, sem mais notícias; uma irmã, descorada e franzina, a predilecta da mãe. Doutros irmãos tivera sobrinhos. Dois dêles haviam acabado embravecidos na guerra civil, lutando por ideais contrários; uma sobrinha, de bondade sem par, amargurada por não ter descendência, entregara-se depois de viúva a obras caritativas, e perecera quasi à míngua; um dos rapazes, nobre figura da família, morrera duma queda de cavalo. Em linha masculina, já há muito se extinguiu a geração; êle, Constâncio, era o único que mantinha o apelido de seu pai. Mas mesmo os descendentes das sobrinhas, se havia algum perdido de vista, sabia da maior parte que tinham succumbido precocemente; — casamentos assás ruins e prole nenhuma ou raquítica.

Não poucos dêses colaterais, bem como vários parentes seus por afinidade, tinham em diferentes temporadas aviventado o solar hoje quasi deserto; todos, porém, estavam em cemitérios distantes, — e dos antepassados que não conhecera, alguns sob as lápjeas da igreja, com inscrições meio puídas. Não era pois a nenhum de êles que o velho ia prestar a homenagem fúnebre. No jazigo da família, só repousavam cinco de seus filhos, sua mulher, uma das suas noras.

Antonietta, a leviana, a amante dos prazeres fúteis, fenecera muito longe, duma doença negligenciada que contraíra ao sair dum baile; seu marido, grande estroina, que tudo havia esbanjado, não teve ao menos a solicitude piedosa de trasladar-lhe o cadáver para próximo da família, a quem a arrebatara tão cedo. Mas os pequeninos caixões dum filho e filha de Constâncio, extintos na meninice, o caixão, bastante maior, dum que

expirara na puberdade, lá estavam no ostentoso jazigo, ao lado de Edmundo, o outrora alegre, e de Vasco, o primogénito, assassinado.

Por largo tempo, Constâncio agitou as memórias dum e de outro, tão parecidos pelo carácter e contudo tão diversos. Eram ambos varonis, apaixonados, imprudentes; ambos pródigos e sem previdência; mas um primava pela distinção, o outro inclinava ao plebeísmo. Êste era rude, aquelle estudado, segundo mútuamente se accusavam; e por isso não podiam tolerar-se. Diferiam não menos no físico do que se diferenciavam na bravura: um, o arruaceiro, o brigão exaltado; o outro, o aventureiro, o tranquilo temerário; sanguíneo aquelle, desdenhoso êste. Sôbre Edmundo saíriavam, é certo, os ruinosos processos, zumbiam as importunas vinganças; Vasco, tão simplesmente, encontrou um dia uma trágica morte. Ambos excediam em bizzarria o pai, tão generoso; mas um era o fidalgo magnânimo, o outro o campónio franco. Quando findou para o plebeu a época das rapaziadas turbulentas, enfronhou-se na jogatina, depois em negocções atrevidos para que não tinha capacidade. O mais velho gastou sempre como grão senhor, sobretudo em fantasias de alto luxo; extravaganciou em sumptuosidades ou dispousou em pequenos caprichos, sempre com um requinte de artista, que lisongeava o pai. Constâncio pagava com fervor as dívidas do seu primogénito, que lealmente lhas declarava; mostrava-se porêem renitente em adiantar a Edmundo, que lhe parecia mau gastador. Êle tinha de astuciar, e chegava a achar mais cómodo apoderar-se de dinheiros da lavoura — que não raro dispndia só por dispender, querendo assim rivalizar com o irmão. De duas vezes que geriu a casa, desbara-

tou gravemente a fortuna paterna; Vasco, ao menos, não se lhe dava da administração dos bens da família. Talvez que julgasse a vida muito pouca para o amor. Adorava as mulheres; por elas prodigalizava sem termo, cometia as mais várias loucuras; o irmão tinha a avidez da fêmea, tomava-as e conservava-as, pode dizer-se que pela fôrça, — capaz então de perpetrar crimes. Um casou-se muito moço por um acesso de romantismo; o outro, na idade viril por uma curta veleidade de recato; e ambos abandonaram as consortes. Já perto dos cincoenta anos, ferido da doença final, Edmundo continuava a doidejar. Pouco lhe alterara a alegria a morte dos seus três filhos, que uma epidemia infantil, um atrás doutro, derribara. Vasco, do seu matrimónio, tivera apenas Luciana, que por enquanto . . .

Depois de vagorosos rodeios, através de episódios minúsculos daquelas duas existências, quando Constâncio transpôs o passado e veio a scismar na derradeira neta, na única sobrevivente, o seu pensamento estacou. Defronte, Isilda, sacudida pelos solavancos, contemplava silenciosa o inverno.

A geada tapetava longas tiras de macadame; resvalava pela escharpa dos aterros, laivando bbugens ou empastando sôbre a negrura. No panorama fazia sempre um xadrez multicolor, ora estendendo uma camada unida e aparentemente espessa, ora adegaçando-se e rareando, segundo as variantes dos territórios.

Os prados, nas encostas lisas ou nas planícies ao sopé das vertentes, tinham um branquejar mate; por vezes faiscavam ao sol nascente como espalhados de mil brilhantes. Destacavam com incisivo recorte, iguais a superfícies nevadas,

quando cercados de sementeiras, onde a geada derreteria mais. De resto, ainda nessas culturas de trigo ou centeio, a diferença no matiz era flagrante, de retalho para retalho; uns apareciam brancos, outros exalviçados, outros esverdoados ou mesmo escuros, não obstante os entressulcos do arado desenrolarem através de todos êles as suas listras sempre alvejantes. — Porém o mais singular era ver que as vastidões, ou melhor, os objectos próximos — penhascos, plantas, destroços, — conservavam todas as formas, até às mínimas minúcias, de permeio ou por debaixo do grosso embranquecimento; os próprios musgos, se algumas vezes ficavam quási sepultos, não raro desenhavam um a um os seus delicados relevos sob a cambraia argentina.

De tempos a tempos, da beira da estrada, levantava-se meio esparsa, chilreante, uma nuvem de cotovias. Mais adiante, em bando cerrado, pairando nas alturas, voavam e revoavam de cá para lá, guinchando débilmente ou soltando um chilro breve; elevavam-se mais, desciam um pouco, com o peito claro banhado de sol, as asas rápidas brilhando como lâminas. Isilda, que repetidamente, porém debalde, tinha tentado esparecer a taciturnidade do velho, admirava agora num enlêvo, com uma frescura de imprevisita novidade.

A espaços, a estrada enterrava-se não fundo ou marginava um terreno áspero ao nível dos assentos do carro; percebia-se então distintamente a miuçalha de sais que revestiam o chão. As fôlhas acobreadas de carvalho, dispersamente caídas, estavam barradas de açúcar areado, ou crivadas de cristais agudos, que formavam como vegetações; a um relance era uma folhame de neve sôbre uma terra esbranquiçada. A verdura

dilnia-se, misturada a tons de cinza; e, examinadas de perto, as fôlhas filiformes da erva tinham todas engrossado, envoltas em vidrilhos translúcidos. Em sítios, os pedregulhos salientavam-se negros por sôbre uma extensão leitosa; noutros sítios, recobertos pela sua pálida crosta, que lhes cingia cada uma das formas, sem de modo nenhum alterá-las, assentavam num plano fusco. As vezes, o limite da geada era exactamente o limite da sombra — duma árvore, duma rocha, dum combro, — ou circumtornava interiormente todos os recortes da sombra a uma exígua distância. Mas o solo, na sua maior parte, estava por emquanto sombreado; e a par de retalhadas lactescências, entreviam-se ao pé, entre as escabrosidades, alvejamientos contínuos e deslumbrantes.

O *Tio Grande* incitava com o grito, sacudia a rédea, fustigava. A carrinhola, tendo atravessado uma garganta, começou a circundar um monte escarpado, de onde se avistava, lá em baixo, uma dilatada planura. O chão era muito raso, e densa, talvez, a geada; dir-se-ia que tinha nevado. Mil cristais faúlham ao sol, embranquecendo por igual as glebas em pousio, que entremeavam os campos arados. Aí, a nevada parecia menos espessa; bajúando para os regos de terra, clara e sem ponta de erva, a brancura amontoava-se no vértice das leivas, que estiravam interminavelmente a sua geometria rectilínea; o conjunto era contudo um mar de leite. Em meio, alguns troncos isolados pintavam traços denegridos, mas as sombras que projectavam, faziam rendilhados alvíssimos; duas massas de arvoredos, um tanto ou quanto simétricas, aprumavam-se quási carvão — mesmo o terreno sob os esgalhos tinto dum tom carregado; pequenos tufos de mato dispersavam rasgões acasta-

nhados; e as carvalheiras anãs, irregularmente espalhadas, em massiço arredondado como canteiros de jardim, surgiam recortadas em cobre entre a alvura pratejante. De longe em longe, compridos canais paralelos retalhavam a região, coalhados de gelo côr de cola, com um aspecto gelatinoso, lembrando um líquido estagnado; alongavam-se em linha recta e iam perder-se no horizonte. A considerável distância, um cêrro brusco, como que pousado no vasto planalto, ocultava-se a meia vertente por trás de farrapos diáfanos — uma neblina a desfazer-se. Na falda, sôbre uma escoante rochosa, branquejava qual-quer coisa e vagamente scintilava; seria uma humidade gelada. A cumieira alçava-se estéril, com amolgamentos em claro-escuro.

— Como é que tu, indagou Constâncio abruptamente, te lembraste duma visita ao cemitério, tu que pensas tão pouco nos mortos?

A rapariga, que absorta admirava a paisagem, não pôde encobrir um embaraço.

— Que quer o padrinho!? Lembrei-me.

Mas pouco hábil no mentir, e ainda sem sangue-frio, deixou-se fácilmente decifrar pelo velho, que a encarava com fixidez.

— Foi a Luciana que te pediu . . .

Ela afirmou com a cabeça. Repugnava-lhe contradizer a verdade; e neste caso, para quê?

— Que me hão-de sempre esconder tudo! resmungou Constâncio.

Isilda sorriu a acarinhar.

— Desejei satisfazer a Luciana . . . E que importância pode ter de onde é que veio êste alvitre?

O velho já não respondeu. — Que importância!? Mas tinha-a toda, sobretudo depois de tais

segredos. Assim, a doente é que ansiava por aquela homenagem, talvez propiciatória, aos que se lhe haviam adiantado. Alguma superstição a obsidiara certamente, pois por qual outro motivo teria dissimulado? E nem sequer se atrevera a acompanhar!... Assás conhecia a neta, supunha, para lhe interpretar com exactidão o proceder. De resto, a afilhada, se quisesse, confirmaria as conjecturas; baldado era porém o consultá-la. Todavia, prosseguiu Constâncio,—e um pensamento de terror o avassalou em meio da sua serena lógica,—se a enfêrma pretendia bemquistar-se com os espectros, se temia, é que scismava na faminta vala aberta, é porque se sentia muito mal. O seu raciocínio, com a angústia, dissolveu-se em suspeitas vãs que atabalhoadamente acastelou; culminante ficava no emtanto a indestrutível convicção de que ela se encontrava peor. Sim, Luciana peorara, Luciana ia talvez morrer; sem dúvida, dentro em breve, morria.

O seu affecto enormizava o perigo. Escondiam-lho, mentiam-lhe, zombavam todos da sua caducidade em nome duma errada compaixão,—e qualquer dia, inesperadamente, era o Irremediável, a Suprema Dor! Também a superstição o desvairava; um delírio horrorizado ante o que lhe parecia o grande mistério, mais tremendo se ameaçava a última do seu sangue, levava-o a crer em predestinações. Era como se a mortandade, inelutável e perseverante, de todos os seus, o devesse deixar derradeiro. Tinha um fim essa hecatombe,—e nenhum outro, como a sua delongada velhice: deixá-lo único sôbre a terra, vendo succumbir até ao fim uma genealogia exuberante, Mas porquê êsse destino monstruoso? A sua vida tinha sido pura. Se a morte não fôsse a demen-

te.... Nada havia a fazer contra ela. Luciana já desesperava dessa esfaimada inexorável, que sentia arrastá-la subtil. Os mortos, seres compassivos, que fôram inteligentes, julgava que pudessem socorrê-la. Se porêem estava condenada, nenhum lhe poderia valer.... Contudo, estaria realmente?

Não se resolveu numa esperança a pergunta. Os pensamentos em que viera concentrado durante todo o trajecto, tinham preparado um desfecho pessimista. Tentou olhar para os campos inverniaes, duma benignidade aparente; um véu de sofrimento interpunha-se; o pavor de que Luciana fôsse brevemente morrer ou pelo menos estivesse muito mal, obcecava-o. Caiu num entorpecimento, em que a mesma ansiedade, surdamente, continuava a latejar. Depois, uma pausa, nada! um perfeito vazio de alma.

TENDO metido por um intervalo das montanhas, a estrada deixara atrás a rechã e começara a subir. Sempre e por toda a parte, geada. Isilda, por mais duma vez, dirigiu em vão a palavra ao velho. Percebendo-lhe o acabrunhamento, contudo as feições mais calmas, não voltou a interpellá-lo; ia porém desassossegada, e vigiava-o de soslaio. Passado muito, observou:

—Se soubesse que esta romagem havia de causar tanta tristeza ao meu padrinho, tinha-lhe pedido que não viesse.

Constâncio mirou-a com olhos apagados, sacudiu a cabeça, suspirou; mas, captado pela intonação de simpatia, procurou dissimular o desalento. Ela, então, principiou a apontar-lhe minudências, a falar do que se avistava, com um grande esforço de distraí-lo.

Já perto, na eminência, que com o pescoço estirado, o focinho pendurado para a terra, a égua ia a passo vencendo, aparecia a vetusta cidade.

As muralhas negrejavam meio desmanteladas; a catedral volumosa, flanqueada por duas altas tôrres, dominava com um semblante inabalável e secular a massa pouco vasta do casario. Um homem do povo e uma mulher desciam a estrada—êlé, coberto com uma capa de burel, muito recamada no cabeção, gravemente encapuzado, nas mãos grossas umas luvas a agulha; ela, embiocada num chale, vestida duma saia curta, que lhe descobria as meias, de côr preta como todo o vestuário.

Durante um espaço, o carro costeou uns montículos, que interceptavam o terreno em baixo: alguns pedregulhos desmoronados do talude, não tinham, embora à sombra, qualquer vestígio de geada; mas os rochedos aderentes ao solo, fôsem musgosos ou áridos, estavam como que nevados.

Mais adiante, a penedia quebrou, e lá ao fundo appareceu um ribeiro. A faixa de macadame prolongava-se com êle, a boa altura; avistava-se o arco duma ponte, passado a qual, o curso alargava, indo alfim perder-se numa volta. Nêsse pedaço do seu trajecto, a corrente era pouco profunda, azulada, reluzente—bem que o sol não a visasse,—cristalina, murmurante e rápida; distinguíam-se, enraizados no álveo, inteiramente submersos, compridos molhos de limos, que a ligeireza do fluxo fazia inclinar para jusante. Na levada do moinho, a água derivava mansamente; mas sob o casebre da azenha, a roda revolteava e o líquido saía cuspinhento entre espumas esverdoadas. Mais a montante, alguns cachopos quási afogados faziam-na também referver, causando pequenas pregas no pressuroso lençol, que batia contra os pégões da ponte e logo depois escantilhava em repetidos degraus. Abaixo, uma

ilheta relvosa, dum verdor levemente aljofrado; depois, uma abundância de penhas emergentes, de diversas dimensões, em amontoados fantasistas, excavadas algumas de largos buracos, que ou estavam tapados com vidraças de gêlo ou apresentavam rebordos tão lisos, que dir-se-iam artificiais. Pelos interstícios daqueles fragnedos cresciam vegetações esverdinhas, e entre elas um mato côr de vinho, cujas profusas hastes delgadas, também orlavam a torrente nas tiras de leite em sêco; de onde a onde em saliências das plantas pardeciam aprazivelmente poeiras de brilhantina.

As margens subiam alto, num pendor um tanto abrupto, de repente alcantilado na fugitiva viravolta do ribeiro. Escaleiravam-se de ambas as partes — socalcos a desmoronarem-se: brotavam aí culturas, rociadas de geada, assim como sôbre grandes penedos, que às vezes, pelo contrário, as interrompiam; hortejos tremeluziam de sais, à mistura com glebas nuas branquejantes; noutros logares eriçavam-se palhas, restolhos ressequidos e amarelos ou cheinhos de cristalizações. Na riba de lá, entre infertilidades rugosas, desenhadas de orvalho congelado, levantavam-se alguns choupos magríssimos; para cima, pastagens tosadas, altibaixas, raiadas de esmeralda e de opala; depois, leivas tingidas de borralho, com trigo a esverdinhar entre os regos. Para além, a terra era um barro claro, assumindo tons de grão, lânguidamente acidentada; feixes de urze e de giesta sarapintavam uma longa encosta; negrejavam oliveiras em meio dum campo pedregoso. Do lado de cá, da estrada até à margem do ribeiro, alargava-se um matagal entre rochas, algumas bem frescas de musgo; e, du-

rante uma extensão, à beira do percurso, o chão enfelpava-se repetidamente de graciosos ramos de tomilho—que antes parecia rosmaninho—com as folhas, na parte mais convexa, muito rendadas de cristais em fieira, e contudo recedentes.

—É uma primavera! notou Isilda.

O velho acenou sómente, com o rosto erguido para a cidade.

Culminava cada vez mais próximo a moribunda povoação. A sua tonalidade negrecenta e os gigantescos esboroamentos confundiam-na com os pedregais em redor; mal aparecia o casario, anteparado pela soturna muralha, que enormes buracas minavam no sopé. Não fôra só a acção do tempo que tanto a havia destruído; tinham-na saqueado os moradores, para edificarem algumas tôscas baiucas, que se lhe encostavam esmagadas. Um caminho estreito, semeado de fragmentos desabados, circundava-a por um espaço; julgar-se-ia que a alguns campos perto tinham tentado torná-los estéreis à fôrça de calhaus arremessados. Figueiras retorcidas e vegetais bravies cresciam nas junturas da pedra; de seteiras, nem resquícios, e de toda a coroa de ameias, restava apenas um mesquinho grupo, como quatro dentes partidos. Avistava-se a entrada outrora principal—uma espécie de atenuada ogiva, ladeada de dois torreões truncados; adivinhava-se o lugar dos gonzos, mas porta, já não existia. Por cima, um parapeito derruído; pela abertura entremostrava-se uma quelha ladeirenta e sinuosa. Dum e de outro lado dos torreões, a muralha, construída geralmente de grandes blocos regulares, até meio, e para cima, de seixo pouco grosso ainda com vestígios de cimento, abatia-se não longe—em declive desnivelado e íngreme, menos e menos

alta, interrompida, caótica, até desfazer-se em escombros, servindo de contraforte a uma quinta em terraplano, e mais além, tão só de divisória. Durante um lance, como a proteger-se, conservava ainda à frente um paredão mutilado, atermando uma vasta leira, atulhada de hortaliças, que a geada descorara. Assomavam acolá alguns telhados. Num ângulo surgia o castelo, com uma entrada meio ogival deitando para uma abóboda em ruína; um pano de muro estava quasi intácto, dois outros, encetados, semi-demolidos, às vezes rôtos até à base, acabavam num montão de entulho.

A medida que a carruagem, na sua vagarosa escalada, ia contornando a montanha, aparecia junto à Sé o antigo Paço dos Arcebispos, destruição dum vasto edificio. Dos seus salões por certo imensos, e dos seus incontáveis aposentos, não restavam mais que as paredes; ao que o abandôno, talvez a guerra, haviam dado comêço, a pilhagem pusera o remate. O telhado desabara; a crosta de cal e areia descobria a estrutura rude, as pedras irregulares e massiças; ao rez-do-chão, portas e janelas estavam entaipadas com pranchas; no andar superior, abriam para o vácuo, e a lájea dum patamar, absurdamente, esbeaçava-se sôbre o precipício. Crescia a erva onde quer que podia, prosperava o sabugueiro; trepavam heras folhudas, vestindo tristemente a fachada: alguns arcos de volta abatida, tendo por fundo uma parede imunda, entre duas alas pouco salientes. Pelo solo jaziam, espalhados, pedaços de cantaria, mutilações de estatuetas; em cima, através dos rasgões, entreviam-se interiores desolados.

Mais para cá, entre o Paço e a Cathedral, divisava-se o cemitério; de trás do muro caiado es-

galgavam-se alguns ciprestes. Uma dúzia de águias burreiras adejava, bem a prumo, sôbre o campo mortuário; [desciam um nada, oscilavam, para voltarem à mesma altura, ora mostrando a face interna da asa pardacenta, debruada de escuro, ora oferecendo a ponta da cauda, ora inclinando o dorso acendrado, batidas em cheio pelo sol. Bandeados com elas libravam-se três corvos. Nem sempre a côr negra realçava; e pela envergadura, bem menor, dir-se-iam águias mais novas. Voavam alto como as companheiras, mas soltando antipáticos grasnos. Depressa baixaram crucitando, — e com um vôo bastante pesado, atravessaram para longe.

Por um atalho que a estrada bipartia, cruzou uma velha tangendo dois burricos, um dêles carregado de cântaros; voltava naturalmente da fonte lá-além e ia á povoação fornecer água. Pouco a pouco amiudavam-se os ranchos de camponeses que regressavam do burgo; saudavam o *Tio Grande* com um gesto, resmoneavam o bom dia aos senhores. Os homens, embuçados nas capas, traziam um lenço ao redor da cabeça, ou descendo sob o queixo e atado em volta do pescoço; sôbre o lenço, um boné, às vezes nada, ou um enorme chapéu desabado; nas mãos, as luvas brancas de malha. As mulheres, com vestes de viúva, encapuchavam-se no chale.

A égua puxava agora mais ágil, como presentindo o termo da jornada. Daquele ponto elevado, o horizonte era longínquo. Ísilda esquecia-se do padrinho, desafogada com a vastidão.

Em lentas ondulações, os campos desdobravam-se variadamente até uma remota fileira de cristas; mas, fôsse pelo afastamento, pela subida do sol, ou porque a região era menos fria, muitos não

pareciam geados. Uns, lavrados ainda há pouco tempo, tinham a aparência do humo fresco; outros, mais claros, côr de tabaco, acaso desnudos, só perto evidenciavam os sulcos da charrua e nem sempre folhitas de erva. Contudo, uma chã pequenina estava fôfa de relva basta, salpoeirada; mais longe, um relvedo magro tremia iriados aljófares; destacava, a meia distância entre os dois, um outeiro bastante empinado, apenas com rochedos alvacentos. Plantas ressequinadas, entre arestas de monte, embraveciam torrões argentados. A estrada surdia súbito numa volta, de trás duma dobra do terreno, que aí se amarrotava preguiceiro, com leiras férteis e macias. Perto, no alto duma encosta, toda parda de geada, com montes como de sal de espaço a espaço, ostentava-se um grupo de pinheiros mansos, numeroso mas rarefeito; ao lado, cumes arredondados e suaves, parecendo cortados os grandes regos numa terra mole e ubérrima conquanto sem vegetação. Bandos de árvores, quasi sempre desvestidas, dispersavam-se em meio da paisagem: salgueiros, freixos e álamos, igualmente desfolhados, carvalhos com a fôlha engehlhada, os troncos mais cinzentos ou mais verdeongos conforme os aderentes parasitas, oliveiras tristonhas, baças, picadas de frutos muito negros. Muros baixotes, de pedra solta, incluíam talhões da vastidão, dois bocados de pastagem verdejante; casas, também de pedra solta, atarracadas, uma porta e uma janela, assomavam isoladamente pelas colinas, com o telhado ou o colmo ensalmoiado: o carro passava agora ao pé duma agreste choupana, à qual duas ou três penhas formavam outras tantas das paredes. Numa vertente paciam bois; mais adiante tosava a erva uma jumenta, seguida pelo filho, lanzudo;—tilintavam

chocalhos de rebanho. Quási ao fundo viam-se as ribanceiras dum rio, aonde iria desaguar o ribeiro que lá em baixo fôra transposto. Os campos próximo ao rio eram os mais amarfanhados, muito esburgados, estéreis; dum lado e de outro no planalto, junto às margens, tinham uma aparência gredosa, com lepras de mato e carvalheira. A corrente deslisava pachorrenta, como uma larga e comprida fita dum verde médio, denso e opaco, entre barreiras declives e ásperas; fragas colossais e inacessíveis, áridas, ou mal vicejantes dum bolor pálido e chato, sugeriam aspectos do curso de água que limitava o parque de Constâncio, — e com efeito eram as mesmas águas. Na direcção oposta, ao longe, por trás da cidade, entreavistava-se de novo a estrada, linearmente porêem, como vista de perfil. Era uma linha clara, orlada de árvores; mais além reaparecia com uma largura de superfície, — e a fazer zigue-zagues, perdia-se.

Ajudado pela afillhada, Constâncio apeou-se perto dum cômrego, escabroso e ladeirento, e caminhou em direitura ao cemitério, lá em cima. Continuando no carro a contornear a eminência, iriam dar à parte oposta à da Sé, e teriam de atravessar a cidade — o que lhes era pesaroso. O velho preferiu subir trôpegamente, com o braço enfiado no braço de Isilda, até uma fenda num trôço de muralha, por onde entraram na antiga praça-forte.

Estavam numa espécie de baldio, com uns casabres mal arruados, ao fundo, e o entreabrir de um beco sinuoso; era um terreno apaúlado de charcos, formados geralmente em sulcos de carro, com lamaçais remolhados talvez pelas infiltrações de alguma nascente. Em muitos lugares de êsse brejo havia lâminas de vidraça delgada,

pouco transparente, crivada de bôlhas miúdas, por vezes raiada de riscos interiores, como que um vidro grosseiro e arqueológico; — abrigada pela crosta vidrenta avistava-se a água imunda entre a lama. Alguns empapamentos tinham apenas uma cutícula de salitrações muito aglomeradas — carambina que não vingara; — algumas poças tinham só água lamacenta, com sais na orla a trasbordarem para o enxuto. — Sob o piso, a camada de carambina rangia, estalava como vidro a quebrar-se, e afundia-se, porém sem derreter.

Encostava à alta muralha, pela parte de dentro da fortificação, uma escadaria de degraus puidos, esbordinhados e trémulos; lentamente, parando a espaços, o velho trepou, apoiado à rapariga. Seguiram pelo cimo do muro, desempedrado mas largo; uma hera monstruosa, como um basto matagal, revestia-o desde baixo. Pernadas grossas mais que uma cepa, lançando ramificações inumeráveis e estendendo como tentáculos uma rede de liames muito finos, agarravam as pedras tenazmente e faziam-nas germinar uma opulenta vegetação de fôlhas, — algumas enfezadas, amarelas, prestes a caírem; outras tenras, luzidias e largas; outras ponteagudas, ornando pendentos cachos carregados de bagas verdes. Cá em cima, muitas das fôlhas estavam eriçadas de agulhas vítreas; certas, porém, só nos bordos é que tinham um debrum de geada. Em camada um tanto espessa havia pelo chão extensões das mesmas palhetas hirtas, misturadas a simples salmoirada; eram minúsculos molhos de picos, nascendo de múltiplas raízes; pareciam cardos de neve, às vezes flôres mais delicadas, pequeninas rosetas preciosas. Do lado oposto ao terreiro pantanoso, da banda de fora da cidade, crescia protegida pelo muro uma

solitária amendoeira, com os ramos secos, na sua metade mais exposta, a todo o comprimento empoados; uma figueira, enraizada nas juntas da pedra, atirava uma floresta de paus mortos, esclarecidos mais de si que da geada, mas reluzindo de brilhantes. O telhado dum pardieiro, na superfície convexa das telhas, particularmente em algumas, estava betado de grossas polpas de neve; — ao pé, um cerrado de hortaliças tinha um verdôr desmaiado; as couves, muito geadas, haviam tomado um matiz aguado, segundo porêm a casta mais escuras ou mais alvadias. No plano superior da muralha, por onde o velho, precedido de Isilda, ia pausadamente caminhando, todos os ramilhos, todas as folhagensitas, todos os pedúnculos, arrastados para ali pelo vento ou ainda brotando do torrão, estavam envoltos em cristalinidades, que cingiam os mínimos detalhes, tanto mais pulverizados os sais quanto mais débeis as plantas. Nas hastesinhas, ainda as mais pequenas, parecia haver uma parte desprovida de congelações; as fôlhas menos miúdas, só na face voltada ao céu branquejavam com a orvalhada: umas vezes, rendilhavam-se unicamente as nervuras; outras vezes, todas recobertas, lembravam artifícios de confeiteiro. Também as plântulas franzinas dir-se-iam feitas de gêlo.

Isilda parava por instantes, entretida a raspar os pedregulhos, vestígio das antigas ameias; alguns tinham crosta como que de neve, mas a custo se deixava arrancar e derretia-se logo nos dedos. A camada nunca era grossa, conquanto em sítios muito branca e em todo o caso apertada; as pègadas sujavam a brancura, sem tornarem contudo a terra à sua côr.

Quási ao nível dos dois caminhantes, e a já

não muita distância, viam-se os restos do Paço entulhando um alto morro, aonde a muralha, em rampa vagarosa, agora tendia a encostar-se e pouco a pouco findava. O edifício era miséria, despojado dos ornamentos, até mesmo das cantarias dos ombrais, raras as paredes interiores, encardida, musguenta e escalavrada, a enorme frontaria. Não longe ficava o cemitério. Mediava um terreno duríssimo, como que um humo petrificado à mistura com palhitas, ervas murchas, garavetos; não era uma superfície unida, mas uma concreção de pequenos torrões, agregados sólidamente, semelhando um cimento granuloso, por onde contudo se caminhava fácil, sem esmigalhar as granulações. Estava tudo colado a tal ponto, que em sítios desnivelados, por mais que os pés de Constâncio embicassem, nem uma só saliência rolava, nem uma incrustação desaderia. Chapa-das de vasa negra faziam vivo destaque com faixas de lodaçal rociadas de vidrilhos.

Rodeando o muro do cemitério, Isilda e o velho vieram dar a uma pequena esplanada, para onde deitava o único portão. Constâncio experimentou um tremor até ao fundo do seu ser, e pretextando cansaço, pediu que se assentassem um instante. Havia cá fora, em volta, um parapeito de pedra, com alguns bancos embutidos; o velho e a rapariga instalaram-se lado a lado, — ela atenta, sem o parecer, a cada gesto do padrinho, êle affectando indiferença pela causa, um tanto complexa, da sua subitânea comoção. Para dissimular e distrair pensamentos, curvou-se um pouco sobre o parapeito e apontou com dedo trémulo um tугúrio enfumado e aluído.

— É ali que mora a Bárbara!

Ficava perto dum atalho que descia da espla-

nada, quasi ao tópo da ládeira, o sórdido casebre da velhota; montões de frias alvinitências escorriam pelo colmo, como se ali houvesse nevado; uma fresta baça, a única, tinha revérberos de gêlo; a porta desconjuntada tirava para verde-mar, uma tinta recente e incólume, berrante e caricata entre aquele descabro. Nas imediações, nenhuns indícios de viv'alma; o antro estava solitário em meio dum campo raso e infecundo.

—Será verdade que ela é filha dum coveiro? perguntou a rapariga, absorta mau grado seu na estranheza da miseranda residência.

—Tão verdade, naturalmente, como isso de ser feiticeira,—volveu Constâncio num tom indefinido.

A afillhada justificou:

—É assim que alguns explicam o morar ela neste local.

O interlocutor não respondeu.

—O meu padrinho conheceu-lhe a família?

Constâncio teye um gesto impreciso.

Para além do limite da cidade descobria-se um pedaço de paisagem: a princípio, uma zona carinhosa; depois, um chão melancólico, povoado de oliveiras; ao fundo, o rio cavado e sombrio, marginado ali de grandes socalcos, que pareciam de longe degraus estéreis; por último, uma encosta bravia, toda semeada de calhaus, laminada de congelações fulgurantes. Em baixo, junto às ruínas da muralha, retorcia-se uma alfurja medieval, orlada de casotas arcaicas; ia desembocar numa viela íngreme, que penetrava e desaparecia sob os telhados confusos dum amolguentado magote de casario; adivinhava-se o burgo decadente, quasi que sem moradores, quasi um pejamento de escombros,—e tão apartado, tão esquecido, tão ignorado do resto dos homens, que confrangia o coração.

—Faz-se tarde, não te parece? interpelou o ancião. A Luciana poderá sentir-se peor

—Esperemos que não, resserenou Isilda.

—Sim, esperemos! murmurou êle como quem vence um nó na garganta.

Aproximaram-se do cemitério, lentamente. Pelo portão gradeado, os seus olhares, obliquando, avistavam uns canteiros aósolados, duas cruces carunchosas cravadas em sepulturas, um pequeno túmulo de mármore com coroas de mirradas perpétuas, a pirâmide de alguns ciprestes, muito altos, soturnos, como de bronze. Chegaram e Isilda empurrou o portão entreaberto. A perspectiva mudou. Arrumado a um muro dos lados apareceu o jazigo da família. Era vasto, elevado como um edifício, massiço como um rochedo, com um aspecto inderruível. Inerte não, nem mesmo adormecido, sob a torreira do sol parado; num repouso expectante e pachorrrento. A larga porta parecia bocejar para o escuro duma voragem funda; dentro de mausoléu tão espaçoso, julgar-se-ia caber um mundo. Surpreendia, irritava, quási amedrontava, em meio da agreste singeleza das vegetações ao abandôno, a sua lúgubre sumptuosidade; ficava, único e triunfante naquela penúria e desleixo de cemitério de aldeia. Negro e dourado, imponente e enorme, dir-se-ia que êle, só, enchia todo o campo fatal.

O velho tirou o chapéu e exclamou com uma espécie de sarcasmo:

—Eu fui sempre um imprevidente, afilhada! Um jazigo assim tamanho obriga a prodigalidades.

—É dispêndio conservá-lo em bom estado, corroborou a rapariga.

Êle, porém, com um rancor sombrio:

—E fartá-lo, sobretudo fartá-lo.

III

No dia seguinte, primeiro do ano, Luciana amanheceu com febre. Havia passado uma noite ansiada, e Isilda impediu-a de se levantar.

— Que triste comêço de ano queres que eu tenha! objectou a doente.

— As coisas mal começadas são bem acabadas — retorquiui Isilda, risonha.

— Vamos afligir teu padrinho....

— Antes êle se aflija um pouco do que tu peores muito, insistiu a rapariga.

Fitava-lhe a fisionomia abatida, e pusera um tal realce nas palavras, que Luciana calou-se e obedeceu. Não estava afeita a ouvi-la falar com um tom de tanta gravidade quando se tratava da doença; um relâmpago de terror perpassou nos seus olhos castanhos. A amiga perguntou meio em segrêdo:

— Imaginas que ocultarias hoje a prostração?....

Com voz clara e convincente prosseguiu :

— Eu sei que o mal não há-de durar, que é sobretudo um estado de fraqueza que tu contigo mesma exageras ; mas teu avô pensa de outro modo, e mais receia quanto mais se lhe encobre.

— Que queres então que eu faça, minha Isilda ?

— Sê franca para comigo, como nos temos prometido ; e por descuido ou fingimento nada evites que te possa melhorar.

Era a isso que desejava convencê-la.

— Teu avô só ganhará serenidade em te percebendo curada.

— Pobre velho ! exclamou a neta, terá de esperar muito tempo.

— Nem por isso, volveu Isilda, se quizeres obedecer-me. E entretanto deixa-o a meu cargo.

Julgava ter pacientado demasiadamente com a doença ; achava-se resolvida a ser agora inflexível ; e com o seu arreigado optimismo, já festejava no íntimo o triunfo.

Como estava bastante quebrantada, pela insónia não menos que pela febre, Luciana não discutiu. Daí a pouco descaía em modorna, que a amiga logo utilizou para ir ao encontro de Constâncio. Justificou a quebreira da enfêrma pela noite mal dormida, e esta, por um descuido na medicação, do qual falsamente se culpou. Enquanto o padrinho lhe ralhasse, esqueceria talvez as peoras da neta.

Luciana acordou menos prostrada, e segundo o seu costume mostrou-se confiante e prazenteira na presença de Constâncio. Não obstante as indicações de Isilda, fingiu-se cheia de vigores, increpando-a benévola por tê-la obrigado a ficar de cama ; — todavia, a sós com ela, retomava a hipochondria.

— Mau comêço de ano, filha! muito mau comêço de ano! . . . Tenho o pressentimento de que não passo dêste.

— Traga-te êle bastantes felicidades, respondeu-lhe a companheira, que saúde para as logras há-de trazer-te.

— Porque supões isso? inquiriu a doente, com uma surda satisfação.

E a rapariga ingénuaente:

— Pois havias de andar sempre achacada!?

— Sempre, não; mas até à morte.

— Quem é que morre por coisa tão pouca!?

— Só eu sei como às vezes soffro — tornou com brandura Luciana, meneando vagarosamente a cabeleira ondeada e negra.

— Sofrer é horrível mas não é morrer.

— É talvez morrer aos poucos.

Porêem Isilda, com uma forte intimativa:

— É em todo o caso viver.

Nada abalava a sua crença optimista; parecia indisputável; vencia. Contudo, voltando a estarem sòzinhas uns momentos, Luciana reteimou:

— De nada serviu ires ao cemitério.

— Porque te sentes peor!?. . . .

A enfêrma confirmou ao de leve, com a cabeça.

— Devia talvez ter-te acompanhado . . . Ou os mortos perceberiam que não foi desinteressada a minha solicitude — e punem-me.

— Estás uma incrível supersticiosa!

— Achas-me ridícula, não é assim? Mas é que tens fôrça e vida. Estou mais supersticiosa desde que entrei a soffrer.

— Mêdo da morte? interrogou Isilda.

A amiga hesitou um instante. Murmurou:

— Poderá ser um bem, mas é um mistério.

—Pfe!

—De toda a maneira, mêdo dos mortos.

—Parece que volveste à infância

Luciana calou-se, ruborizada. Certo pudor a retivera até então; entretanto, desde que Isilda era sua companheira de quarto, fôra-se habituando a nada encobrir-lhe do que se ligava à doença—ou porque a sinceridade lhe fazia bem, ou porque mesmo, em várias circunstâncias, a dissimulação se tornara impossível.

—Confessa tudo, minha amuadiça! reatou a rapariga.

E passando-lhe o braço em volta do pescoço, puxou-a a si e afagou-lhe o queixo, como se acarinhasse uma criança. O modo era porém tão amorável, que a doente fitou-a agradecida, e sorriu-lhe com um semblante de confiança e lealdade.

Havia nelas um quê de vagamente semelhante, ou fôsse nas feições, na expressão, ou nos olhares; os olhos diferiam muito, sobretudo quanto ao brilho,—e contudo, quem reparasse, achava-lhes sem vacilar o mesmo belo tom castanho; por pouco que eram os mesmos cabelos.

—Confessa tudo, já que começaste, persuadiu de novo Isilda. Pelo que entendo, misturas muito à vida os que já lhe não pertencem.

—Sim, alguns envolvo à minha vida.

—E receias dêles

—Fui talvez desafiá-los, mandando-te ao cemitério. Quem sabe se os falecidos não podem lembrar-se de nós sem tentarem chamar-nos para si! Quem sabe quanto êles podem! E quanto êles abrangem! É possível que seja para meu bem.

—Não empreendas numa tal loucura, irrom-

peu a amiga. A acreditares nessa fantasia, eras capaz de deixares-te peorar.

— Não crês, então, que haja outra existência que valha mais do que a presente?

Isilda encolheu os ombros num movimento nervoso.

— Tenho ouvido dizer tanta coisa.... Por mim, nunca me interessou meditar miúdamente nêsse ponto.

— Pois eu, às vezes, sem dar por isso, ponho-me a devanear....

— Nunca mais te deixo sòzinha — declarou a rapariga, ameaçando-a com o dedo.

Luciana prosseguiu um tanto scéptica.

— Ora sonho tudo peor, ora melhor, depois da morte. Mas outras vezes passam-me pelo espírito não sei que doidas extravagâncias. Imagino que os mortos convivem connosco, que esvoaçam como fumos em redor de nós, que nos observam, que lêem no nosso pensamento, que se intrometem nas nossas acções, que nos favorecem ou nos contrariam, que nos inspiram ou nos abandonam.

Tornara-se mais e mais grave, quási murmurante.

— Emfim! Não gosto de falar nisto. Parece-me que traz desgraça conversar no que deve ser mistério.

— Mas são tudo ideas que precisas de expulsar. De hoje em diante não hás-de ocultá-las à tua melhor amiga.

— Por isso falei, minha querida. — Não julgas que endoideci?

Isilda afagou-a de novo.

— Que pensas das minhas superstições, sinceramente?

— Os mortos não voltam a êste mundo. Su-

ponho que depois de acabar aqui tornamos a viver nalguma estrela.

A companheira atalhou:

— Então sempre crês que essa vida vale mais do que a presente, — numa estrela!....

— Antes quereria reincarnar-me, viver na Terra, que conheço.

— E porque não será assim?

Plácidamente Isilda redarguiu:

— Mão tenho desejo de desvendá-lo.

Fez-se uma pausa de reflexão.

— Dizes bem, exprimiu Luciana.

E com um reprimido suspiro:

— Quem me dera a mim estar boa!

— E hás-de estar, com toda a certeza.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Começo o ano tão mal!....

— Que importa!

— Cheguei a crer, pelo contrário, que me traria mudança para melhor.

— Deves então desanimar logo a princípio?

Luciana hesitou um breve instante.

— É que, por mais artificiosos que sejam os meios, sinto que não está no poder de ninguém lutar contra *essa coisa negra*.

Aspirou profundamente.

— É não há talvez outra vida senão esta, e tudo se extingue na tumba.

A amiga replicou com vivacidade:

— Seja como for, é atroz morrer, cuido eu. Parece-me que é uma obrigação em toda a parte e sempre desfeitear a morte.

— Mesmo fraca e de cama como eu estou?

— Mil vezes peor que estivesse.

O rosto de Luciana denotava agora um menor desalento; alacremenente, a rapariga afastou-se.

—Mas para quê gastar palavras? dizia. Não se trata senão de doença.

Quando o velho tornou a entrar, achou no ambiente quasi uma bonança; a doente, silenciosa, entretinha-se a seguir com os olhos a lida laboriosa de Isilda.

Pouco depois, a Silvéria, com um sorriso apalermado, annunciou o doutor, que vinha acompanhado de Mateus.

—Que suba também, determinou Constâncio.

—Incomodaste-te para nos dares as boas-festas? interrogou afávelmente, saindo ao encontro dos dois visitantes.

Apontou para o leito da neta:

—Aqui tens o meu ano bom!

—Então que se passou desde ontem? indagou surpreso Higino, ao ver de cama a sua enfêrma.

Isilda antecipou-se aos demais e explicou a seu geito.

—Quanto sinto! quanto sinto! murmurava Mateus compenetrado.

O médico examinou Luciana.

—Não melhora, doutor! gemeu o velho.

—Havemos de pô-la melhor.

—Diz que há-de pô-la melhor—repetiu a rapariga, mais alto e convictamente, perto do ouvido do padrinho.

—Mas como isso tarda! insistiu Constâncio.

—Veem mais depressa do que vão, certas doenças.—Muito cuidado e muita persistência devem no emtanto conseguir alguma coisa.

Fixava pertinazmente Luciana—uma ruga ambígua na testa, não tanto desassossêgo como mera concentração, ou apenas sisudez.

—Fez bem em não se levantar; está assim óptimamente. Evite as comoções e as fadigas,

como lhe tenho recomendado; de contrário pode haver gravidade. E continue com o mesmo tratamento . . . até vermos.

Emquanto a doente conversava com Mateus, observou baixinho a Isilda:

—A máxima cautela, todas as prescrições! O mal está mais teimoso do que eu esperava,—e tanto peor assim! que, dum momento para o outro, pode sobrevir perigo.

—Mas há-de curá-la antes.

Ele sorriu à sua confiança.

—Certamente! se me ajudar.

Voltou-se para Constâncio, taciturno, e bradou-lhe:

—Tem de combinar, me parece, com a sua afilhada, que lhe ceda uma porção de coragem. E não é isso dum veterano tão valente.

O velho respondeu sem animação, justificou-se com um tanto de rabugem; Higino procurou distraí-lo, do mesmo modo que à neta, desafiando uma conversa com Mateus.

—Está indisciplinado o nosso pedagogo, proclamou. É favor demorarem-no aqui, para não se estafar a ler. Já o avisei que desistia de tratá-lo;—e não me fico em ameaças com os menos obedientes.

—Ouves, Luciana? interpelou a amiga, com a mesma jovialidade de Higino.

—Não é comigo, que sou bem comportada.

Todos riram para animá-la, à excepção do avô. O clínico prosseguiu:

—Quer ser o mestre-escola modelo; mas palpita-me que não dará aos educandos o exemplo do respeito da saúde.

—É isso mais atribuição dos médicos.

—Não concordo, meu normalista, redarguiu o doutor.

—Para, nem uma vez só, estarem de acôrdo — comentou Isilda a meia voz.

Ambos tomaram a bem o gracejo. Mateus apellou para a assemblea:

—Nas aldeias, o facultativo também deve ser mestre na sua competência.

—Concepção de professor! que vê alunos em toda a parte. Quando se deixa para sempre a escola — convêm que o Mateus não esqueça, para razoavelmente se poupar, — há uma tarefa mais grata do que continuar a aprender: é desaprender o pouco que se sabe.

—Mas cumpre que assim não seja, retrucou o antagonista. É por isso que eu desejava que todos os instruídos se organisassem para a instrução dos adultos. *A Liga contra a ignorância!*

—Nunca ela seria tão forte como a liga dos que ignoram contra todo o conhecimento.

Mateus calou-se um instante, melindrado nos seus ideais, despeitado pela refutação capciosa cuja ironia quasi lhe escapava.

—Deve conceder em todo o caso — reatou, a desviar a controvérsia, — que é má taboleta para um médico uma aparência achacosa.

—Não lhe será útil, pessoalmente, trazer consigo a evidência de que nem tudo pode a medicina; mas é insensato quem a julga omnipotente.

—Há gente grave que quasi assim a julga, notou Mateus numa branda crítica.

—Apóstolos, como o amigo é na sua pedagogia. Eu não tenho êsse excelente fanatismo. Para mim acho grande proeza salvar a bagatela duma vida, e alegro-me infinitamente quando faço curas difíceis.

Assumi um tom menos leve.

— De resto, creio na saúde, e nada me tira a boa vontade.

— A morte é sempre a mais forte — regougou lá do seu canto o velho, que parecera até então indiferente ao diálogo.

— Não diga tal, meu padrinho.

— Quem fala nela!? e para quê!? exclamou Higino ásperamente.

Havia bem percebido que a enfêrma se impressionara.

— Devemos todos fingir ignorá-la, prosseguiu. Que nos importa que seja, ou não, forte? Só o médico tem a ver com ela. E atacar confiadamente, ganhando todo o tempo que possa, é a sua obrigação.

Desconsolado, pôs ponto no colóquio, que não conseguira manter prazenteiro.

Ao sair, interpelou Luciana.

— Quere um conselho? Não resida nêste clima.

— Para onde hei-de ir eu residir!? respondeu ela, com uma inflexão impotente.

— Pelo menos, não viva aqui no inverno.

— Tenho apêgo a esta casa, onde nasci.

— Mas quantos anos viveste longe! objectou Isilda suasiva.

— Estou talvez mais sentimental desde que ando adoentada.

Com um arreganho puéril, num desusado autoritarismo, Constâncio pronunciou:

— A saúde prima tudo.

— Trata-se pois duma prescrição? indagou ansiosa a neta.

Higino confirmou com um modo ponderado.

— Não é apenas um conselho, muito embora de médico?

— Logo que se encontre menos fraca, é minha opinião que deve partir. Em voltando, conversaremos; mas, quando mais não seja, retire-se este inverno.

A doente ficava esmorecida; não fôra feliz de essa feita o doutor. Em vão, a rapariga repetiu:

— A mudança de ares é uma distracção.

Dificuldades e despesas, meditava Luciana.

Também o avô, com a sua atitude merencória, assombreava a sociedade; e Mateus, calado e sisudo, não era mais consolador.

A convite do velho e da enfêrma, o visitante permaneceu até à noite.

Esse dia de inteira quietação levantou visivelmente os vigores de Luciana, mas no moral não tornou a melhorar. Por mais que em tempos houvesse dito, ou ainda dissesse agora, — temia a morte, desejava a vida, quanto menos segura lhe parecia. Isilda mitigava dúvidas, insinuava esperanças, porém sem resultado; esgotada por uma insistência que ninguém coadjuvava, quis propor uma distracção.

— Vamos a um jôgo, sr. Mateus?

Se mais não fôsse, aquele alvitre obrigá-lo-ia a algumas réplicas. Mas Constâncio interveio a censurar.

— Às vezes julgo-te pessoa séria; não passas porém duma criança estouvada.

— Pois tratem-me todos como criança estouvada e resignem-se a entreter-me.

Catarina, gemelhante, já trouxera um candieiro de petróleo, que colocara sôbre a cómoda; a rapariga deu mais fôrça à luz.

— Puxem pelos dinheiros, ordenou zombe-teira.

Foi buscar um cartão da *Glória*, que na vés-

pera descobrira dentro dum gavetão abandonado, e desenrolou-o sôbre a cama. Compreendera que com razões não decidiria ninguém a jogar êsse jôgo frívolo; — a doente estendia os beiços num enfado.

— Vamos! impunha a amiga. Apetece-me êste divertimento. E às crianças faz-se uma vontade.

Por muito insípida que fôsse a partida, reputava-a um derivativo ao pesadume; Luciana acedeu à intenção. Chocalhou o copo e arremessou os dados.

— Sete!

— Número feliz! observou Isilda para animar. — Agora o padrinho! Não se recuse; não seja desmancha-prazeres....

Êle arrastou a poltrona mais para próximo do leito. Cedia por hábito, rabujando.

— Não vês que nem tenho firmeza para sacudir uns dados?

Até certo ponto, a sua mão trémula confirmava aquele queixume. A afilhada respondeu, travêssamente engodando, que o ganhar não dependia de firmeza, — e passou o copo a Mateus.

De espaço a espaço era necessário ler as condições de alguns números, os prémios, as pagas ou os atrasos, resultantes de certas jogadas. O professor salmodiava as cláusulas, impressas na margem do cartão; Isilda fazia andar as marcas.

Só ela palavra, comentava, fingindo-se divertidíssima com as freiráticas invenções da *Glória*: sem palavra, murchamente, os demais, cada um a seu turno, iam lançando os dois cubos de marfim.

— Sessenta e três — e cinco, sessenta e oito. Caí na morte! murmurou Luciana.

—Que acontece? inquiriu a rapariga.

—«Retira a marca e perde o direito ao jôgo.»

—Que coisa tão aborrecida!

Mas reparando na amiga, cuja fisionomia se tinha ennevoado, emendou logo:

—Paciência! ressuscitarás para o próximo.

—É isso mesmo! assentiu a doente, tentando mascarar-se de serenidade.

Com um sorriso imóvel e o olhar perdido esperou o acabamento da partida. O avô, de absorvido, nem notara o incidente nem percebeu que ela não jogava.

Recomeçou-se uma e outra vez, advindo aos jogadores várias peripécias, que Isilda procurava tornar jocosas; ela própria caiu no Inferno, Mateus abismou-se no Poço.

—Coragem! que já lhe atiram uma corda.

Desde o percalço de Luciana, que parecera tomá-lo tanto a peito, a companheira estava menos segura. Não previra aquele caso, e o que desejava agora, para desfazer tôda a impressão, é que mais alguém fôsse anulado pelo mesmo número macabro. Entretanto, até então, todos haviam saltado a casa fatídica, onde uma frusta caveira e duas túbias cruzadas emblemavam a morte; Isilda principiava a enraivecer.

Nisto, Luciana teve um bom lance, que a faria ultrapassar mesmo os mais adiantados.

—Doze!?! Bravo! exclamou a rapariga.

Mas a doente arrojando o copo:

—Ora basta! Já é azar!

Ficava muito enfiada e confusa, tanto pela teima da sorte como pelo indiscreto movimento de cólera, inacostumado na sua brandura. Não estava menos perturbada a amiga, tendo sido a causa involuntária daquele abalo e desprazer.

O velho, porém, cuja vista ia de semana a semana enfraquecendo, não lobrigara a alteração nos semblantes; perguntava sómente o motivo porque a neta se tinha irritado.

—É que—tartamudeou o professor, temendo esclarecer em demasia—perdeu o direito a continuar.

Não entendera logo a princípio a comoção de Luciana; adicionados porém os doze pontos ao número cincoenta e quatro, que ela anteriormente havia atingido, achou a sôma funesta. Quedava-se pesaroso, ou fôsse por comprazer ou porque de algum modo partilhava o crendeirismo da enferma.

Constâncio, imputando a irritação a mero desapontamento e querendo atalhar, alvitrou:

—Pois se ela não continua, acabemos.

—Sim, tem razão o padrinho. É realmente um jôgo estúpido.

É Isilda enrolou o cartão, sem detença, e atirou-o para cima da cómoda. Naquele momento detestava-se pelo entretém que propusera, conquanto na melhor das intenções. Havia em todos um mal-estar; mas já nem mesmo se atrevia a suscitar qualquer conversa, com mêdo de outro desaire. O velho, muito soturno, inculpava-a naturalmente pela contrariedade da neta; Luciana ficara a meditar os novos preságios infaustos que tinha tirado do jôgo, e Mateus não sabia disfarçar que também se sentira abalado. Contemplando-os assim vencidos, a rapariga amplificava o êrro, negava-se todo o perdão.

Ia para baixar a luz, mas deteve-se. Já era assim bastante triste essa alcova de doente—onde o leito elevado, a meio, parecia enormizar-se,—com moveis volumosos de outras eras,

sombras paradas nos recantos, Luciana entre as almofadas brancas, e imerso lívidamente nos reflexos esverdeados do *abat-jour* de porcelana, o grupo quieto dos dois assistentes, assentados com um ar sucumbido, lembrando réus que aguardassem a morte.

— Vou-me embora, articulou por fim Mateus.

Para os não deixar como que estupificados num sentimento angustioso, Isilda afoitou-se a dizer:

— Vai ter um lindo luar.

— Está deveras tão bonito? inquiriu êle secundando-a.

Isilda ganhou mais decisão.

— Ora chegue aqui à janela, convidou com o seu modo aprazível.

E levantando um dos cortinados:

— Vês daí? perguntou a Luciana.

Crer-se-ia ter recuperado a sua natural satisfação.

— Como a lua está pura! exclamou. E que nuvens tão de neve!

— Está puríssima a lua, reforçou Mateus. Mas parece-me uma pedra de gelo, e tão fria como se o fôsse.

— Seria ela, apontou a rapariga com um sorriso ainda inseguro, que deitou acolá essa geada.

Num pedaço de caminho, alguma volta acaso à sombra o dia inteiro, havia uma chapada de brancura, no geral um tanto baça; dir-se-ia um coalho de leite, onde faúlhas aqui e além punham aparências de salina.

— Deve estar uma noite enregelada, lá fora, reflexionou o visitante.

— Sim, mas deliciosa, persistiu Isilda. — O padrinho não vem espreitar?

Ele resmungou um não.

Essa recusa desconcertou o seu esforço; balbuciou umas últimas frases, a encobrir a retirada.

— Amanhã hás-de vêr, Luciana!... A estrada é como um rio de prata...

Mas também a amiga não mostrava interessar-se. Isilda ficou silenciosa, alguns momentos ao lado de Mateus, espionando para fora.

Havia na terra enormes sombras duras denunciando os relevos, alguns porêem, em grande parte, já refrêscados de luar; apareciam também planos imaculadamente alvejantes, como que lisuras polidas, não se sabia se estéreis. Certos pormenores, bem conhecidos, deixavam-se contudo adivinhar: perto, distinguiam-se quási; ao longe predominava a confusão — uma fosforescência igual, uma côr única e formas indistintas. Quando se lançava de repente a vista, ou pelo contrário se fixava em demasia, o conjunto tornava-se fantasmagórico. Uma vertente, embebida de luz, semelhava um lençol de água. No horizonte, as árvores esgalhadas e os dentes da montanha, faziam oposição, na sua realidade brutal, cortados em matéria rija, com as saliências, arvoredos e muros, mais abaixo, esboçados aériamente. Mal se ouvia o murmurinho dumá torrentezita, que se entreavistava, sumia na escuridão, e reaparecia argentina. — No fundo do vale vencia o negrume, com uma tristeza de noite cerrada; pela encosta pairava a aurora, deslumbrante e glacial, como um sonho de pérola liquifeita.

Era quási lua cheia; mas no azul de invernal limpidez brilhavam algumas estrelas, levemente trepidantes. Grandes nuvens, apenas manchadas, cobriam largo espaço do céu; — e de repente, o

astro pálido foi ténueamente nublado, e assim se conservou por algum tempo. A atmosfera transparente embaciou, o sonho eclipsou-se, e sob a fúnebre iluminação borrascosa, como que ficou mais profundo o escuro poço do vale.

— Vou, repetiu Matheus.

Luciana, sôzinha com o avô enquanto a rapariga acompanhava o visitante, sentiu redobrar a melancolia. Não era a falta dêsse amigo da família, que lhe dava a sensação dum abandôno irremediável, duma solidão absoluta; parecia-lhe como se Isilda tivesse partido também, atraída pela fria noite de luar, e não devesse voltar nunca mais. E ela ali ficava sem socorro, de cama, paralizada, ao lado dum velho incapaz e com uma criada doente para os servir!... Seria a morte fatalmente, horrendamente, num isolamento de animal selvagem.

Esta insana imaginação dum cérebro debilitado não fez senão perpassar; mais fugitivo fôra ainda o mórbido sentimento de que Isilda partira sem regresso. Para onde? para quê? por que motivo?... Contudo, habituada à companhia, precisando tanto mais do seu apoio quanto mais combalida e descorajosa estava, Luciana permaneceu alguns instantes num atemorizado sofrimento, ansiosa pelo fim dessa breve ausência. A desesperança a que resvalara, sugeria-lhe facilmente a desgraça; e se já não se tratava da idea de ter perdido a assistente dedicada, occorria-lhe vir a perdê-la. Com o seu vigor, saúde e mocidade, que obrigação tinha Isilda, uma engeitada, de ali estar naquela casa, velando velhos e enfermos? O mundo abria-se diante dela, chamando-a com os seus imprevistos, as suas belezas reais, os seus prazeres imaginários; e apenas

a reteria a compaixão! Mas, emfim, se era impossível que a que se tornara sua irmã, cansada de alegres sacrifícios, traísse algum dia a amizade, não poderia por outra circunstância, involuntária e inevitável, a única pessoa válida inesperadamente faltar!?...

— Meu avô, atreveu-se Luciana, o médico tem razão. Continuarmos aqui, pode ser mau — para mim, e para todos vós, acredite. Esta casa é tão cheia de lembranças... Novo ano, vida nova!...

— Hein? O quê? perguntou o velho.

— Sinto medo de estar aqui.

Ele olhou-a mortificamente, como quem não tivesse ouvido ou pelo menos compreendido. A doente não repetiu, receosa de haver dito demais; a sua resolução, porém, fortificou. Neste momento ajudassem-na as forças, que imediatamente fugia, como se ali habitasse a Peste!

IV

NUMA chuviscosa manhã, Catarina entrava na cidade, por sob o arco, em ogiva obtusa, da antiga porta principal. Mais abrigada pela abóbada, deteve-se um instante, compôs o lenço e o chale, antes de principiar a subir a calçada sinuosa, onde o vento se debatia e os telhados lagrimejavam.

— Olha quem ela é! interjeicionou uma comadre, assomando ao portal duma venda dois edificios acima.

— Bom dia! respondeu Catarina, com ar de poucos amigos.

Empinou o guarda-chuva, apanhou a saia, e começou pesadamente a ascensão. Dirigia-se pela banda da vendeira, que a aguardava; todavia um quê de contrafeito indicava que preferiria esquivar-se.

— A sua senhora está melhorzinha?

— Hum! Não está peor; vamos indo.

Chegava junto da outra; parou um momento

para não ser malcriada. Preguntou-lhe pelo homem e pelos filhos; porém a da venda voltou logo à doente.

— Dizem que não tem andado boa há certo tempo. É bem mau quando as doenças fazem casa...

— Não há tanto tempo como isso.

— Mas, enfim, não é nada de maior?

— Tenho esperança que não, sr.^a Aninhas.

E Catharina foi-se pondo a caminho para evitar mais conversas.

Desde muito que não ia à cidade e já esperava que a causticassem com perguntas que reputava importunas. Não cria na boa-fé dessa gente, e era-lhe acerba toda a bisbilhotice depois que o amo tinha caído em patente decadência. Acêrca de tantas inquietações, pesares, adversidades, nem sempre podia mentir; e confessar a verdade custava-lhe. Procurava calar-se e fugir, vencendo a nativa tagarelice, — demais, hoje, que carregava uma pena que lhe enchia o coração!

— O que desejo, é as melhoras, ajuntou ainda a chamada Aninhas.

— Muito agradecida ao seu cuidado! redarguiu-lhe Catarina, virando-se numa despedida.

Avançava lentamente, esbofando, pela ladeira desempedrada. Os prédios, geralmente estreitos e de não mais que um andar, pareciam prestes a ruírem; largas rachas de alto a baixo, paredes barrigudas ou côncavas, remendos sarrafaçais a acudirem ao perigo urgente. Algumas fachadas reentravam, formando escarpas audazes; as mais delas pendiam para fora, prometendo desabar inteiriças; com isto, porém, garridices de escultura, como arrebiques de velhas tontas. Nas vergas, mesmo nos ombrais, ou em qualquer lápide das

frontarias, communmente de pedra, viam-se baixos-relevos miúdinhos, muitas vezes recomidos, — símbolos da heráldica ou fantasias. Repetia-se a flor de lis, distinguíam-se cavaleiros marciais — figurinhas com elmo e pluma, sôbre cavalos caracolantes; mais além era o moto contínuo, representado por uma espécie de histrião, que juntava os pés com a cabeça e rebojava como uma roda. Certos edificios projectavam carantonhas, puídas ou mutiladas, abriam nichos vazios; e as janelas assimétricas, pouco numerosas, mas amplas e arquiteónicas, não raro bipartidas por um colunelo, ora tinham parapeito saliente, ora eram flanqueadas por um par de peanhas de vaso, antigamente bem cinzeladas. Das primitivas janelas haviam feito com freqüência outras menores, sem nenhum estilo; algumas achavam-se entaipadas; várias já não tinham vidraça, apenas um postigo nos batentes, e nas demais, vidraçaria e caixilhos eram modernos e vulgares. Também, com um gôsto aberrante, tinham caído edificios de pedra, sem exceptuar as decorações, e pintado um largo listrão, vermelho ou azul, muito cru. De longe a longe, um lampião, assinalava outra vitória do progresso; contudo, a numeração estava meio obliterada, e a rua, posto que a principal, não dava indícios de possuir letreiro.

Apesar de preconceitos de aldeã, Catarina admirava a cidade; e agora, como em outras occasiões, proporcionando-lhe vagares as suas passadas reumáticas, saboreava minúcias, mal atenta à chuva fina que caía. Regueiras escoavam-se com um gemido, à margem do calçetamento escabroso, entre as duas renques de moradias, que apenas deixavam avistar uma apertada fita de céu lívido. Dos beirais desfiavam-se pingos num sussurro

tristonho e monótono; o vento vinha soar contra as paredes, alargando ou afunilando meandrosas, incerto, com um ofêgo apagado. Ouvia-se um sapateiro a bater sola; nos baixos das habitações, laregos roncavam e grunhiam; às vezes gluglujava um peru macambúzio. E era toda a animação do burgo obsoleto: os passos dos poucos transeuntes morriam na humidade.

A velhota torneou uma esquina e meteu por uma travessa, que atalhava. Do lado oposto, com a roda do saiote pela cabeça, vinha uma criatura escanifrada que ela julgou reconhecer. Teve ímpetos de retrogradar, mas já a outra lhe fazia gatimanhos.

— Ora viva, Tia Catarina!... Há que meses não a topo!

— Bom dia, cachopa! Estou com pressa...

A rapariga, porém, chegara perto e embargava-lhe a passagem.

— Aposto que vai à botica.

Catarina puxou a tosse.

— Porque não veio a Silvéria?

— Tem hoje muito que trafegar. Só quem está verde como vocês é que pode com certos serviços.

A outra não lhe deu tempo a derivar a conversação.

— Passa lá muito em minha casa dêz que a sua ama adoeceu...

— Pois sim, senhora! estimei ver-te.

— E eu então!... Estava morta por cá pilhá-lha, para ouvir isso da doença.— São dôres ou são aflições?

— Não sou nenhuma doutora para conhecer o que molesta a cada qual— resmoneou a criada de Constâncio, sem esconder o mau humor.

—Disseram-me que estava tornada um pelem.

—Cantigas! Vai a melhor.

Desapontada na sua mexeriquice, a magrizela embatucou. Catarina aventurou-se mais.

—Arriba a olhos vistos, fica sabendo.

Tinha agora menos pressa. Também a outra continuava parada, scismando no que exprimisse.

—O que eu cuido, Tia Catarina, é que aquilo foi mau olhado.

A interlocutora assombrou-se.

—Pois guarda para ti a tua sabença, que não é bom falar de mais.

E pondo de novo pés a caminho:

—Tudo isso são necedades, percebes?

A rua que tinha ante si, não era menos deplorável do que a outra: as mesmas casas cambaleantes, remendadas disparatamente nas madeiras e cantarias, com portas e janelas encurtadas, com bolões de cal e areia entre as esquadrias dos pedregulhos, hoje borrados pelos caiadores, com escudos brazonados, em alto relêvo, lacrimosos de chuva, e frases ou datas insculpidas, igualmente ilegíveis.

Catarina ia um tanto mais lépida porque a rampa se tornara menos íngreme. A cachopa desaparecera à esquina, com o saiote arregaçado para a cabeça, a escapulir-se dos chuviscos. Passava uma fila de patos, saracoteantes, grasnando forte.

Algumas janelas ao rez-do-chão salientavam um peitoril muito largo, como se tivessem servido de mostradores ou balcões de venda; lojas, porém, ou oficinas, já não havia na travessa. Mais adiante, frequentes por fim, começavam a entremear-se aos prédios tem-te não caias, ora ruínas de paredes destelhadas, abrindo para re-

cintos imundos, ora muros de quintalórios, quasi sempre vegetando à altura dum primeiro andar. Bastantes dêsses muros gibosos, desagregados, sem caio, onde ainda se distinguíam aberturas entupidas, eram restos de edifícios que o entulho acogulara.

A par dos vestígios mal distintos, não cessavam de apresentar-se minudências, quasi ilesas, da prosperidade passada. Catarina parou até, para admirar os entalhes dum massiço portão de castanho, com grandes fechos rendilhados e uma aldraba representando um lebreu. Já tinha atrás encontrado alguns portões que mostravam não menos esmêro; mas os mais dêles estavam carunchosos, lascados, meio arrombados, com tombas de diferentes madeiras, às vezes sem indício de ombrais ou apenas mutilados indícios, e ordinariamente fechando tão mal, tão inadequados de dimensões, que pareciam trazidos de outro sítio.

A velhota voltou a um lado e embrenhou-se numa espécie de viela. Os edifícios tornaram-se mais sórdidos. Deviam ter sido argamassados, mas dir-se-iam de pedra sôlta, apenas com resquícios de rebôco sôbre as fiadas irregulares. Ante a soleira dois ou três degraus toscos; não raro, escadas semi-demolidas, dando ingresso para uma varanda alpendrada. As portas da rua tinham postigo, e algumas—disposição antiquada—uma outra abertura em baixo, circular ou em meia lua, fechando com corrediça, para as idas e vindas do gato e por isso chamada gateira. Eram tão miseráveis certos casebres, que constariam dum só aposento e nem sequer avezavam uma fresta. Havia telhados com uma única empêna.

Para descansar ao abrigo da chuva, Catarina entrou um instante sob um alpendre de telha-vã,

que precedia uma casa térrea. A porta estava entreaberta e vazio o compartimento de entrada; simulando examinar um retábulo, escangalhado e já sem côres, que cá fora encimava o limiar, a velhota aproximou-se e pôde bisbilhotar para o interior. Viu um espaço sem pé direito, onde a luz entrava a furto por um janelim meio esmagado, com a vêrga tombada de esguelha; o soalho fazia altos e baixos, o tecto estava escorado por meio de grosseiros barrotes; ouvia-se pingar dentro a chuviscada. De mobília, tudo quanto se enxergava, era um catre e uma arca de pinho.

Catarina voltou para céu descoberto, continuando a chafurdinhar ao longo da mesma viela, menos ascorosa de lama que de lixos e despejos. De espaço a espaço, ainda umas mostras de curiosos labores. Um acanhado prédio, com uma só janela em cima e outra ao lado do portão, desiguais como quási sempre, talvez por modificações ultteriores, apresentava nas colunas das ombreiras folhagens entretecidas e um peitoril engrinaldado. Poucos passos adiante, fazia esquina uma janela bilobada, dividida no cunhal pelo colunello, quebrada em ângulo recto, deitando para dois arruamentos; a decoração era ainda mais pródiga — cepas torcidas arremessando pâmpanos, gavinhas audaciosas, cachos enormes em profusão. Duas gárgulas, esculpidas em figura de abutres com o bico aberto, dominavam essa luxuriância, vomitando água de enxurro.

Mais arrastando-se do que caminhando, a velhota tomou por outra quelha e embrenhou-se num dédalo de becos. Tudo, agora, sem excepção, era feio, caduco e podre; a caliça caía a pedaços, esbarrondavam-se os arcaboços de pedra; de alguns edifícios restavam tão sómente infor-

mes troços de parede mestra. A cidade, verdadeiramente, não passava duma ruína. — Pensando encurtar, Catarina alongara, porque se tinha extraviado; desembocou enfim na *Praça*, termo do seu comprido rodeio.

Era um largo irregular e acanhado, que orlavam as edificações principais: dum lado, o Tribunal, de linhas fúnebres; quási em frente, vizinha com a Cadeia tenebrosa e infecta, a vetusta Casa da Câmara, bojando um terraço abalaustrado sôbre uma pequena arcada; um grande prédio, moderno êsse, duma reles banalidade, enfeitado dum como roda-pé de cimento crespo, tendo à esquina uma loja de fanqueiro que cumulava com mercearia; do outro lado, um palacete arcaico e desornado, contíguo à escola em construção, cujas obras há muito interrompidas faziam supor um desabamento. No quadrângulo de mosaico branco e preto, a meio da praça, vegetavam algumas árvores pêcas; dois sujeitos embuçados em varinos, passeavam de cá para lá não obstante a chuvinha, cavaqueando em voz tímida.

A criada de Constâncio atravessou oblícuamente, e entrou numa das quatro ruelas que irradiavam do largo, aquela que ia dar, lá adiante, quási aos escombros do paço arcebispal. Logo à entrada ficava a farmácia.

Ainda mais algumas passadas e Catarina atingia a meta, quando sentiu que a chamavam. Atarantada, apalpou-se, julgando haver perdido o dinheiro. Olhou finalmente para cima, para sôbre a taboleta da mercearia, que tinha porta também para a banda de cá;—a uma sacada no primeiro andar, uma lambisgoia vestida de luto não cessava de repetir-lhe o nome.

—A sua menina ainda se acha de cama, já se vê...?

— Não, senhora; não está tal, volveu a outra rudemente.

— Com que então, a pé?... Mas fraquinha talvez, como o costume — ajuntou a de cima, espremendo os beiços.

— Ficou de cama um dia só.

— Pois houve por aí quem rosnasse que ela estava a decidir.

— Está fina, digo-lho eu. A mim parece-me curada.

A mercieira significou por um trejeito impertinente que não se deixava comer por tôla.

— Curada, assim de repente, duma doença tão séria!....

— A senhora desculpe, que vou com vontade de chegar e assentar-me.... Eu, sim; ando precisada de tisanas e boticadas; agora, a minha patrôa, oxalá nunca se ponha mais mal!

Piscava os olhos com uma sonsa velhacaria.

— Vai então pagar a conta na botica?

— Acertou. É como diz.

De interessada, a coscovilheira parecia nem sentir a chuva, fina embora mas incansável.

— Deve ser uma continha calada, lamentou.

— Ora se não!.... Mas que tem lá! Quem paga, é sinal que pode.

E Catarina, apressadamente, a manquejar, encaminhou-se para a farmácia.

De lés a lés, um varandim de madeira preta; por trás, o balcão massiço, lembrando uma vasta poncheira de pé atarracado, ornamentada de volutas; ainda por trás, um homúnculo grisalho, espátula em punho, a amassar um unguento; em volta armários ponderosos, guardando filas de frascaria, perfeitamente rotulada, com uns resquícios no fundo. Pairava um cheiro enjoativo.

— Avie-me esta receita, sr. Paulo.

O farmacêutico avançou até à teia, acavalou as lunetas, e notificou que demorava alguma coisa.

— Então, se me dá licença, subo lá acima a visitar as manas....

O sr. Paulo teve um gesto magnânimo.

— À vontade. É só trepar.

Impressionada, a velhota agradeceu. Voltou à rua; enfiou pelo portal contíguo.

Tinha batido uma argolada para aviso; foi entretanto atravessando o pátio largo, mal lajeado, que ladeavam pequenas portas, negras e grossas, com almofadas de muito apuro. Também o tecto, que seria tão sómente o soalho do andar superior, compunha-se de tábuas iguais, bem aplainadas, cruzando sobre vigas cuidadosas e simétricas. A escada, ampla, mas descaída para um dos lados a prenunciar ruína, torcia-se em dois lances ao fundo do átrio, patentes à vista; duma parte encostava às paredes, e da outra, sem corrimão nem qualquer resguardo, tinha junto ao patim um pilar, que ajudava a suster o tecto. — Tratava-se visivelmente dum velho casarão; contudo, limpeza e vigilância fingiam-lhe ou conservavam-lhe uma certa mocidade e o seu cunho afidalgado.

Chegada acima, Catarina teve de bradar várias vezes; apareceu-lhe emfim a servente, que com festivo acolhimento a fez entrar. Penetram numa espécie de ante-sala, hoje destinada ao vulgacho; era um aposento espaçoso, mobilado parcamente, decorado de portas policromas — amarelas e azuis, com molduras pretas, — muito esfregado o pavimento carcomido, bem caídas as paredes pouco altas, onde uma barra de madeira lá em cima, carmesim, com cercadura igual-

mente amarela, punha um efeito extravagante. Catarina ficou-se enlevada para aquele delírio de côres, enquanto a criada foi dentro anunciar; — mas as duas manas boticárias, como lhes chamavam na terra, não tardaram em comparecer.

— Então que aconteceu? perguntaram ambas à uma, com solícita inquietação.

— Vossemecê na cidade é caso raro! acrescentou a mais idosa, ferverha e baixinha, já bastante encanecida.

— Só eu sei o que me custou a deitar cá!

Mas a Silvéria estava cada vez mais palonsa; perdia as receitas, o dinheiro; ninguém podia descansar nela.

— Manha e ruindade é que tem de sobra, concluiu a sr.^a Catarina.

Era leal, quási franca, com as irmãs do farmacêutico, que reconhecia sinceras. Com aquelas, sim! entendia-se, gostava de parolar.

Contou como a doença da sua menina a trazia apoquentada. Acamara um dia só, é verdade; mas que valia estar a pé!?. . . Não tinha gôsto por nada, ela mesma o dizia, — e nenhuma vontade de comer. Ficava assentada tardes inteiras; e — mau sinal, segundo Catarina — já não zelava pela casa consoante costumava.

— Depois, uma coisa, que, assim como assim, dura há perto de dois meses — prosseguiu, — desde que lhe deu aquela aflição . . . Às vezes entro a malucar que não arriba nunca mais, e ponho-me cá por dentro escura como a noite.

— Pois pudera! se lhe quer tanto! . . . E o avô também, coitadito, o que não se há-de ralar! . . .

A mana mais nova atalhou:

— Em todo o caso, o sr. doutor, aqui há uns dias, respondeu-me que ela não ia a peor.

—Hum! Também a melhor não vai. Estará na mesma, quando muito.

—É que ainda vem a restabelecer-se, formulou pausadamente a irmã segunda.

—E talvez mais depressa do que julga, reforçou ardente a outra.

Empolgadas pelos desabafos da recém-chegada, não a tinham instalado por enquanto, convidando-a a tomar assento. Entretanto que puxavam cadeiras, Catarina foi resmungando:

—Aquela família tem tão pouca sorte!...

A grande custo, com os joelhos a estalicarem, acomodou-se.

—Ou será da casa, quem sabe lá!

—Teem-se visto pessoas melhorarem de doenças mais teimosas.

—Decerto, apoiou a outra irmã. E pessoas bem menos crianças!

Referiu, numa animação de nervosa, um caso com ela acontecido.

—Já me deram por perdida, rematou. E como vê, ainda não fui daquela.

—Se uns escapam, morrem outros, volveu a obstinada Catarina.

—Que diz o sr. doutor? interveio a menos faldadeira—um tanto obesa, bonacheirona, com um frondoso buço negro. Acha que é moléstia perigosa?

A interpelada gesticulou dum modo ambíguo.

—Vá a gente fiar-se em médicos! O que eles querem é empatar. Olhem ao tempo que anda a tratá-la; e nem para trás nem para diante!

Percebêu que se descomedira; arrastou com ruído a cadeira como para ainda abafar as palavras. Passado um instante, porém, recobrou ânimo.

—Do que eu gostava, a falar a verdade, é de que o sr. Paulo a visse...

A mana primogénita aplaudiu.

—Pois era muito capaz de curá-la.

—Pensas que êle se mete nisso?

—Sei que não, acudiu a mais velha. Tanto montava a pôr-se contra o médico.

Catarina indicou um desalento. A do buço espreitava para os cantos, a vêr se êles as teriam ouvido.

—Se fôsse coisa assim tão fácil—reflectiu num tom grave, preocupada unicamente com despersuadir Catarina,—acredite que a sua ama, bem entregue como está, já não tinha sombra de mal.

Olhou em redor com satisfação, como se as intriguistas da terra a estivessem todas escutando.

A criada de Constâncio ficou esmagada de tristeza.

—Não é uma coisa assim fácil, não! murmurou.

Daí a nada aventou tímidamente:

—E que lhe parece: uma mulher de virtude?...

A mana pachorrenta torceu o nariz e redarguiu circunspecta:

—Não as há que prestem, por aqui.

—Podem mais que quantos doutores, accentuou com vigor Catarina.

—É possível que a tia Bárbara... arriscou a outra irmã.

A visitante bracejou uma enérgica repulsa.

—Ninguêem a vence em poder, segundo dizem, insistiu a boticária.

—Nem na malícia, nem na malícia! obviou Catarina furibunda. Tomara eu quem nos livre dela!

—E eu também.

—E também eu.—Lá nisso teem razão.

Uma demorada pausa.

Através das vidraças fechadas via-se cair a chuva, escorrendo do beiral em paralelos rosários.

—Não sente frio? perguntou uma.

—Quer aquestrar-se? propôs a outra.

—Sinto agora mais frio do que quando cheguei.

Das portas, vedando mal, guinavam correntes de ar a cada lufada de vento.

—O andar, pontificou a primogénita, sempre a havia de aquecer.

Levantou-se obsequiosa e foi dentro encomendar uma escalfeta.

Catarina discreteou alguns instantes sôbre o tempo estar mais macio desde que pegara a chover.

—É natural, conveio a boticária. Mas quem me dera cá o Verão!

Ambas olharam para a janela, onde o Inverno agora rufava. Eram fracas e antigas as portadas, girando em eixos de pau, que sobejavam muito para baixo e vinham encaixar nos poiais. A tinta estava estalada, talvez pelo sol de não poucos estios; agora, porém, rufava o Inverno.

—Que tristeza! disse apenas a irmã do sr. Paulo.

—E se fôsse só tristeza! resmoneou a outra.

Afim de espaiar o olhar, fitou o tabuado do teto, azul claro, duma geometria complicada, pincelado com traços a várias côres, triunfais, espaventosas, mas hoje gastas. Desceu a vista: um dos tabiques de enchamel, que circummurava o aposento, parecia affectado dum inchaço; era como um jarreta vergado pela idade. Em baixo, as largas pranchas do sobrado indicavam ainda disposições rebuscadas; estavam porém embuti-

das de emendas, lembravam o tapa-misérias dum pedinte envergonhado.

O silêncio amargurado prolongou-se, até que a mana mais velha voltou enfim com uma escalfeta a chamejar.

—Se não a mando entrar para a cozinha, é que vai lá grande azáfama.

A outra secundou com um ar grave:

—Chega-nos uma sobrinha esta tarde.

Como elas iam divertir-se! invejou vagamente Catarina.

—Vem estar connosco algum tempo, acrescentou a primeira, e despedir-se de nós; porque parte para o cabo do mundo.

—Pobre dela! intercalou a visitante.

—Talvez nós a acompanhemos até ao lugar de embarque...

—Sempre te atreves a fazer essa jornada?

—Com certeza. E tu também, voltou com modo viril a baixinha. Não a tornamos a vêr.

Ambas enxugaram as lágrimas.

Emquanto aquecia as grossas mãos, Catarina desabafou. Ainda não revelara tudo, todo o seu desassossêgo, toda a sua atribulação. Também agora, em casa de Constâncio, se falava muito em partir.

—Um senhor naquela idade!...

Queriam abalar para fora, para longe, nem ela sabia para onde,—e voltarem só na primavera, ou nunca mais. Nunca mais! se podia ser!... Esse farçola do médico cuidava assim curar a menina.

—E é sempre em sua casa, ao seu canto, que uma pessoa está melhor, pois não acham?

O sr. Constâncio, pela certa que se finava de saudade; ali nascera, e ali vivera um ror de anos;

a menina, talqualmente, ali nascera, — e quem havia de levá-la, tão fraquinha como estava?

— É capaz de lhe dar pelo caminho, salvo seja, uma daquelas aflições... que metem medo...

Completava o pensamento a sua voz como-vida.

As duas irmãs, não bastante elucidadas, escutavam com affecto, sem encontrarem melhor consolação. Se a partida era para breve, perguntaram.

Catarina não o sabia dizer. Havia geralmente, ao que parece, opiniões divergentes; a enfôrma tinha irresoluções, desistências mesmo, segundo o seu estado e humor.

— Bem pode ser que mudem de tenção... observou uma das manas.

— É pedir ao sr. doutor, sugeriu a outra. Mas naturalmente seus amos levam-na consigo se fôrem.

Que lhe importava! redarguiu Catarina. Quer ficasse para ali sòzinha, quer abalasse com êles, tudo era desgôsto a que não resistia.

— Para mais, ninguêm me tira esta scisma de que vão dar cabo de si. E ou o eu hei-de vêr com êstes dois; ou, deixem lá! que m'o hão-de vir contar. — Não! Isto é mais forte que *a mim!*

Desatou em grandes soluços que lhe sacudiam as carnes balôfas, com o lenço de ramagens caído para a nuca, uns olhos de quem implora alguma ajuda mais que humana especados nas boticárias — atrapalhadas, gaguejantes...

O AGUACEIRO, despenhado e raivoso, estrugia no telhado da cozinha. Acocorada na lareira, Catarina dava que dava ao fole, rosnando pragas contra a lenha verde e todos os tentadores da nossa alma; oscilava, pendente das gralheiras, um grande caldeiro de cobre, cheio de água, que ela nem conseguia amornar. No escano, ao canto, um vulto imóvel e negro, estava assentado muito hirto.

As janelas, com os vidros estilhaçados, obrigavam a fechar as portas de dentro; Catarina, porém, exceptuara os diminutos postigos, que cortavam as almofadas de cima, afim de aproveitar ainda algum tempo a macilenta claridade dessa tarde de janeiro. Lá adiante, apagada num quasi anoitecimento—que os postigos não permitiam mais, conquanto apenas quatro horas—a Silvéria zarelhava encostada ao escarapate, empilhando a louça do jantar, à espera da água a

ferver. Entretanto, no telhado, o chuveiro impetuoso continuava a estrepitar.

A pedido da neta e da afilhada, Constâncio recolhera ao quarto: toda a noite antecedente o tinham ouvido a catarroar, e à sobremesa cabeceava; depois da sua frugal refeição, decidiram-no a que tentasse uma pequenina sesta. As duas amigas, então, haviam subido ao primeiro andar, para conversarem acêrca da partida. Luciana manifestava um tanto de confiança e um bem-estar quási prazenteiro; esperava as melhoras na mudança de clima, e dizia que nada agora a retinha a não ser o pavor do isolamento. Levar seu avô julgava condenável, por poucos meses que fôsse; deixá-lo com Isilda até voltar, embora custoso, era possível,—onde, porém, encontraria uma enfermeira assim dedicada?

—Terei os ares mas faltarás tu, que és boa metade da cura!...

A rapariga sugeria-lhe nomes—as parentas por afinidade.

—Antes estranhos, volvia a enfêrma. Não sabes de quem estás falando.

Assim tinham ficado a deliberar na saleta de costura, um dos aposentos mais claros, assentadas junto à braseira. Isilda referira-se às suas esperanças, aos seus planos, ao seu prometido; mas fingindo-se toda atenta ao trabalho, realmente preocupada com o pensamento da urgência, voltara depressa a discutir a retirada da sua doente.

Em baixo, na velha cozinha, Catarina ia ralhando com a cachopa, gritando ordens, agradecendo recomendações. Pusera-se por fim àquela faina de atçar a lenha verde, molhada de mais a mais, até que, já sufocando com tanta e tão acre fumarada, atirou para longe o fole.

—T'arrenego! Arde para aí quando quiseres. Do canto, por trás da nuvem esclariçada, muito opaca, respondeu-lhe um pigarro em falsete.

Se, ao menos, o fumo afugentasse *aquela!*... pensou a velhota.

—Vamos! calaceira, bradou para a Silvéria. Despacha-te! Mexe êsses braços!

A outra redarguiu com brutalidade:

—Vossemecê, aí, não tem frio, pudera! mas venha para aqui, a ver.

—Trabalha, que já aqueces.

—A modos que vossemecê não gosta de descansar.

Catarina, ainda ofegante, estava esparralhada no banco.

—*Palonsa!* não te me faças atrevida.

A cachopa lançou um grunhido, como um vago desafio; não disse porém mais palavra, contida por uns restos de temor.

Novamente, a do canto puxou o pigarro.

—Está afrontada, tia Bárbara?

—Ai! não senhora! Estou muito bem, muito bem.

A fumarada dissipara-se algum tanto; entrevia-se o vulto negro, assentado no escano, movendo os dedos sôbre o bordão.

—Mas olhe que meu amo ainda se demora, pretendeu Catarina convencer. E as meninas não veem para baixo tão cedo.

—Não tenho pressa. Com esta inverneira!...

—Pois há agora uma aberta, desconfio.

De facto, a chuva embrandecera, rapidamente esmorecia e não tardou em apenas gotejar.

—Aí tem! frisou Catarina.

—Nada, não; tenha paciência! retorquiu afá-

velmente a Bárbara. Hoje não saio daqui, sem me despedir dêsse anjo.

— Despedir!?!...

— Sim. E não quero que a mande chamar; podia enfadar-se comigo. Eu espero, eu espero; tenho lazer. Está talvez com as preparações dessa tamanha jornada...

No corte dos toros — que sempre iam ardendo, com chamas esfumaradas, — a seiva transudava borbulhante, fervendo e chiando, supliciada pelo fogo inexorável. A *Bruxa* pareceu aguardar alguns instantes que Catarina tomasse a deixa.

— Verdade, verdade, reatou, não entendo para que é que a nossa jóia vai assim como a fugir de nós...

Esperou de novo. Ajuntou decisiva:

— Em toda a parte se quebra uma perna, como o outro que diz.

Com um meneio suave inclinou-se, e, meio confidente, declarou:

— Sobra-me a experiência. Sou muito velha.

— Em toda a parte se quebra uma perna.

Bamboleava a cabeça.

Outra vez se encapotou no escuro.

Catarina descarregou na servente a sua impaciência e má vontade. Dirigia-lhe doestos lacerantes, atirava-lhe com todas as baldas, sabatinava os incontáveis lapsos em que a tinha apanhado desde há dias. A doença tornava-a feroz.

— E quando me vês mais atrapalhada, ultimou, — um estendal para aí de louça, o cevado ainda à espera da vianda! — é quando fazes mais gala na tua estanhada madraçaria!

A Silvéria agora amolava, como se a iluminasse a vidência de todo aquele exacerbado sofrimento, e isso lhe bastasse para desforra.

— Maldita! hás-de dar cabo de mim.

— Pois olhe que o não faz por mal, acudiu a Bárbara. Coitada! Tem aquele feitio.

É mais baixo, para Catarina:

— É uma simplória extreme.

Comandou com uma voz metálica, muito forte para a sua franzinez:

— Não te desleixes, ouviste? Ninguém te fica a dever a soldada.

Como sugestionada pelo tom, a Silvéria pôs-se a mexelhar.

— Deixe-se estar descansadinha, persuadiu a outra à velhota. — Não há nada que chegue ao descanso, ao repouso.

De chofre, nova aguaceirada começou a esturpir nas telhas.

— Vossemecê não quis aproveitar... Agora tem talvez de ir à chuva...

A grande importuna, porém, nem se dignou mover um gesto. Havia contudo destapado uma orelha, acaso para escutar melhor a bâtega, — e quedava-se como de pedra. O fumo volteava para o outro canto, e estando agora assentada mais à borda, nos clarões intermitentes da fogueira via-se-lhe o semblante colorido de fôgo, os olhos de azeviche nas órbitas cavadas, o queixo curvo sob o nariz adunco. Às vezes uma sombra velava-lhe as feições; às vezes pareciam chamejar em sangue, — chamas negras, porém, nas pupilas. As gralheiras projectavam na parede um comprido risco de treva; dir-se-ia uma serpente meio morta, um quási nada balouçando, a beber no espetro dum caldeiro. De quando em quando, sôbre a lareira, estalavam grossos pingos.

Estendendo a mão nodosa, a *Bruxa* apontou lá para o fundo; Catarina apurou os ouvidos, va-

gamente esperando e temendo qualquer coisa definitiva.

— Deve ter sido um rico jantar, sim senhora! enunciou melodamente a Tia Bárbara.

Indicava a ruma de pratos.

— E papado aqui ao lar, já se vê!... à moda dos tempinhos antigos...

Catarina não redarguiu.

— Isso é que se chama saber levá-la!

O chuveiro a catadupar abafou-lhe a voz; ela interrompeu-se um momento.

— Assim é que a gente de teres, insistiu, devia guardar o domingo. E mais êste, o primeiro do ano!

Decididamente, a criada protestara não responder.

— Ora conte-me lá—a propósito!—que tal foi o ano bom?

A cachopa antecedeu Catarina. Bradou do outro extremo da cozinha:

— Vossemecê, não lho foram dizer, que a neta do patrão esteve a caldos!?

— Talvez tivesses fome nêsse dia, excomungada!—apostrofou a velhota, ciosa, sem se poder reprimir.

A Silvéria expandiu um arremêso.

— Qual fome! contestou a Bárbara. Ainda não chegámos lá.

Casquinava um riso grotesco, pouco diferente dum cacarejo.

— Mas agora é que caio no caso! não quizeram ficar, ao menos hoje, sem a festazinha de entrada.

Catarina curvou-se sôbre o lume e principiou a assoprar com fúria.

— Tem agora outra aberta, Tia Bárbara!

Serenara algum tanto a chuveirada.

— Não estou a enfadar, pois estou?

— É que me rala uma dôr nos quadris...

— Coitada! que grande lástima! Mas hoje cahava tão bem despedir-me da menina!...

A interlocutora redarguiu sêcamente, como quem despacha um pedinte:

— Volte em melhor ocasião.

— Está entendido! Está entendido! Vou-me indo com o meu vagar.

Levantou-se muito hirta.

— E o que desejo a essa prenda é que se cure de vez, ainda neste que começa, e que tôda a sua família faça muitas festas de entrada, em companhia cá da velha...

Indigitou-se com o polegar. Depois, vagarosamente, deambulou ao longo do escano, táctando com o bordão.

— Vossemecê, sr.^a Catarina, está afeita às bonitas maneiras... Desculpe se não falei à fidalga...

Estacou, carminada pelas labaredas.

— Mas é assim que ouvi dizer ao falecido D. Vasco quando foi dos seus trinta... ou quarenta... — já me não lembra quantos eram... Enfim! quando foi dos seus derradeiros. « Queria que ali tôda a parentela ficasse junta, por muitos e bons, — mais na sua companhia ». — Uma linda fala que lhe ouvi nêsse bródio!...

— É mentira! vociferou Catarina, indignada com a desfaçatez.

Nunca a tanto se atrevera com a *Bruxa*. Mas também a embusteira excedia os limites!

— Quem é que a convidou para a mesa?

E na pergunta transparecia tôda a sua aversão e desdem.

— Não estava à mesa, volveu a outra, sansa-

dorninha. Estava, sim, atrás da porta, mui escondida, a escutar... à espera...

Corcovada, deu mais alguns passos.

— Quando me lembram certas passagens doutros tempos, ia rezando, até parece que o miolo se me volta.

Achava-se agora junto da velhota, e prestes a descer da lareira. Tocou-lhe no cotovêlo.

— E uma coisa, sr.^a Catarina! já sabe que o ano é bissexto?

Ela não pôde retrucar; afigurou-se-lhe que lá em cima a chamavam.

— Olha pelo caldeiro! ordenou à servente.

Encaminhou-se para a cozinha em ruínas. — Apesar dos ruídos da chuva que penetrava pelos lombos do telhado, logo ao entrar percebeu distintamente a voz de Isilda bradando por ela. Havia insistência na chamada, e Catarina apressou-se o que podia, a manquejar como uma pata, gemelhando com o reumatismo.

— Aí vou! Aí vou! gritava.

Encontrou Isilda no corredor, já a caminho da casa de costura. Fazia-lhe sinais de que viesse. A velhota seguiu-a esbaforida, — distante por fim muitos passos, pois a rapariga quási que corria.

Era acaso brincadeira das meninas, ou alguma nova desgraça, como lhe predizia o coração?

Quando assomou ao limiar do aposento, que a nevoenta claridade transcoada pela chuva, minuciava ainda, — desenganou-se. Luciana jazia no canapé, inerte, com as pálpebras descaídas, um funesto maceramento por todo o rosto; a companheira inclinava-se sôbre ela, como espreitando-lhe o bafo. Estava sem côr, também Isilda, a sempre tão animosa.

— Santo nome! clamou a criada. Que tem ela, a minha rica filha!?

— Cala-te lá! que a incomodas, e não quero que o padrinho pressinta.

Com o auxílio duma tesoura e com os dentes barafustava contra um frasco que trouxera. Conseguiu desarrolhá-lo, ensopou o lenço, que deu a cheirar à desmaiada.

Catarina juntava as mãos; as lágrimas corriam-lhe a quatro pelas bochechas opadas; refreou porém os clamores.

— Uma coisa assim!... Outra vez!... — Bem m'ò adivinhava a minha tristeza!... murmurava em desabafo.

Ia entretanto, por ordem de Isilda, desafrontando mais a doente; desacolchetava, desapertava; arregaçou-lhe por fim as mangas.

— Esfrega-lhe os braços com fôrça. Não deixes nunca de esfregar.

E a rapariga, dissimulando a ansiedade, palpava-lhe o pulso, banhava-lhe a testa, voltava a chegar-lhe o lenço às narinas.

Esperara a princípio, mesmo sem ajuda — não desejava sobressaltar ninguém, — fazer tornar a si Luciana; batera-lhe nas palmas, chapinhara-lhe as fontes com água, e aliviara-lhe o vestuário no lugar do coração. Acabou por inquietar-se com aquela profunda inércia, que lembrava a coisa nefanda que ela nunca vira tão de perto; correrá à farmácia doméstica, e de caminho chamou Catarina, para ter ao menos alguma pessoa a quem ordenasse qualquer recado. A velha criada, contudo, desde que silenciara os carpidos, prestava um socorro de suprema valia; ajoelhada junto da enferma, friccionava-a solícitamente, com as suas

mãos, ásperas de lixa — mas ainda vigorosas, como era de urgência.

Isilda não dizia palavra. Um dúbio mêdo nascia na sua alma, uma sensação que desconhecia e se lhe afigurava absurda, que não podia porêem debelar. Perturbava-a êsse letargo da doente, não pelo que viesse a acontecer — a sua coragem negava-se a imaginá-lo — mas pelo que via efectivamente e repugnava ao seu temperamento, a imobilidade, flácida embora, a insensibilidade, embora com um fôlego. Entretanto não se desvairava, não perdia a precaução; acudiria a qualquer emergência. Em dado momento correu à porta, pé ante pé, a espreitar se Constâncio vinha; parecia-lhe ter ouvido descer. O equívoco surpreendeu-a, não sendo atreita a ilusões; estava sôbre-excitada certamente. — Acabasse depressa aquele sono, aquela horrível serenidade — anelou, — por ela e por Luciana!...

— Olhe, menina! Veja! exclamou a criada, contendo a respiração.

O seio da desmaiada arfara ao de leve.

— Luciana! Luciana! chamou Isilda baixinho.

Deu-lhe a aspirar, mesmo no frasco, as últimas gotas. Catarina estava inibida, com os olhos esbugalhados.

— Não me ouves, minha amiga? Desperta!...

A doente buliu um braço; entreabriu a custo as pálpebras; soltou um ténue gemido...

VI

NOVAMENTE cessou a chuva; o frio redobrou; os sudários de geada tornaram a desdobrar-se pelos campos. A neve deveria ser ainda mais branca; mas não tinha caído por enquanto: os serranos entendidos profetisavam-na. À noite, as constelações tremeluziam muito.

Como um relógio deteriorado, batendo as horas ao acaso, mas traçando ainda com os ponteiros a mesma antiga circunferência, Constâncio, mecânicamente, continuava os seus passeios no parque. Não o incitavam as forças, e a temperatura devera impedi-lo; contudo, quer de manhã, quer à tarde, numa escolha de ocasiões que parecia caprichosa, encaminhava-se para a velha mata, subia ronceiramente até onde as pernas lhe davam—, de ordinário pelos mesmos atalhos, quasi sempre em direcção ao lago. Isilda receava para o caduco as considerações penosas, o sedentarismo, a quebra de longos hábitos; agasalhava-o o melhor que podia, mas nunca o retinha em casa.

Ele, ficava se chovia; exceptuava também os dias em que a neta passava de cama; todavia, mesmo um vento de montanha, anavalhado, não conseguia demovê-lo. Seriam saudades que o atormentavam, na perspectiva de partir com Luciana? Queria despedir-se para sempre dos sítios mais afeiçoados?... É possível que dúbiamente houvesse nêlé essa intenção; mas caminhava em geral desatento, sem ar porêem absorto, com o olhar inexpressivo, uma negligência de alimária que vai cumprindo a sua tarefa.

Sob os seus pés, arrastados e distraídos, gemia a carambina, — grossas vidraças, emporcalhadas pelos lamaçais que cobriam; ou chapas límpidas, que aluiam de quando em quando. A geada ia recuando como a sombra, à medida que o sol avançava; Constâncio, não obstante, encontrava-a profusamente mesmo à tarde, nos lugares mais frios, mais umbrosos, ou mais abrigados do vento, nos quais ficava decerto até ao dia seguinte, e com tempo anuviado, não raro durante vários dias. Nas nascentes havia pingos de gêlo vidroso, cheios de bolhas e de estrias interiores — ora refractários à fusão, ora visívelmente truncados, tendo as pontas rolado para a água, onde acabavam de derreter, ou para a borda apenas húmida, onde formavam montículos de destroços hialinos.

O velho passava além, sem deter sequer a vista. Nem já lhe vinham talvez ao pensamento os invernos da sua infância, e muito menos a memória das emoções que experimentara, ao vaguear, na juventude, por entre êsse mesmo arvoredo sem folha.

Como outrora, negrejavam nas espessuras audazes e esguios pinheiros, misturados a gigantes carvalhos, êsses, porêem, talvez mais guede-

lhudos do que eram antigamente,—uns, inçados de fofos parasitas verdes-escuros; outros, vestidos nos ramos inferiores por uma lanugem tão densa, que a espécie arbórea se não diferenciava; outros, de cima a baixo verdes-claros, às vezes com limos pendentes; outros ainda, recobertos de musgo rente e descórado, como o que crescia nas pedras, ou com a casca pululante de vegetações esbranquiçadas. Êstes troncos de graduados matizes brotavam dentre a urze e a giesta, o piorno, o sargaço alvar e uma esteva pequenina; pinheiros e carvalhos tenros, miniatura de arbustos, ajuntavam as suas varas aprumadas às rudes hastes do mato; por baixo, a camada de folhame, com pinhas, ouriços e bugalhos, lentamente a apodrecerem, quási acabava de cobrir o terriço húmido e preto.

Uma ou outra ocasião, mal tratadas as verdadeiras como estavam, acontecia a Constâncio confundir-se e meter pelas densidades. Só o percebia tarde, quando se encontrava já muito na brenha. Tinha então de caminhar ainda mais vagaroso, sinuando por entre as árvores colossos, afastando esgalhos rígidos, calcando folhas murchas e molles, deixando-se arranhar pelo mato. Por sôbre a sua cabeça entrelaçava-se a ramaria sêca, riscando o céu; eram mais bastos os arvoredos do que pareciam de fora; em sítios, o matagal obriava a extensos rodeios.

Mas o velho, uma vez por outra, atingia o vasto lago, que fôra um dos requintes do parque. Cercavam-no altos castanheiros, muito grossos, alguns excavados e escavacados, com as pernas singulares ramificando-se em cotovelos bruscos; aqui e além mais do que um tronco rompendo duma só base. Constâncio, extenuado e apático,

assentava-se numa grande raiz, e fitava a lagoazita, hoje paludosa, quasi sem sinal de corrente; havia sempre uma crosta coalhada—ou fôsse espaçosa e rija, ou fôsse tão estreita e delgada, que apenas a quietação a distinguia do líquido, a intervalos arrepiado por uma lufada sombria. Era triste o espectáculo do gêlo, que semelhava uma água morta; mas talvez por essa mesma tristeza—se é que Constâncio reparava em qualquer coisa—ficava-se para ali durante muito.

Quasi sempre, antes de regressar, costeava o lago, mirando a seus pés, com um olhar indifferente ou incerto: bem raro a superficie gelada era uma extensão diáfana e limpa; o meio estagnamento do líquido produzia um caramelo amarelento, com a transparência duvidosa da cola. As rugosidades mal visíveis, as pregas, as bolhas dessa côscora—nalguns sítios vincada mais forte de gelhas paralelas e pequeníssimos mamilos—quando o sol se coava através, faziam no leito do charco como um tecido de linhas luminosas, contornadas por traços de sombra; borbulhos silenciosos subiam à tona, vagarosamente, e ficavam adherentes ao regêlo; pelo fundo corrimaçavam insectos.

Trôpego de frio e de velhice, Constâncio tornava a descer, automático, pelos mesmos caminhos, fixando um pouco mais o pensamento em sua neta, clareando-se-lhe a intelligência sob o pêso de maus preságios, à medida que tardamente se acercava da habitação. Com um abandôno fatalista entrava em casa; assentava-se à lareira sem nada perguntar; Isilda, com astúcias bondosas, acudia a tranqüilizá-lo, mas êle ficava suspeito e tôrvo, como se o reanimá-lo representasse um ultraje.

A enfôrma, desde a última crise—que o avô continuava a ignorar,—ia lentamente peorando. Estava à espera, dia a dia, de achar fôrças para partir, mas nas duas semanas que seguiram, não teve mais que melhoras precárias. As vezes, o Tio Grande aparecia a oferecer os seus préstimos, para conduzi-la aonde preferisse; Isilda acabou por dizer-lhe, enervada pela insistência, que ninguém já tencionava ausentar-se. Ela, agora, receava a partida; nada lhe inspirava menos confiança. Depois da tarde em que Luciana estivera longo tempo semimorta, não queria deixá-la retirar-se para junto de pessoas indiferentes, abandoná-la aos cuidados de estranhos. Ainda não desesperara de Higino nem do seu próprio desvêlo nem da vitalidade da doente; aceitava quando muito uma esperança recém-descoberta, que lhe não parecia arriscada. Procurava persuadir a amiga a que consultasse outro médico; era essa a opinião de Constâncio, e a única maneira, afirmava, de socegá-lo e dar-lhe coragem. Luciana, pouco a pouco, concordava com o alvitro, desanimada não só pelo que sofria mas pelo desalento do velho.

Constâncio, efectivamente, mesmo diante da neta, já não sabia, ou não podia, ocultar o abatimento; acaso nem percebia êsse estado, que o ganhara dum modo gradual e que tinha raízes subtis na sua fraqueza e senilidade. Era por fim uma coisa tão orgânica e tão permanente, tão livre do cogitar na doença e de todo outro pensamento, que chegava talvez a supor que seria aquilo mesmo a essência do seu carácter ou uma variante imperceptível. De resto, a memória enfraquecera muito, tinha largas e graves lacunas; havia quasi perdido a faculdade de examinar den-

tro em si, bem como a amplitude de ideias, que o tornava serêno e forte. A vontade desagregava-se, já não apresentava solidez; e o sentimento estreitara-se, retraído sôbre o eu, com uns derradeiros vigôres nêste caso ou quando se tratava da sua descendente.

Decerto que Luciana sentia êsse descalabro — não porêem com tanta evidência, que deixasse de atribuir à sua própria enfermidade a depressão do avô. Ele também tinha como que o ar, nalgum momento mais consciente, de filiar o acobrunhamento nas suas inquietações; contudo, a doença da neta, sacudindo-lhe o organismo decrépito, precipitando a decadência, fôra apenas causa remota dessa constante e extrema apatia, que às vezes semelhava desesperança.

Emmagrecera excessivamente nas últimas semanas; apenas lhe vestia a carcassa a pele pergaminhada, mal tensa no feixe de ossos: dir-se-ia um esqueleto ambulante. Os dedos pareciam de pedra, e tão gelados como se de pedra fôssem; os pulsos eram canas delgadas, frágeis quâsi, quâsi a partir-se. Acima da selva de barba muito longa e muito branca, uma cova de cada lado acentuava a caveira; as gelhas formavam inúmeras pregas, miúdinhas, sem intervalo; a calva subira mais, corroando a testa, enrugada e solene, com um polido de crânio exumado. Tremelicavam-lhe as mãos; tremelicava-lhe a voz, surda dentre as gengivas sem dentes, com fífias e notas femininas sobretudo na comoção. O chôro tornara-se-lhe pronto, a propósito dum queixume que soltasse, duma profecia sinistra que fizesse, duma reminiscência que o pungisse; era isto infreqüente porêem, porque já nem vivia do passado, despreocupava-se geralmente do futuro, mesmo próximo, e o pre-

sente consistia, em parte, num apontado de rabugices, manias, puerilidades, em que raro o contrariavam. Sentia, é verdade, habitualmente, um desassossêgo pela enfêrma, mas que não passava muitíssimas vezes dum sentimento obscuro; ainda quando atingia a consciência, conseguia êle quâsi sempre calar-se, refreado pela idea de ser incompreendido, ou raivoso com a obsessão de que lhe responderiam argúcias. A atizar sornamente o lume, de que em casa se não apartava, permanecia horas silencioso, com o pensamento arrastando-se entre imagens imprecisas, um olhar cheio de indiferenças, um aspecto acabrunhado.

Estava, de resto, cada dia mais mouco, para que interviesse nas conversações. Também a vista lhe ia faltando—dos olhos inflamados, com as pálpebras orladas de vermelho. Em volta da sua alma, já meio vazia, com o enfraquecer dos sentidos tornava-se mais profunda a solidão e mais irremediável. Isilda queria ler-lhe algumas páginas amigas; mas êsse letargo do entendimento fizera-lhe importunos os livros, seus antigos companheiros. Todo o esforço intelectual repugnava, por excessivo, à semi-escuridão do seu espírito, em que acabava por deleitar-se. Se acaso prendia a atenção—mesmo a episódios importantes e não difíceis de seguir, como uma visita do médico,—depressa se distraía, embora menos por fadiga do que talvez para acompanhar revelhos encadeamentos de ideas. Só êstes lhe não eram custosos; contudo, o trecho de leitura, ainda o mais seu conhecido, empobrecida a memória, não lhe sugeria um conjunto, convertia-se por fim numa música que lhe não dizia nada, e vaga para o seu ouvido a extinguir-se.—Demais, para que havia de ler, para que havia de conversar, para quê es-

forçar os sentidos a reparar no que se passava? No mesmo instante esquecia o que ouvira ou tinha presenciado.

Posto que a família fugisse a indicar-lhe êsse achaque, sempre Constâncio tinha dêle uma noção; no entanto, o muito que fazia a sua inércia, era desinteressar-se mais de tudo. Se alguma coisa o contrariava, seria antes o seu catarro durante as noites, que mal dormia, a sua debilidade, que Isilda, iludida ou iludindo, teimava em atribuir a uma alimentação cenobítica, ainda outros dos seus incômodos, porém físicos, a que não pudera adaptar-se. Isso, apenas, conseguia igualar, se é que às vezes não sobrelevava, as dôres morais que sofria pela neta; o resto das suas misérias — e sobretudo as dos outros, com aquela única excepção, — valiam para êle menos do que uma poeira de cinzas tépidas, a que ainda poderia aquecer as mãos.

Não era Isilda menos affectuosa porque sentisse em grande parte aquele intratável egoísmo; os seus cuidados com o velho duplicavam à proporção que o percebia mais caduco. Assim, como começava a temer dos passeios de Constâncio, da sua invalidez catacega, do frio ao ar livre, cada vez mais desabrido, e como o via sair e voltar sempre na mesma disposição, resolveu uma das manhãs acompanhá-lo, pensando que alcançaria lá fora o que não obtinha em casa — distrair o melancólico, espertar a atenção do apático.

Depois duma noite plácida, Luciana havia acordado com um parecer de melhor saúde; a amiga, porém, não ia tranqüila e talvez mesmo levasse um remorso. Contudo, não podia calar a obrigação, que se impunha urgente, de acudir também a Constâncio; pelo caminho, só cogitava

em satisfazê-lo, interessá-lo, em reviver o homem de outrora. Dera-lhe o braço para a lenta subida através do parque, e o velho, assim ajudado, mostrou desejo de chegar até ao rio. Isilda assentiu com renovada esperança—baldada como fôra, até ali, a sua boa-vontade: encaminharam-se ao pequeno terraço, onde uma tarde as duas companheiras tinham estado a observar a corrente.

Por entre as duas ribas imponentes, lá no fundo, mais inchado e impetuoso, o rio, amarelo barrento, zoava uma nota soturna, afogando os enormes pedregulhos, aos borbotões contra arestas imersas. Um rebanho, loiro e branco, de cabras, guizalhava pela penedia escarpada, a pularem entre as moitas definhadas, empinando-se a roerem tojos e giestas, abocanhando os bravios juníperos. Mais numerosas naquele dia, revoavam as costumeiras águias; Isilda apontou-as ao padreinho, que as fitou com olhos murchos.

Divididas em dois grupos, ora adejavam de nível, ora ascendiam em espiral; umas vezes circulavam irresolutamente, não muito alto, como gaivotas em tarde soalheira,—brincariam? buscavam caça?—outras vezes abalavam em fila até longe, mas depressa retrocediam. Uma bem grande, das chamadas caçadores, voejando baixo e perto, enovelava circunferências; a sua envergadura era larguíssima, mostrava a cauda forte espalmada; por fim, partiu em linha recta, a intervalos batendo as asas, compassadamente, por um instante, depois quieta, toda estendida, seguindo no impulso obtido.—Nos ninhos ouvia-se guinchar. Algumas desapareciam entre as rochas; outras surdiam de súbito, ficando como que a remarem longamente, até se firmarem no ar, e indo depois associar-se a um dos bandos. Lá muito

acima, um almocreve—dessas que teem o peito branco—largou a descer verticalmente, com a asa estirada e imóvel, parecendo um farrapo cinzento que viesse lentamente a cair. Sôbre um rochedo isolado, semelhante a um torreão, pousava altiva e ornamental, como de pedra, uma das burreiras ignóbeis

—Quem as matasse! murmurou Constâncio, que respeitara sempre a vida ainda a mais ínfima.

A rapariga fixou-o admirada.

—Quem as matasse! tornou êle com rancor.

Seria uma inveja demente por vê-las tão triunfais, tão vencedoras da vida? Isilda tentou informar-se; mas nada mais pôde tirar do contemplativo de outrora.

Entretanto, a torrente amarelenta, oprimida entre os brutos alcantis, secos e duros como a fome, ia arrastando despojos,—ervas, pernadas, um madeiro balouçante, um arbusto que boiava desgrenhado; pela ribanceira desabava uma grossa cascata, fazendo côro com o mugido das águas trasbordantes, que galopavam lá no fundo.

Isilda debruçou-se alguns momentos sôbre o parapeito, olhando para as manchas de espuma, fixas no meio do torvelinho, que poderia entontecê-la. Lembrava-se da última vez em que estivera ali com Luciana; vinha bem triste a companheira; contudo, muito mais triste era êste passeio de hoje. Quem suporia então, scismava a rapariga, que a situação da doente e a do velho chegariam a ser tão melindrosas!?... Voltasse, ao menos, depressa, a primavera! A luz dourada do sol, êsse calor vivificante, seria sem dúvida, para uma, as melhores; para o outro, talvez um remoçar.—E o seu casamento? perguntou a si mesma. Teria ainda de ser transferido? Não! Até lá

melhorariam tanto o avô como a neta, e qualquer outra dificuldade ficaria resolvida, segundo o maior bem dos três.

Com esta convicção retomou o caminho, conduzindo Constâncio amoravelmente. Acaso não devia conseguir o fim com que o tinha acompanhado; mas que importava! Próximamente, em Luciana estando curada, o velho recuperaria as faculdades.

Atravessaram de novo a mata. Cá em cima, as tempestades haviam feito grandes estragos. Vergastados obstinadamente, castanheiros, pinheiros, carvalhos, tinham coberto o chão de lenha. Um ou dois troncos, mesmo, jaziam prostrados — mortos hercúleos que causavam dó; alguns outros inclinavam-se, heróicos feridos da última refrega, quási a desabarem também. O machado do lenhador amplificara a ruína; cortara cerce muitos pinheiros, podara cruelmente os carvalhos. Tinha-lhes amputado as mais poderosas varas, truncado a cimeira das árvores; com uma espécie de escárneo macabro, tornara-as dor e ridículo.

A afilhada puxava Constâncio para que o não penalizasse tamanha devastação. Parecia como se aqueles esgalhos erguessem para o céu imprecações; de espaço a espaço, uma haste quebrada, apenas pendurada pela casca, dir-se-ia pedir ao vento que lhe findasse o martírio, pedir à terra geada que a amortilhasse como a tantas irmãs; — e por tôda a parte eram prantos e cóleras como depois duma grave batalha. Isilda alongava o olhar pelas fileiras de troncos; procurava por instinto quaisquer energias alegres afrontando a destruição. Mas o inverno soturnizara tudo; não havia mais do que fôrças estoicas, fincan-

do-se e esperando o combate, por trás delas uma como saudade, que partia dos horizontes diáfanos-acinzentados, e era semelhante à suspeita dum geral acabamento. Viria longe êsse acabamento, pensou Isilda; porém a seiva dormia nas árvores, e algumas perto, das mais robustas, por isso mesmo que estavam intactas, semelhavam esquisitos rochedos, seres de pedra, cadáveres em pé. Decerto que o velho, que arrastava pelo braço, tal qual um fardo de já matéria inerte, a tinha melancolizado — em vez de ela o distrair. Diligenciou conversar; mas como? Constâncio estava ainda mais taciturno do que na ida à cidade.

Tinham passado perto do lago, mas êle nem falou em deter-se. Aqui ou além, junto às bordas, apareciam ténues massas de gelo formado de cristalizações singulares; marginando uma faixa de água, um quási nada ondeada pelo vento, havia uma camada resistente, que o sol batia de balde: Constâncio embrulhara-se melhor na capa — talvez com uma sensação de frialdade moral em presença do largo tanque, desamparado do desvêlo dos homens, abandonado àqueles gélidos caprichos, unicamente emoldurado pelas árvores empedernidas.

Mais abaixo, num pedaço de caminho, abrigado por um morro, e, a todo o comprimento, bipartido de luz e sombra, a geada enfarinhava a longa tira sombria. Em certas clareiras alastrava; mas o derretimento era rápido quando o sol se punha a brilhar, com raios embora anémicos. De resto, de lugar para lugar, a poeirada de vidrilhos diferia muito em quantidade: nalguns sítios, quási nada; noutros, esbranquiçava toda uma leira, sarapintava o arvoredo, rendava os detritos caídos, confeitava as plântulas franzinas,

cristalizava as pedritas, mosqueava algum penhasco, num esmêro artificial de desenhar os relevos mais subtis. Vendo os humildes objectos enroupados nesse mantêu gelado, Isilda tornava-se friorenta, e sentia frio por êles todos, um frio que a tranzia até aos ossos.

Na anfractuosidade dum penedo estava cravada, semelhaute a uma tampa, uma lájea de caramelo, da grossura talvez duma polegada. Afim de variar os seus tentames de desfendar Constâncio, a rapariga bateu com um calhau na parte que supôs mais fina, mal ocasionando um rombo; atirou então com um pedregulho, que conseguiu produzir larga fractura; mas o velho, que não era o passeante de ainda há mês e meio, mostrava nem já compreender o folgarzar com a natureza, e olhava por demais.

Estavam perto da suave cavidade — escavada como um profundo nicho — onde Constâncio, certa madrugada, ao regressar do seu passeio, se inclinara a espreitar os candeolos. Escorregando pelo talude baixinho, fresco de pequeninos verdes, o mesmo fio gotejava, por sôbre a bôca dessa espécie de gruta, aparado numa cova musguenta. Pendiam do tecto estalactites de gêlo, fundidas por vezes numa só massa, que se prolongava em mamilos e scintilava docemente; no percurso de certos pingos formara-se uma débil filigrana — arborescente a pedaços, segundo as hastes e as folhitas em que se tinha apoiado, — lançando uma teia entre as rochas; ao fundo, num estreito rebôrdo, que dominava a água dormente porventura gelada, entre destroços de vidro, aprumavam-se estalagmites, erguiam-se franzinos pilares, cristalinos como diamante. Em volta da abertura, desmedidos candeolos, que se susti-

nham pela própria coesão, sem auxílio dos filamentos das plantas, brilhavam entre silvas ressequidas ou entre as raízes de fetos murchos, — as quais, argamassadas com frondes e terra, moldavam as habituais penças negras a realçarem os pingentes translúcidos. Não longe, sôbre o terreno pantanoso, havia uma regueira de regêlo, ouriçado de geada em agulhas.

Isilda tinha desejo de reencetar conversa; a sua alma, porêem, contra o costume e a despeito das boas tenções, sentia-se inerte, entorpecida, falta de tôda a vivacidade. Dir-se-ia que através de tal scenário, ora desolado, ora gélido, o próprio pensamento receava expandir-se, procurava antes encolher-se, agasalhar-se no amago do ser, como a velha que se entoca na sua escura palhoça e fica sôzinha a fiar, ou talvez a dormir, enquanto o temporal campeia. Era tão frígido o gêlo, a água, o vento, o arvoredo, que Isilda lhe parecia por fim como se mesmo as palavras devessem gelar-lhe na bôca — e, de facto, morriam-lhe entre os lábios.

Mas ao atravessar a ponte vacilante deteve-a um quadro de tal pitoresco, que a fez interjeccionar com êxtase:

— Olhe para ali! Que maravilha!...

O inverno emmudecera o diminuto córrego que desabava por sob a ponte; em vez dêle, alvejava agora, pela escadaria de fraguados, um riacho congelado: lajeava de neve os declives; e, parecendo parar em cada degrau, formava aí como que pães de branquíssimo caramelo, que deixavam escorrer, semelhantes a uma franja de joias, longos e diamantinos sincelos. Algumas pedras salientavam pontas negras entre aquela grande alvura; aqui ou acolá, uma crosta côr de creme,

fôfa, ténue, ressumando, vai não vai a desfazer-se, fragilizava a construção. Crer-se-ia o trono do inverno, onde lampejavam pratas, faiscavam pedrarias, um trono quási quimérico, irreal, efémero, todavia sólido, e sobretudo alvo, muito alvo, duma brancura igual à da morte. — Por entre as duas margens rochosas, a torrente serpeava encosta abaixo, architectando ornatos disformes e delicadezas aéreas: espadanava alvejamentos fabulosos, espirrava gotas imóveis, recortava-se entre as ilhetas negrejantes, esboçava ondulações extravagantes e cândidas, espriava espelhos de leite, e brancamente empolava-se à borda dos socalcos, moldando esquisitos pudins, donde caía em cristalinidades.

Nas pupilas de Constâncio passara uma vaga scentelha; a rapariga, alguns momentos, expandiu entusiasmos. Logo porém que se afastaram, o velho imergiu no torpor; e, não muito mais adiante, Isilda foi mal sucedida quando tentou novamente estimular-lhe o interêsse.

Constâncio parava molemente, pesado no braço da afilhada; escutava-a cabisbaixo, fixando não se sabia o quê. Uma só vez lhe respondeu, e com um gesto de manequim. Depois, retomava o caminho, no mesmo silêncio sonâmbulo: nem parecia compreender o que via, nem relacionar o que estava ouvindo. O códão nas ruas sombreadas fazia extensos calcetamentos difficilimos; mas êle não se queixava, como se nem tal percebesse. Corcovado, ia arrastando os pés, por entre as filas dos grossos carvalhos; com a descida e com a longura do passeio, as suas pernas, porém, vergavam; teve de assentar-se numa pedra. Isilda calara-se de novo, mirando-o compungida, meio desalentada; — e entrou em casa com a surda sus-

peita de que o velho estava quasi acabado, definitivamente decrépito.

Um véu esbranquiçado de nuvem, mal rasgado aqui ou além, aguava todo o azul do céu; ao centro duma espessura mais lívida, vibrava uma nódoa de madre-pérola, que não se podia fitar. Era o sol fôsko de inverno, rondando baixo e arrepiado, como um orbe prestes a arrefecer.

VII

UM dos dois grandes celeiros defronte do palacete, à parte de trás, — estava ardendo. Pelos interstícios dalgumas janelas passavam já delgadas labaredas; do telhado rompia um fumo espesso com fagulhas, que se desgrenhava na noite negra. Em meio do pátio, num grupo compacto, manchado às vezes por um tremente reflexo, estava imóvel a família: o velho, Isilda, a doente e a criada.

Lá ao longe, junto ao horizonte, entre umas faixas muito tintas, parecia haver também um incêndio. De quando em quando, um relâmpago mudo, rasgava a sombria cortina sôbre as montanhas opacas. O vento bufava com impetuosidade: massas enormes de nuvem, semelhantes a fumaradas, debandavam por todo o céu; apontava aqui ou além uma estrela, como faíscas semi-mortas enoveladas nos turbilhões.

Saíu do grupo um lamento fúnebre:

—E não se poder salvar coisa alguma!...

—Se eu tornasse a experimentar... murmurou uma voz mais suave.

—Não, Isilda! não te apartes. Tenho medo de aqui ficar sem ti.

Pela porta do celeiro entreaberta jorrava a espaços um clarão. Dentro, ouvia-se roncar surdamente; era como um vulcão atabafado que estivesse próximo a explodir;—e aquela ameaça iminente apavorava tanto mais, quanto mais tardava em cumprir-se.

—Quando alguém nos acudir, já tudo estará perdido—teimou, no escuro, o mesmo lamento.

—Talvez não, Catarina! Mas que importa! respondeu baixinho Isilda.

Porém, a amiga atalhou:

—Quem nos há-de acudir a tais horas!?

Constâncio não dizia uma palavra. Uma chama bateu-lhe no rosto, crispado numa raiva dolorosa. Tudo, pois, que lhe pertencesse, que lhe tocasse de perto ou de longe, devia inutilizar-se, desaparecer, aniquilar-se, morrer? Aquele inesperado desastre reavivava-lhe o entendimento. Pouco se lhe dava do que perdia—as últimas migalhas miseráveis de miseráveis colheitas; mas aterrava-o o acinte da sorte, aturdiava-o ansiosamente por não poder compreendê-lo. Que maldição era então essa que dominava a sua vida? E porquê?...

Rompeu por fim a erupção. Duma fresta junto ao telhado, vivamente iluminada, brotaram grandes línguas de fogo; as portadas das janelas entraram a desabar com fragor; e o enorme brasido apareceu, alumando todo o pátio e as quatro figuras pálidas.

—É horrível! exclamou Luciana.

O avô esgazeava os olhos, como se só agora concebesse bem a realidade do sinistro. Não so-

fria como alguêm que experimentasse uma grave perda — pois que importante era para êle; — parecia-lhe que estava assistindo à destruição duma parte de si mesmo, tão identificado se sentia com as boçais coisas que há tanto o rodeavam. Aquele quâsi pardieiro, em chamas, afigurava-se-lhe por fim uma catástrofe semelhante à sua vida, a conflagrar por todos os lados, a dissipar-se em fumo, a ruir.

E entretanto, o vento furiava. Passava como um bando invisível de monstros que voassem freneticamente, atrás das nuvens em tropel, agitando asas descompassadas; arremessava direito ao horizonte enxames de redemoinhantes fagulhas, que fugiam, minguavam, se sumiam na negridão; e, com uma perversidade de zêlo, atiçava a imensa fornalha.

Por instantes, o esplendor abafava: as labaredas tornavam-se de sangue, empenachadas de preto; — ou ainda, atiravam-se à uma, por todas as aberturas, em afflita debandada, rolos densos, côr de pez, com manchas afogueadas. Era uma pausa que lembrava um acabar; nos corações pulsava uma esperança; mas não podia durar a ilusão. Havia crepitações obscuras, granizadas de estalidos, por trás da tenebrosa fumarada; presentia-se o incêndio esfaimado avançando à lufalufa; e, como uma peça de bem armada pirotécnica, súbitamente ressurgia a rutilância, entrevia-se uma ceara de oiro trágico, que mugia temerosa. — Defronte, nas vidraças do edificio, corriam fosquinhas sanguinolentas, ou os vidros plácidamente fulguravam como banhados por um loiro poente.

Luciana repetia que era horrível; a velha criada gemia e pranteava; Isilda remoía-se de

desespêro por não poder acudir. — E a moça que não voltava da aldeia, aonde fôra pedir socorros!...

— Vamo-nos daqui, vamos para dentro, aconselhou a rapariga.

Receava pelo idoso e pela enfôrma; já demais se prolongara aquele estado de emoção.

— Pode-te fazer muito mal êste frio.

Mas, como até então, Constâncio e a neta persistiram em não afastar-se. De resto, o frio era um fraco motivo; a gigantesca fogueira aquecia de tal modo, que tinham tido de recuar.

Outra vez imperava o silêncio. Ficavam todos de olhos fitos no desastre, escrutando os avanços da assolação, a corrosiva potestade do fogo. — O infernal abrasamento dir-se-ia um viveiro de reptis, que verminavam aos centos: molhos de serpentes enroscavam-se às ombreiras, rastejavam pelas vergas, — e, ao abraço dos seus aneis, as velhas madeiras estalavam, acabando por atear o tétrico lumaréu; não raro, alguma grossa gibóia, estendendo-se e retraindo-se, brandia a cauda contra a parede como a tentear-lhe a solidez;inhos de cobras fervilhavam entre as estoiradas telhas. E de tempos a tempos, um rouco estampido, seguido de baforadas negras, como algodões desenrolados, amortecia lúgubrememente todo aquele serpentear. O cheiro a queimado estrangulava.

Troou por fim um estrondo possante; o travejamento desabou precipitando o telhado; o grupo recuou mais, envolvido num pó fagulhento. Depressa, a conflagração atingiu o paroxismo.

Indómitas labaredas retorcidas golfavam pelas janelas; um chamejamento ondeante, arrojando-se para a noite escura com um ofêgo pressu-

roso, enchia a bôca do portão; de entre as paredes avermelhadas onde sombras ziguezagueavam, pretendia repuxar para as alturas, a cada instante derrubada e esfarrapada pelo vento, uma pirâmide esbraseada.

As largas nuvens continuavam a passar, com reverberações escarlates, atropelando-se tumultuariamente, misturadas a rodilhões de fumo: ao longe, no horizonte, prosseguia a muda trovoadá. De lá para cá vinham morrendo as derradeiras estrelas; tinham-se tornado mais deslumbrantes os violáceos ofuscamentos;—eram mais vastos, quási incessantes, como se toda a montanha agora ardesse.

Na memória de Constâncio, hirto e quêdo como um títere miserando, perpassavam outros episódios da sua longa ruína—desbaratos e perdas, desastres e roubos, muitos contos de réis abismados em gastos hoje indefinidos, a pompa, a curiosidade e o capricho, a negligência, o êrro e o azar, e uma infatigável bondade completando a penúria. Não era aquele o primeiro incêndio; nem êsse vendaval, que zunia como enraivecido contra êle, era o único que tinha ajudado à decadência do seu património; iracundas tempestades, impiedosas estações, haviam devastado os seus campos dilatados, as suas vivendas então numerosas; quási todos os poderes da natureza tinham colaborado no mal. Fogo e água, vento e neve, a fome e perversidade dos homens, o dente afiado do lobo, tudo conjurara contra os seus haveres—do mesmo modo que a doença e o crime, a velhice e a catástrofe, lhe tinham exterminado a frondosa família. Mas por trás dos variáveis, tantas vezes triviais sucessos, que o haviam conduzido à pobreza e àquele abandôno, Constâncio, mais do que

nunca, neste momento—em que com um rápido olhar podia abranger oitenta anos e agora que já nada tinha a esperar—sentia que, a cada instante, estivera presente na sua existência uma despótica fatalidade, com que lhe seria impossível medir-se. Talvez que essa fatalidade fôsse apenas o acabamento, que perenemente reside em todos os entes, mortais, em todos os objectos, efémeros, e ao qual tivesse devido assistir muitas mais vezes do que outrem, por mais duradoura a sua vida; talvez que a sua longevidade ofendesse alguma eterna lei, e que houvesse de resgatar essa quasi que infracção—para que o predestinara o temperamento ou um mistério—com o presenciar, a cada hora, destroços, mortalidade...—O seu pensamento baralhava-se e perdia-se; depressa caiu num crepúsculo, como um sol invernal que se põe: ficou submerso em negrumes, a flutuar frouxamente. A fadiga venceu a dor; e Constâncio olhava, por fim, tão sómente por olhar—mudo, quêdo, mas novamente alcachinado, e ao de leve boquiaberto, mais de tontaria que de pasmo.

Luciana tinha ido assentar-se num madeiro encostado à residência; a espaços corria nervosa a mão pelo rosto, mas voltava a fitar o chão, numa postura resignada. A amiga vinha e tornava, sem palavra; o seu espírito e o seu sentimento, bem mais ligeiros do que êsse vaivem, passavam de cuidado a cuidado. Entretanto, o fogo prosseguia; e tenazmente, cegamente, sem que ninguém ali, o pudesse estorvar, em frente daquelas impotências, num escarnekedor desafio, abrasou tudo quanto encontrava entre as quatro paredes, terrível como uma vingança, irresistível até final como um supremo poder, soberanamente esmagador, sôbre-humanamente inevitável.

— Agora é que se acabou! carpiu Catarina, limpando as lágrimas.

Rouquejavam trovões longínquos, a ventania, porém, ia amansando. Um hálito secante, que afrontava, saía ainda do lumarén; mas o incêndio já não flamejava. O pardieiro, lá por dentro, era agora uma brasa enorme.

De tempos a tempos, a velhota tornava a elevar a voz. Lastimava os valores perdidos, e formulava conjecturas, entremeadas de interrogações e espantos, sôbre as causas do desastre. Ainda subjugada tôda a família pelo desgosto e confusão, que lhe importavam por agora as causas? Ninguém, a não ser Isilda, e bem pouco, aproveitava com as palavras da criada; a rapariga, todavia, tinha já uma opinião vaga, embora por certos lados repugnasse à sua boa fé. Luciana scismava sobretudo em que seria preferível não ter dado pelo sinistro ou ter-se ao menos calado. De que servira descobri-lo, quando não havia recurso? Fôra isso martirizarem-se mais — presenciando miúdamente o decorrer do fatídico espectáculo. Só Constâncio não parecia já sofrer; fixava a estranha braseira, que o aquecia, o confortava, como se ela fôsse apenas uma festa luminosa, insignificativa, inocente, que lhe submetia a vista.

A provisão de combustível devia contudo exaurir-se; o fogo começou a deperecer: cumprira activamente a sua faina. Todos vieram assentar-se ao lado de Luciana, pusilânimes, com uma grande fadiga, e ficaram num silêncio absoluto; no coração da mais animosa fenecera a última esperança.

Gradualmente a noite negra voltava a apertar o seu círculo em redor do grupo solitário;

na parede fronteira à casa que ardia nos derradeiros lampejos, balouçavam-se agora vastas sombras; as vidraças apagavam-se com fugitivos bruxoleios. E o rescaldo, lentamente, desdoirava-se, entenebrecia; fumegava ténuemente, como uma cratera a extinguir-se; e era por fim uma mole de treva, com raros tições a pestanearem. — As três mulheres contemplavam consternadas como se assistissem a um falecimento.

No horizonte, a trovada cessara. O céu, de norte a sul, ennublara-se; a custo se diferenciava da opacidade dos montes a sua profunda escuridão. Uma chuva miudíssima e rala principiou a cair. Isilda aproveitou o ensejo: logrou convencer a doente, arrastar o velho pela manga; — e todos fúnebremente recolheram.

Precedida do Tio Grande, única ajuda que tinha conseguido, a Silvéria regressava nêsse instante, — já muito tarde, inutilmente!

VIII

AO outro dia, Luciana ficou de cama. O abalo agravara-lhe cada um dos incómodos; peorara mais numa só noite do que às vezes em tôda uma semana: sentia-se muito mal.

Isilda chamou a Silvéria e perguntou-lhe se na véspera, antes do incêndio, ela estivera no celeiro; a moça não disse que não, mas foi incapaz de explicar o que lá tinha ido fazer. Respondia por monossílabos, com uma animal indiferença. Não fôra ela por sono ou desmazêlo que teria lançado fôgo? acentuou por fim Isilda. Podia ser; não se lembrava;—e a rapariga, por mais esforços, não conseguiu arrancar-lhe outra inculpação ou defesa. A Silvéria seria assaz estúpida, para calar por fantasia as suas culpas num prejuízo que não avaliava, ou seria talvez bastante néscia, para deixar-se acusar injustamente; o que não parecia provável, é que fôsse tão boçal ou duma velhacaria tão subtil, que tendo responsabilidades mais graves do que uma sim-

ples negligência não tentasse desculpar-se melhor — negar, encobrir, falsear.

Era certo que nessa mesma noite travara uma rancorosa altercação com Catarina, por esta lhe apreender umas gulodices destinadas à doente, e que a Silvéria havia furtado. Entrando por instantes na cozinha, mas preocupada com ideas mais sérias, Isilda, nenhuma importância tinha ligado àqueles ralhos; recordava-se, contudo, de ouvir a velhota prègar:

— Para que não digam que te dou a menos, já nunca te faço prato; das comidas que se cozinham para todos, comes à farta, até rebentares. Podes gulosar à vontade, — já não me importo, nem por ti nem pela casa; mas acho mesmo uma consciênciã roubares o que é só para a senhora.

A cachopa pegara na lanterna, e — menos irritada pelas repreensões do que talvez pela privação — abalara porta fora. Desconfiava agora Catarina que ela se houvesse dirigido ao celeiro. O não entender com que fim, é que mais comprometia a Silvéria; e o que mais avigorava as conjecturas de que duma ou doutra maneira fôsse ela a causa do incêndio, era a necessidade de explicá-lo. Alguém, todavia, aladiu à Barbara, que à tarde batera ao portão; pareceu inverosímil, absurdo: mais natural seria culparem uma ranchada de ciganos que, conforme Catarina lembrou, vagabundeavam por ali. Tudo ficou, afinal, em suposições vacilantes.

Já era mau entretanto supor-se, por um momento sequer, que poderia ter sido a moça; e pelos seus muitos desleixos, Isilda não duvidou despedi-la. Tão inútil a julgava, que, não obstante a amiga estar de cama e a velhota bastante adoentada, mandou embora a Silvéria, êsse mes-

mo dia, posto que sem grande esperança de em breve lhe encontrar substituta. Recebera boas notícias do noivo; viria visitá-la no próximo mês, fazer as últimas combinações a respeito do casamento; — e, apesar do obstáculo que era a doença de Luciana, a rapariga sentia-se confiada, segura do seu futuro ditoso, não descrente da felicidade dos demais, disposta para toda a fadiga, animosa para todos os esforços que pudessem resultar num bem. Tinha agora de ser tudo nessa casa: neta e irmã, se bem que engeitada, um tanto mãe, governante, criada e enfermeira; — mas isso não a assustava.

No seu egoísmo de doente, cuja sensibilidade estava exulcerada e caprichosamente vibrava, Luciana agradecia sobretudo haverem-na livrado da Silvéria. Desde algum tempo que a presença dessa eriatura, que achava dúbia, lhe motivava um asco doloroso; havia seres que, segundo ela, traziam pegada a si a desgraça ou não sabia que ocultos danos que espalhavam em redor. Viu-a partir com o mesmo desapêgo com que a Silvéria lhe disse adeus; e ainda que ela não passava, talvez, dum bruto animal em corpo humano, antes inconsciente do que malévolo, a enfêrma experimentava a sensação de ter fugido dum ente mal-fazejo, ou melhor, duma fôrça involuntária cuja irresponsabilidade o destino guiava. Todavia partira tarde, deixando atrás de si o desastre. E êsse desastre, conquanto grande, era menor pelo que valia do que pelo que significava — reflectia Luciana.

Quando entrava a recordar-se do sinistro, representava-se-lhe minuciosa mas como presenciada num sonho a scena daquela noite; às vezes, porém, cogitava nas consequências e nas causas

da catástrofe, o seu pensamento derivava até longe, esquecia-se do facto material, — entretanto, lá no último plano das ideas que iam perpassando, a imaginação, persistentemente, esboçava-lhe um incêndio, deformado, esquematizado, reduzido finalmente a uma vasta mancha de sangue. Tanto se repetiu e permaneceu esta imagem, que veio a fazer-se indelével; ao fundo de quanto meditava ou iluminando os seus devaneios, entrevia agora, sempre, essa coisa sanguinosa; — e o incêndio, julgado já um mau preságio, tornou-se um preságio de morte.

Actualmente, para Luciana, que receava morrer, tudo eram prenúncios funestos. Superstições extravagantes, um sobrenaturalismo impreciso, confusos pressentimentos, baralhavam-se no seu espírito, enraizavam-se na sua alma enfraquecida, sem que os pudesse expulsar, nem sómente discutir; ia vivendo sob a impressão temerosa de que se preparava o seu fim. — Era duma raça infeliz, onde quasi sem excepção se falecia precocemente; os seus ascendentes chegados haviam tido um acabamento trágico; ficara viúva no vigor da idade: sentia-se rodeada de mortos, herdeira duma sina calamitosa, em tudo que lhe fôsse caro perseguida pela Morte; se pouco mais lhe restava do que a vida, não devia tardar a hora em que ela lha arrebatasse. Sim, decerto acabaria nova, tal qual os seus antepassados, acaso horrorosamente, e sem quasi conhecer a felicidade; não mais recobriria a saúde; não sairia nunca mais dêsse casarão aziago, onde nascera em dia nefasto e aonde voltara para finar-se; — nem mais se levantava dessa cama, enorme como o enorme jazigo onde havia de ficar. Tornava a ter pesadelos infaustos; novamente via o pai, garboso e nobre,

montado no alazão, repetindo: «virei buscar-te»; outra vez assistia à peripécia da chegada do assassinado, trazido em braços por sôbre a neve.

Estas imaginações e pensamentos tenebrosos sobrepunham ao sofrimento físico uma tortura nada menos atroz. Se a doença lhe dava umas horas de tréguas, Luciana, mórbidamente, começava a dobar tristezas, e ao mínimo ensejo que se lhes deparava, acudiam em turbamulta as reflexões, os augúrios, sôbre o trespasso irremediável e próximo. A sua índole, conquanto resignada, não podia sujeitar-se à negra idea. Seria desventura o presente e o passado; não obstante, a doente amava a vida; desejava-a tanto mais ardentemente, quanto mais receava e descreia.

Por infelicidade, aos terrores fantasistas, aos supersticiosos devaneios, juntavam-se complicações de enfermidade, que com mais grave fundamento a inquietavam. Palpitações, calafrios e febre, eram há muito os menores de seus males; um pêso ao lado esquerdo no peito, como se lhe estivessem a esmagar a víscera essencial, ou lancinâncias obstinadas e profundas, faziam-na permanecer imóvel, contorcida, com as mãos crispadas, horrorizada de aflicção ou dôr; martirizavam-na sufocamentos; — e à noite, quando não se revolia em insónias, dormitava num meio delírio; raras vezes dormia um sono, ao de leve reparador, agitado de pesadelos. Se de ordinário o sofrimento não atingia o extremo limite nem ocasionava a síncope, era agora mais definido, mais prolongado, mais freqüente, e em geral mais agudo. Pouco a pouco, apesar de quanto esforço, quantos cuidados no tratamento, a doença ia como que alastrando, dominando cada um dos órgãos, vencendo o organismo inteiro; aos incó-

modos mais permanentes misturavam-se variados tormentos em tôdas as partes do corpo — congestões, hipertrofias, aberrações de funcionamento; o mal-estar não descontinuava; a anorexia, a debilidade, eram dia a dia maiores. — Luciana cessara de iludir, e ocultar tornara-se impossível; à amiga contava o que sofria, e diante do avô nada podia fazer mais do que mitigar os tranSES.

— É apenas questão de tempo, notava não raramente para Isilda; isto já não tem concêrto.

A rapariga contestava, com despersuasões sempre novas; algumas ocasiões mostrava-se zangada, noutras fingia não ouvir.

E contudo, Luciana, por mais que a superstição a aterrasse, por mais perigosa que sentisse a enfermidade, por mais sinceramente que afirmasse a certeza de que não tardava a extinguir-se, no íntimo conservava uma esperança, quási sempre ignorada, que às vezes a reflexão combatia, mas que não obstante a livrava de abismar-se no desespêro. Desespêro horrendo, sem dúvida, como crueis eram alguns aspectos que tomava a sua obsessão.

Outrora, quando longe da morte, não tinha mais que uma noção flutuante do que seria *tal coisa*, e ainda menos a consciência exacta de que *isso* sucederia. Para Luciana, do mesmo modo que para o comum da humanidade, morrer era um acontecimento que lhe não dizia respeito, a sua morte uma calamidade — quando muito — possível, quási improvável, em todo o caso remotíssima, e seguramente não sem remédio; como se fôsse imortal, morrer tinha sido para ela uma idea inconsistente, uma fórmula bastante ambígua, uma palavra indecisa. Que houvesse de acabar certo dia, a certa hora, fatalmente como tudo

que tem vida, e sem ressurgir nunca, nunca mais, — não passava tal pensamento dumã imagem mal contornada; e a ignorância em que estava das circunstâncias do seu fim, não lhe despertava a curiosidade, pelo contrário lançava a incerteza sôbre o facto em si de aniquilar-se. — Hoje, porém, perguntava consigo, numa ânsia empolgante e doentia, em que momento preciso deixaria de existir — e de que maneira, onde, com que sofrimentos?... Estaria talvez ali, nêsse mesmo quarto, nessa cama; o inverno soluçaria lá fora; e alta noite, plácidamente, — não, acaso com uma indizível agonia, entre suplícios nunca experimentados (cujo maior seria ainda assim não poder mais reter a existência), de súbito, num derradeiro estremeção, cessaria de ver a lamparina, nos seus ouvidos entraria o silêncio, o seu cérebro ficaria sem um clarão, o crânio ôco, — e era dêste modo até ao cabo dos tempos, eternamente: silêncio, treva, solidão, nada. A sua carne tornar-se-ia uma imundice; e nos seus olhos, nos seus beiços, os vermes horríveis do coval...

Valia mais não meditar! — E por instantes, a convicção absurda de que toda essa visão não passava de fantasia, aquietava-lhe os pavores. Depressa, contudo, voltava a insistir nêsses problemas estrangulantes: como é que isto acontecerá?... E quando?... Será realmente em breve?... Daí a dias, meses, ou ainda alguns anos?... Amanhã, hoje mesmo quem sabe, — talvez quando menos o esperasse, — teria de afrontar a Grande Angústia, que ninguém pode evitar. Por felicidade, a esperança segredava-lhe: a mais sólida previsão falha por vezes; quantos, através de rudes obstáculos, atingiram a última velhice!...

Toda a semana que seguiu ao incêndio — sem-

pre flagelada de receios ou dúvidas—Luciana permaneceu de cama. Higino encobria a custo o seu desapontamento; e reclamou a presença de outro médico: sem o saber vinha ao encontro dos desejos e projectos de Isilda. Ela e a doente fizeram a escolha, que o clínico aceitou de bom grado.

—Já há tempos, confiou à rapariga, que por descargo de consciência gostaria de ter a meu lado um colega de renome. Mas tudo é tão custoso aqui, nesta região afastada,—sobretudo no inverno fatal!

Apontava para o céu, acolchoado de pastas fuliginosas, donde torrentava um dilúvio.

Desde a noite do sinistro que chovia continuamente, uma chuva fria, a jorros, alguns dias arremessada pelo vento. Ameaçava as vidraças; penetrando pelas janelas mal vedadas, inundava os aposentos; às vezes fazia um estrondo monótono, como o dum trovão longínquo e incessante. Luciana, assentada no leito, cercada de almofadões, respirava com dificuldade, como se as aguaceiradas lhe estivessem caindo em cima e lhe pesassem no peito; nos intervalos soltava um suspiro e procurava atravessar os vidros embaçados; parecia-lhe que, se o céu aclarasse, fugiriam as imagens lutuosas e por ventura um regresso de saúde recuaria para muito longe a morte.

Mateus, apesar da inverneira, vinha ajudar Isilda, não raro, a entreter, animar a doente. Como sempre, era pouco alegre; mas nos convites da rapariga para que voltasse e se demorasse, percebendo que o julgavam de préstimo, sentia-se mais à vontade e conversava, forcejando por distrair. Ela aproveitava a visita para adiantar o grosso das tarefas que não podia desempenhar ao

pé da amiga; e quando Mateus faltava, achava-se em árduos embaraços para não deixar Constâncio e a neta por muito tempo sòzinhos. Chegou mesmo a dizer ao professor:

—Se aqui pudesse ficar enquanto a Luciana está assim, seria para mim um grande alívio — uma facilidade, pelo menos.

Realmente, o que temia, é que Mateus se enfadasse de vir, ou mesmo adoecesse com as molhas, de que o não livravam assaz um capote e um guarda-chuva nem o trote pouco expedito do cavalicoque emprestado. Conhecendo porêem tôda a inépcia da maledicência rural, o rapaz antes quereria, se a gratidão a tanto o obrigava, expôr-se à doença e a maiores canseiras do que por sonhos instalar-se ali.

Ao lado de Mateus e Constâncio, o velho cão ou o velho gato faziam por vezes companhia à enfêrma. Um, vagueava de espaço a espaço em volta da cama, erguendo o focinho esbranquiçado, grosso e tôsco, duma hirsutez campesina, a rinhonar meigamente, como convidando-a a levantar-se; o outro, quêdo, fitava-a em silêncio, nos seus olhos probos já sem lustro uma espécie de comiserção. Luciana dirigia-lhes a palavra, não podendo com a mão afagá-los; era pouco menos reconhecida àqueles dois visitantes do que ao doutor e Mateus.

À hora das refeições, comparecia geralmente algum dos animais. Isilda costumava lastimar:

—São os únicos que vejo que comam.

Com efeito, para passar o dia inteiro à cabeceira da neta — onde ficava taciturno, numa abstracção modorrenta, — Constâncio tinha ordenado que o servissem acolá mesmo; mas, por mais que a afilhada o exortasse, o principal do seu quinhão

dava-o fôsse ao cão, fôsse ao gato, — e Luciana não o imitava, sómente por conservar as noções de asseio e de ordem, que êle com a decrepitude perdera.

Catarina, quando o serviço lhe oferecia uma curta folga, subia ao quarto da doente. Reparava nas sostras do soalho; e, enquanto ajoelhava a esfregá-las, vociferava contra o amo. Êle redarguia com menos veemência, porém não com menor azedume; o seu actual egoísmo negava toda a razão à serva e levava-o a achar expressões muito ásperas: a velhota acabava sempre por encarecer e carpir a desgraça da sua sorte; às vezes mesmo, choramingava. E em lugar duma boa palavra de sincera compaixão, ou uma dessas banais consolações, o idoso principiava a lamentar-se também, — e ficava perpétuamente a rabujar depois que Catarina descera.

Freqüentemente implicava com Isilda; caturrava por ninharias. Sobretudo o seu zêlo pela doente, e ainda os seus próprios incômodos, motivavam-lhe um sem número de exigências monomaniacas e faziam-no encontrar bastos ensejos para queixumes, acusações e controvérsias. Só saía do marasmo para impertinentar duramente. Há muitos anos, talvez, que tinha o coração pouco brando; mas, ao menos, corrigia essa perda por um proceder, em tudo magnânimo; — hoje, porém, nem sequer a urbanidade, em que havia sido um fidalgo, temperava a sua íntima dureza.

Dir-se-ia que depois do incêndio, a sua irritabilidade crescera; fôra um choque que lhe acordava o restante dos vigôres, e que naturalmente devia esgotá-los. Chegara mesmo um dia, entre os seus ralhos, a objurgar contra o daninho desalento; mas pouco a pouco alheava-se de tudo, mais profundamente que nunca.

Como quer que fôsse, para Luciana, a presença do velho era malsã: penalizava-a que êle maguasse a pobre Catarina adoentada, ou que censurasse Isilda, incansável, que o aturava com a maior paciência; não menos, porém, a incomodava o vê-lo calado e abatido—já com um quê de emparvecimento, segundo lhe parecia últimamente. Às vezes, ao entardecer, fatigada de tê-lo a seu lado, anciava pela noite; rogava-lhe prematuramente que se fôsse recolher; e a amiga, compreendendo o sentimento da enfêrma,—embora para poder bem vigiá-los preferisse que o avô e a neta estivessem reunidos—juntava os seus pedidos aos dela e esforçava-se por afastar Constâncio.

—Que infelicidade! pensava Luciana. Não me pode servir de nada, e muito menos eu a êle.

E a esta tristeza outras seguiam, que o optimismo da companheira não conseguia dissipar e que mantinham Luciana em vigília até desoras.

Uma noite, prolongadamente, desacompanhada de vento, escorria do beiral uma chuva tranqüila e grossa, como um regato que estivesse correndo. Isilda, muito cansada, adormecera—no colchão que costumava a desenrolar sôbre o soalho, aos pés da cama da amiga. Meio assentada, a doente pousava as mãos afiladas sôbre a larga dobra do lençol, que à luz tímida da lamparina branquejava; e, como de ordinário, scismabundava, em tôrno da fatal ideia do seu próximo acabamento.

Era injusto morrer tão nova, afigurava-se-lhe. Se é sempre cruel morrer, o que fará quando uma vida foi mais do que incompleta!? quási desprovida dos episódios variados (nada importa se affitivos ou aprazíveis) que pertencem às diferentes idades, que pouco a pouco cabem por sorte a todos os seres humanos, unicamente porque vão

vivendo! Tratando-se duma mulher, não tem ela o direito de esperar ser filha, ser esposa e ser mãe?... Quando se expira na infância, ainda vá! Mas quando se chega à posse da razão, não é justo presumir que se experimentará toda a existência nas suas diferentes fases, que não se ficará, ao menos, em meio?—Ela tinha atravessado boa metade da vida, era certo; mas nem nessa primeira parte cumprira os seus destinos de mulher. Se o passado houvesse sido outro, estava pronta, imaginava, a prescindir do futuro; assim, parecia-lhe legítimo que o futuro a indemnizasse—quando mais não fôsse, deixando-a subsistir.

Filha, ficara cedo órfã; esposa, fôra infeliz; mãe, não era, não seria jamais. E em troca, tivera acaso quaisquer prazeres secundários, quaisquer satisfações imprevistas? Não; unicamente desgostos.—Em vez de por isso cubiçar a morte, mais desejava a existência. Talvez que os anos para vir, lhe concedessem, sequer, alguns breves contentamentos, algumas alegrias fortuitas; não sabia como, não pretendia saber, nem perguntar se era possível. Quando mesmo o não fôsse, agora que a doença a aterrava, sentia bem, por mais que dissesse, que não queria desaparecer; e o seu receio, o seu desejo, as suas ambições impreenchidas, pareciam-lhe um direito a existir.

A chuva corria sempre, preguiçosa e sem variante. Na casa predominava o silêncio; Isilda respirava brandamente; apenas, de longe a longe, algum móvel do quarto estalava. Luciana pôs-se a cogitar na infância, nos invernos que passara ali. Quem lhe diria, nêsse tempo, que viria a ser assim o seu viver, aquilo que tinha sido!?... e que tão cedo havia de findar!?... Decerto que já então começava a formar sonhos. Mas tudo fôra

tão diferente! tão insípido e sem côr, de tão brilhante que o imaginara! Ao menos restavam-lhe os anos infantis; e êsse quarto, aquela casa, apresentavam-lhos à memória com tamanha lucidez, que se lhe afigurou durante um longo espaço que voltara a ser criança, que nunca havia sido outra coisa,—e por instantes ficou-se num enlêvo.

A distância estrugiu surdamente o catarro do avô. Coitado! que velho que estava! Fôra êle o mais assíduo dos companheiros da sua infância; e era o último a acompanhá-la. Qual dos dois partiria primeiro?... Talvez a enfermidade, numa simultânea morte, os devesse reunir, como a princípio os reunira a vida. E Luciana, involuntariamente, confrontava as duas épocas; comparava o que ambos eram hoje—doentes paralisados, quási a fenecerem,—com os alegres e esperançosos de antigamente.

Se a chuva caía como agora, o avô, à beira do lume, contava-lhe lendas fascinantes ou casos históricos aventureiros, que a apaixonavam melhor que romances; mais pequena, assentada nos joelhos, ao pé da janela, ensinava-a a ler, ou espreitavam ambos o vale exânime, através da vidraça lacrimosa. Se o sol brilhava, saíam para o parque, e pelos caminhos sinuosos ou a direito pelas espessuras percorriam os lugares mais dilectos—vistas, acidentes, recantos. À borda do lago detinham-se; desamarravam a canoa de cortiça; Luciana instalava-se à pôpa e Constâncio entrava a remar. Era, porém, ainda mais divertido, nas manhãs de frio cortante, atirar enormes pedras ao regêlo para lhe experimentar a grossura: ora o pedregulho abria um furo nítido, sem mais dano, saltava de ricochete, e escorregava até muito longe; ora rachava em círculos concêntricos, imóvel

numa queda aparvalhada, sem conseguir perfurar; ora talhava um buraco tóscico com rachas irradiantes, e afundava-se no líquido, que gorgolejava uma ampoula sob a crosta congelada, que que golfava de súbito, afogando por um instante os fragmentos. Frequentemente, a massa de gelo, num canto onde a corrente era frouxa, engrossava a quasi uma polegada e de lado a lado formava ponte; o velho, então, dando a mão à neta, atravessava a lagoazita. Outras vezes, com um impulso, faziam deslizar velozmente, até à orla do congelamento, pedaços de caramelo, que mergulhavam impetuosos e pouco depois emergiam, ficando muito tempo a boiar. Certo dia, já quasi adulta, Luciana quisera renitente matar a sede com um desses caramelos; logo o cuspiu, com os beiços queimados, uma sede mais amarga, como se tivesse bebido, lembrava-se bem, um gole de água salgada.

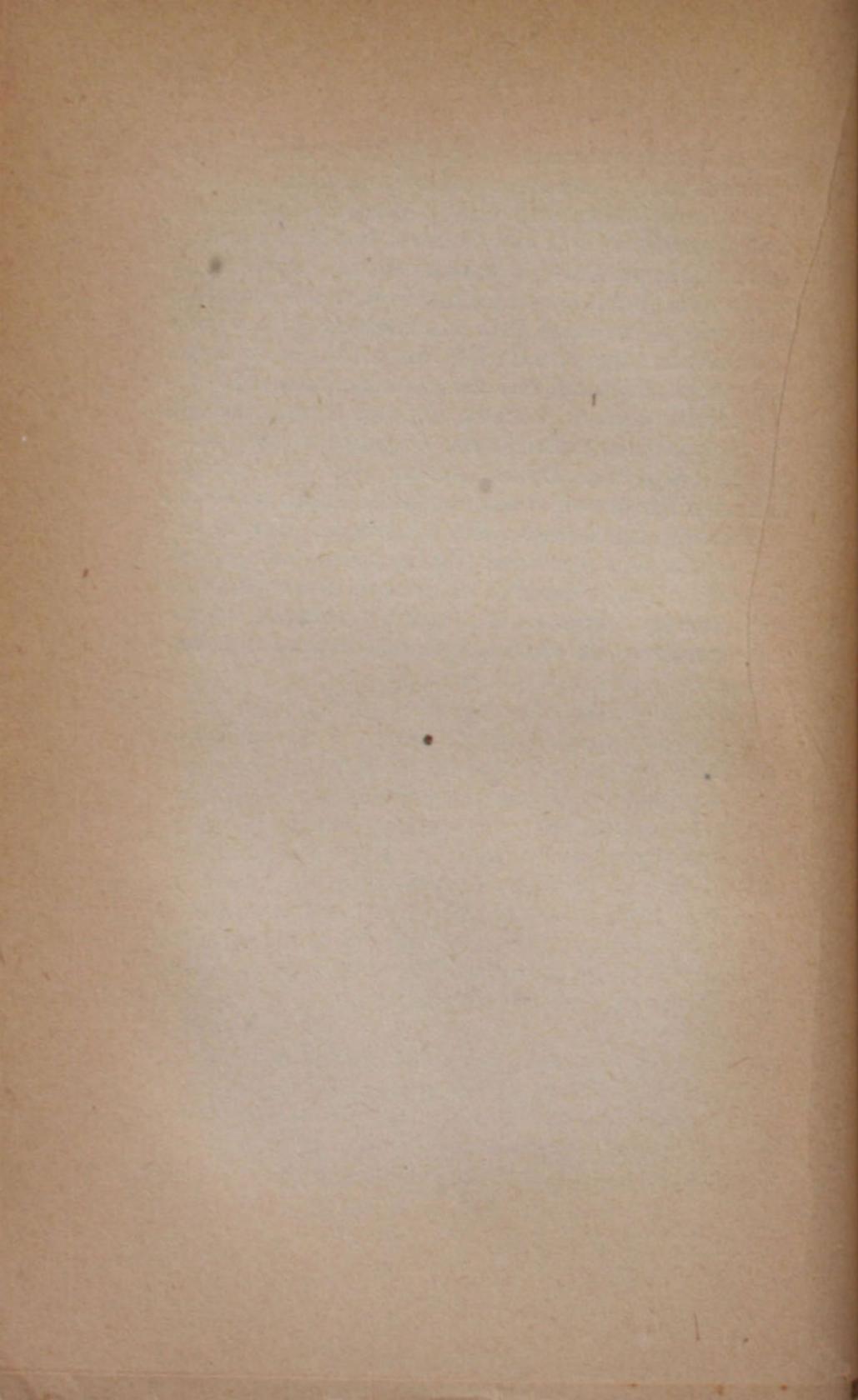
Êstes e outros retalhos de situações, quanto ao resto esquecidas, acudiam à enfêrma por um modo tão incisivo, que sentia como que arrefecer a dobra do lençol, fugir o sangue aos dedos inteiriçados. Seria a noite que ia esfriando. Contudo, não menos fria do que a neve, era decerto essa cama onde jazia agora, duma frialdade mais terrível,—e em breve a morte, ainda mais fria! Estava prestes a entrar num inverno mais gelado do que nenhum dos invernos de outrora; as pontas dos dedos, que se lhe entorpeciam à lembrança do gelo dos antigos tempos, tocadas por um outro gelo atrocissimo, iam ficar dentro em pouco insensíveis, definitiva e realmente exangues, petrificadas sob uma lousa da côr branca desse lençol, para sempre enregeladas na noite de maior escuridão, a mais lúgubre e mais gélida.

Tal era, com efeito, o futuro que a esperava, — como a toda a gente; mas a ela bem cedo. Se a vida é constantemente um caminhar para a morte — e talvez nada mais —, actualmente para ela, cingida no abraço da doença, e para o avô, pesado de velhice, era um caminhar apressado. Houvera dantes fôrça e alegria, esperança, entusiasmo, fulgor; tudo isso partira para muito longe, partira para não mais voltar. O viver de ambos, desamparado e lôbrego, consistia hoje, como nunca, em assistirem nítidamente ao seu próprio acabamento, em sentirem assassinar-se pela fatalidade invencível. Estava-se em vésperas da Suprema Angústia; não tinham mais que recolher-se, merencórios, apavorados, à espera da que nunca faltou.

O grande armário de castanho pusera-se a estalicar; a doente volveu para lá os olhos. Que é que êle pretendia dizer? Conheceria por ventura o que ela mal suspeitava — o futuro com os seus segredos, ou o outro mistério, mais indecifrável; e quererá revelá-lo na sua linguagem? Não seriam as coisas inertes inanimadas como se julgava? Horrorizava-a que o não fôassem, e tinha mêdo de poder sabê-lo. Fez um esforço para olhar em redor, afim de tranqüilizar-se, de vêr que se encontrava bem só. Tudo estava imóvel e mudo, embora sufocado em sombras; apenas a chuva zoava sempre, com um ruído de cascata afastada. — O armário deu um estoiro brusco, mais violento, e cessou.

Era preferível deitar-se, pensou Luciana; e com grande custo arredou os almofadões, puxou-se devagarinho para baixo, e tapou a cabeça com a roupa. Não queria ouvir mais coisa alguma, nem mesmo o respirar de Isilda; queria dormir,

não scismar em mais nada, esquecer a sua sorte escruciante. Contudo, o medo mantinha-a acordada, num susto, impreciso agora, do fantástico, do inverosímil,—de adivinhar a seu lado o sobrenatural, de perceber o sussurro dum espectro, de pressentir os passos da Implacável, como uma fera espiando a presa. Ainda alternavam com aquele sentimento alguns retalhos da infância distante, sua única riqueza, sua única felicidade. Não poder tornar a êsses tempos, depor a carga desolada de tantos anos miseráveis, e começar uma existência fértil!... Devia acabar sem ter vivido. Uma inútil, desesperada saudade, aliada ao dó de si mesma, trasbordava-lhe o coração. Morrer tão nova, tão sem ventura! Tinha tanta pena de si! E com o rosto debaixo do lençol, aterrada como uma criança, desatou a soluçar, a soluçar, ao rumor pesaroso da chuva, que continuava a entre-ouvir.



QUARTA PARTE

I

No princípio de fevereiro, um dia por volta das sete da tarde, quando Mateus estava para partir, rebentou um grosso temporal. Isilda reteve o professor, obrigou-o a partilhar da ceia e a esperar que o tempo amainasse. Passado pouco aparecia Higino: já de manhã visitara a enferma, mas acossado pela chuva a cântaros, de regresso para a cidade, entrou de novo, a refugiar-se.

Eram perto de nove horas e ainda o tempo não melhorara. O velho, tão misantropo últimamente, sem interêsse algum pela sociedade, anuiu a ir-se deitar; e para deixarem repousar a doente, que ficava vigiada por Catarina, a rapariga desceu à cozinha, acompanhando Mateus e o doutor. Aquele, para não incomodar, falava em meter-se a caminho; Isilda não o queria consentir. Risonha tranqüilizava:

— Não evitará que eu vá lá abaixo. Tenho o Tio Grande à minha espera para conversarmos de assuntos superiores.

De facto, êle lá estava na lareira, com os joe-

lhos em cima do lume, secando as botifarras fumegantes. Haviam-no encarregado de assoldadar uma cachopa que sucedesse à Silvéria, ou, em lugar do moço de lavoura, despedido no começo do inverno e que fazia pouca falta nesta quadra, um criado capaz de ajudar a alguns serviços caseiros. O Tio Grande, com fiel solicitude, vinha dar contas da sua incumbência. Levantou-se à chegada de Isilda, e ficou de pé, numa atitude militar, até que todos se tivessem instalado.

Emquanto êle comunicava vagaroso que ajustara uma criada que viria no próximo mês, e mais, que poderia apalavrar um rapazote, «um paquete», porém só bom para o trabalho dos campos, — o médico, estendendo o braço, agarrou nuns punhados de giesta, amontoada a um canto, e atirou-os para a borda da fogueira.

— Lume de giesta, lume de festa! resmungou Mateus.

A planta, porém, estava pouco seca; tardou em incendiar-se. Mas de súbito lançou um clarão, muito iluminante, decisivamente rubro a princípio, por fim amarelo pálido, com uma grenha de fumarada espessa e branca que em breve se ali-geirava. Higino pegou noutro e noutro punhado das mesmas hastes brandas e fininhas, misturadas a piornos em molhos de picos duros, e continuou a arremessar. Produzia-se um forte calor; todavia, êsse combustível, depressa estava desfeito em cinzas, deixando espalhado um miúdo brasido. O *Farrapo* mudara de posto, afrontado com as labaredas.

Através da cascalhada da chuva, que chofrava sobre as telhas, ouvia-se de espaço a espaço um trovão, ecoando prolongadamente; a intervalos, gritava o vento.

—E é que temos para toda a noite! exclamou o Tio Grande, que terminara o seu relato.

—Pois se a tormenta porfia, observou o doutor, é ir para a frente com cara prazenteira.

O camponês reflexionou:

—Essa artilharia lá de cima não é coisa que me dê susto; já estive metido, posso apostar, em bombardeios mais ruins. O que me fez há bocado certa moessa, foi o demo da escuridão.

—Ora adeus! Com um tempo assim, nem os lobos se atrevem a deixar os covis, volveu Higino gracejando. E os próprios ladrões, se por aqui os houvesse, hesitariam em sair à estrada, não fôsem por acaso assaltados.

—Nunca tive medo dos vivos.

—Então, dos mortos não há que temer.

Isilda tinha ido buscar chávenas. Tomou uma cafeteirinha que fervia à beira do fogo, e serviu a todos café. A conversação ganhou mais alentos.

—Quando acabamos, é de vez, reatou o doutor. Não lhe parece, Mateus?

Era uma espécie de cartel aquela interpelação. O professor respondeu ao desafio.

—Bem sabe que não o supponho.

—Fantasias, meu bom filósofo!

—Baseadas em observações...

—Mal averiguadas, queira ou não queira; e ainda peor interpretadas.

Conquanto Mateus compreendesse que o interlocutor pretendia estimulá-lo, redarguiu competidamente:

—Tudo o que hoje a ciência afirma, foi por muito tempo negado em nome dessa mesma ciência.

—São precisas sólidas provas para ela admitir uma verdade, corroborou o antagonista.

—Mas quantos erros teem sido bem aceites!
—A obstinação, a indiferença, o lesarem certas verdades às teorias preconcebidas, ou o não aproveitarem às idéas mais em voga, teem feito regeitar não poucos factos.

—Não digo que não, volveu Higino, impressionado pela perspicaz reflexão, e, sem querer, derivando mais para a sisudez. Contudo, a immortalidade da alma não é uma descoberta de agora; foi um dêsses erros bem aceites, para que durante alguns séculos se não achou uma prova terminante.

Mateus bebeu mais uns goles.

—Há o consenso geral. Todos os povos, desde os mais selvagens, à parte excepções de indivíduos, creram na immortalidade.

—Nem todos, contestou o médico. Mas ainda hoje a grande massa dos homens supõe a Terra no centro do universo, os astros girando-lhe em volta—e dantes, assim o supôs a humanidade inteira;—no emtanto é isto uma ilusão.

O interlocutor concentrou-se, a ordenar os pensamentos.

—Tôda a ilusão tem um motivo; o dessa é assaz evidente. Mas como se explicará o motivo dest'outra concepção, que tudo parece contradizer?

Segredos do entendimento das populações atrasadas, singularidades dos povos primitivos, quanto a Higino; era a inércia das noções recebidas, e por ventura uma das formas do desejo de viver.

—O ser humano é dotado duma capacidade inverosímil de esperança; não me admiro que tomasse a sua aspiração de não morrer por uma realidade objectiva.

Lentamente, Mateus refutou:

—Um ou outro homem será insensato; toda-

via a humanidade—cujo senso, por definição, é o chamado senso comum,—nem deve pensar-se que espere sem razão nem que aspire seriamente a impossíveis.

Essas esperanças, essas aspirações, que nos parecem mal motivadas, julgava-as antes um sentimento, uma prova, embora não matemática, da nossa natureza imortal.

—Sofismas, crença, palavras! retrucou vivamente o doutor. Não me apresenta um argumento positivo; não me satisfaz a inteligência.

—Pode ser que pela minha parte me contente com o instinto; mas que outra coisa faz a inteligência senão ratificar os instintos, cedo ou tarde, quanto mais se eleva?

O doutor esboçou um sorriso, deleitado com a finura da réplica.

—Não é sem fruto que o Mateus lê muito; tem um arsenal de bons princípios. Entretanto, os ótimos princípios, como a melhor ferramenta, nunca tornaram excelente a matéria-prima ordinária.

—Responde-me com uma frase; não me responde com uma razão.

—Deixemos então as generalidades, que é a maneira de evitar palavras ôcas.

Isilda e o Tio Grande, pouco versados em filosofias, dialogavam para o seu lado.

—A trovoada é ainda um bem para quem se perde facilmente no escuro, havia notado a rapariga. A mim, a escuridão não me embarça; mas achava muito mais cómodo caminhar à luz dos relâmpagos.

—Lá isso!... Cegam a gente e fica depois tudo ainda mais preto. Por fôrça que não havia de gostar.

—É possível! Não estou afeita. Mas vossemecê, que conhece os caminhos e tem fama de valente, pouco lhe devia importar a negridão.

Numa variante, o aldeão repetiu, como obsidiado por uma imagem:

—Não me arreceio de criaturas como nós.

—Pois eu, e mais sou mulher, de nada tenho receio.

—Tal não diga, menina Isilda. Há coisas, por mais que cuide, que nos fazem sempre uma *aquela*.

—Está com certeza falando de coisas imaginárias, de coisas em que eu não acredito.

—Que remédio, quando um homem as topa, senão acreditar nelas!

Admirada, Isilda fitou-o, ligeiramente interrogativa. Contudo, comentou apenas:

—Quem andou em tantas guerras, pode lá ter medo de sombras!...

O antigo militar tonitrou:

—Ajuntem-se numa quadrilha todos os refinados marotos que querem mal ao Tio Grande, porque pilham quem os deixe arrasados, ou estendidos por uma vez, se fôr mister; mas não se me antolhe uma feiticeira, um corvo-fadário, uma alma penada, porque isso dá-me quezília—para que hei-de dizer que não!?

Isilda conteve a custo uma risada, e procurou dissuadir o campônio. Mentiras, abusões, crendices, tôdas essas histórias de avejões e lobisomens, que êle afirmava ter ouvido. Já vira algum desses entes?... Pois pudera! retorquia o Tio Grande. Como e quando? Raras vezes, e em circunstâncias diversas; mas, por sinal, não havia ainda muito que lhe acontecera um caso.

O gôsto dos contos tétricos ou o desejo dum

desabafo que o pudesse desamedrontar, inclinavam-no à confiança; a previsão do escárneo, da dúvida, ou antes uma falta de ousadia e uma complicada repugnância, retinham-no hesitante, suspenso, já com o segredo nos lábios.

Entretanto, os dois cepos de carvalho que compunham a fogueira, iam ardendo numa das pontas, no vértice do ângulo que entre si formavam, sustentados não sobre o trasfogueiro mas sobre um tronco assaz desenvolvido,—e lançavam uma linda labareda, côr de gema de ovo desmaiada, cujos recortes se evaporavam em fumo esclarecido. A base das pequeninas línguas que caminhavam ao longo dos esgalhos, adejava cambiantes azuis; azuladas eram também algumas chamas transparentes, com rebordos dum roxo incerto, em sítios de lume ainda mal pegado; outras, largas, cinzentas e ténues, cobriam um brasido coruscante.—Higino remirava a fogueira; Mateus aquecia os dedos. Continuavam o debate.

—Não é a idea de immortalidade, decerto, raciocinava o espiritualista, que o doutor se recusa a admitir; os biólogos fácilmente concedem a immortalidade dos seres que constam duma única célula, e os físicos estão prontos a aceitar a eternidade da matéria.

Numa negligência absorta, como quem falasse consigo próprio, a olhar para a lenha chamejante, o médico refutou:

—Uma célula que vive, reproduz-se; por outras palavras—cresce e biparte-se; deixa de ser a mesma célula. De resto, a vida, elementar ou complexa, por mais que a possamos prolongar, não durará eternamente, porque de modo nenhum são eternas as condições que a permitem. Quanto

à matéria, é verosímil, vai-se continuamente desagregando, embora de maneira imperceptível; dissipar-se-á a poder de milénios, e até à derradeira molécula voltará ao imponderável.

— Ao éter, não é assim?

O doutor afirmou com a cabeça.

— Mas o éter, prosseguiu Mateus, essa substância imaterial, em que os senhores são forçados a crer, tem-no por incriado e eterno. — Pois bem! admita que a alma é também imaterial, igualmente indestrutível.

— De bom grado perfilhava essa hipótese se concordasse com os factos e me viesse explicar alguns; mas nem explica coisa nenhuma nem pode ser explicada.

Com uma ponta de ironia, acrescentou:

— Acho suficiente e mais cómodo supor, mais simples de conceber, e tudo me leva a acreditar, que a alma, a personalidade, é apenas a resultante dum cérebro num organismo; que o character é um efeito condicionado pelo temperamento; a consciência, única função do sistema nervoso; a sensibilidade, uma vibração inseparável da vida.

O futuro professor redarguiu com teimosia:

— Pois eu julgo que há em nós qualquer coisa, irreductível à sensibilidade e mais indispensável à consciência do que o sistema nervoso, mais estável do que o pensamento, o character ou o organismo; considero-a a base essencial do eu, e atrevo-me a imaginá-la uma forma superior de energia, ainda por estudar.

Interrompeu-os um trovão mais veemente, reboando pelas montanhas. Depois, o médico objectou:

— Nenhum dos maiores pensadores conseguiu

jamais interpretar a união do corpo com o espírito.

—É uma associação do mesmo género, disse o espiritualista em voz compassada, a que os sábios teem de aceitar entre a matéria e o éter— que não só occuparia sempre os interstícios das moléculas, mas seria um ambiente imprescindível, sede de quasi tôdas as fôrças.

Higino completou e corrigiu:

—Seria êle próprio, segundo a maneira de vibrar, ou matéria ou energia, que devemos assim reputar duas espécies de movimento duma só e mesma substância.

Portanto, nenhuma opposição, deduzia, entre o imaterial e o ponderável, a não ser para os sentidos humanos; ao passo que existiria uma antítese de essência, entre o corpóreo e o espiritual, como os immortalistas o entendem.

—Ora, nessa suposição dualista, insistiu, não se alcança compreender como accidentes corporais —anatómicos ou fisiológicos— transformam ou suprimem o eu, duma natureza antagónica,—e sobretudo incorruptível, sempre idêntico. Torna-se impossível justificar as doenças mentais, a demência senil, a própria embriaguez, a anestesia e uma multidão de outros factos psíquicos.

—O que isso prova talvez é que ainda estão por definir bem, não dum modo metafísico porém scientificamente, as propriedades do espírito.

—Engana-se! estão definidas, se é que não estão antes negadas, pelas propriedades do cérebro.

Uma chuva mais estrepitosa, que rechinava nas brasas, caindo pela telha-vã, tinha succedido ao trovão.

—Que tal o dilúvio! notou Isilda.

O doutor voltou-se para ela.

—Parece-me que foi inútil esperarmos. O tempo vai a peor se é possível.

Escutou um momento o aguaceiro.

—Já agora, retrucou a rapariga, demorem-se mais um pouco; o transtôrno que podem ter tido, não será muito maior, e vale a pena ainda experimentar se a tormenta não se cansa afinal. Depois, tão entretidos, como estão, na conversa...

—Uma discussão profunda e urgente—ata-
lhou Higino, em zombaria.

—Pelo menos, o sr. Mateus discute com todo o seu sério.

Isilda pusera-se em pé, e prosseguiu entrecor-
tadamente, enquanto espreitava o candeio sus-
penso do velador:

—Não ouvi tudo o que tem corrido, e escuso de confessar que não sou autoridade no assunto; mas a falar a verdade, a opinião que mais me quadra, é a que o sr. Mateus defende. Já que não podemos viver perpétuamente, desejo ao menos que haja em nós qualquer coisa que não morra.

—Compreendo que isso agrade mais.

—Então para que é que contesta? perguntou ela meio a rir.

—Porque não se trata do que nos agrada mas do que realmente é. Afigura-se-me que o nosso amigo, e bom número dos que pensam como êle, fazem, mesmo raciocionando, uma involuntária e vulgar confusão entre êsses dois pontos de vista.

—Muito obrigado, pela minha parte—retor-
quiou o professor, sem despeito.

—Não tem que me agradecer porque contra mim mesmo deponho; o sentimento inconsciente adere sempre à dialética, até quando não desvir-

tua a própria lógica. Conclue-se segundo o temperamento; raciocinar é talvez uma ficção. Será por isso também que a maioria dos homens se dispensa dêsse luxo...

—E das mulheres, uma, pelo menos, que sou eu—estou a ver que o doutor vai já dizer. Mas, sabe? visto que é médico, esperava antes ouvi-lo assegurar que um dia se curará a velhice, se extinguirão todas as doenças, e nunca mais ninguém morrerá.

—Sustentarei de preferência uma tal opinião do que me dotarei com uma alma imortal. Não quero o que me não pertence. Nós somos animais como os outros;—que mais direito tenho eu a um espírito inextinguível do que ali o *Farrapinho*?

Imaginando que o chamavam, o gato abriu para êle os olhos.

—Mas eu estou persuadida de que o bichano tem alma. Pois se é tão inteligente!...

—A darmos o nome de alma às faculdades conscientes do cérebro, também não lha negarei.

Mateus interveio resolutivo:

—Eu quero antes admitir um espírito nos animais, que sobreviva mais ou menos tempo, do que recusá-lo à humanidade.

O médico riu do paradoxo.

—É um espiritualista a todo o transe; mas, ao menos, consequente como as religiões primitivas—que aviventavam os objectos insensíveis, e até nêsses sobrepunham *um duplicado*, espiritual e talvez imorredouro.

—Compare-me, se lhe apraz, aos selvagens; entretanto, para explicar diversos factos, uma certa sobrevivência (não direi já a immortalidade) é uma hipótese indispensável.

—Que factos? perguntou Higino.

—O doutor duvida dêles; mas estão hoje tão bem verificados — por testemunhas cheias de crédito, por observadores inumeráveis, — como outras aquisições da sciência. Sem excessiva dificuldade patenteiam-se à observação; e a experimentação confirma-os. — Refiro-me ao que se chama espiritismo.

—Ah! ah! fez o interlocutor, como se aí já o esperasse.

Com vivacidade, Isilda interveio:

—Vai falar-nos de fantasmas, como cá o Tio Grande?

O aludido apurou os ouvidos — depois de haver empinado um copito de aguardente, pousado à ilharga, sôbre o escano.

—Não vou falar-lhe de fantasmas, tornou gravemente Mateus. Só o que julgo é que, se êle falou, talvez tenha, como outros muitos, as suas boas razões.

—Sai-me crendeiro, por último, zombeteou a rapariga. Não conte mais com o meu apoio.

—Crendeiro, é afirmar demasiado. Não se deve acreditar em tudo, mas nem de tudo se pode duvidar.

—Está-me a parecer que o sr. Mateus também tem defrontado com espectros.

Em lugar de responder-lhe, o professor inquiriu dela:

—Qual é a história do Tio Grande?

Pouco longe do cemitério, para baixo do covil da Bárbara, aparacera-lhe um *mêdo*, vestido de preto, e acompanhara-o muito calado, à luz dos relâmpagos.

—Não era nenhum defunto, interrompeu o camponês, porque então não vinha de negro,

cuido eu; mas tinha uma cara reverdida a avantesma, como se a acabassem de desenterrar.

— Talvez a cara fôsse antes arroxeadada, expri-miu com malícia o doutor; é mais essa a côr dos mortos, e também a dos relâmpagos.

— Não sei lá! E pelo diacho, o vento ou alguma coisa má tinha-me assoprado a lanterna que me emprestaram na cidade.

Com ar desconfiado, o Tio Grande alongou a vista pela cozinha; o candeio, por cima do lar, ia novamente esmorecendo, e o fogo, ainda mesmo de perto, mal rasgava, fora do espaço da lareira, as enormíssimas sombras. Dentro, os rostos voltados para as chamas, ficavam assaz iluminados, com vermelhidões fantásticas de forja; a parte das figuras, contra o lume, entrava lentamente na treva; mas, pelo comprido aposento, os raros pormenores alvorejavam túbios, dentre um mistério brusco e denso. — Higino retomou, chasqueando:

— Ainda assim não viu muito pouco, para ser só ao clarão dos raios... Mas sabe o que penso, Tio Grande? É que a escuridão o fez sonhar. Estranhou-a, e não admira — com a lanterna apagada de repente.

— Tão pouco afeito estou eu a caminhar no escuro!...

— No escuro, sim, replicou o médico; mas talvez não em meio das trovoadas. Quando não se avista um passo adiante, é difícil avistar aparições; enquanto os coriscos, explicou para Isilda, abrindo horrivelmente a escuridão, mostram os demónios que estavam escondidos e que a gente sómente pressentia. Deve ser assim a luz dos infernos.

— O que digo — retorquiu o homem, cogita-

bundo alguns instantes—é que não ia dormir lá abaixo à aldeia, nem tinha hoje tornado da cidade, se a minha mulher, que anda com o pêco, não pudesse precisar de mim.

Lá fora, a chuva sussurrava sempre, com um convulsivo exaspêro. De vez em quando rugia um trovão—ora cavo, rouco e distante, ora próximo, claro, estridente.

—Receia outro mau encontro? interrogou Isilda.

—Nada, não! mas o diabo o jure!

Desatento ou indiferente à caçoada, murmurou persuadido:

—Já por três vezes topei com lobisomens; mas alma penada ou avejão é o primeiro.

—E olhe cá, interpelou Mateus, não seria por acaso a Bárbara?

—Não conheço eu outra coisa!... Era peor que feiticeira.

—Contam que ela, insistiu o interlocutor, vagueia pelos caminhos altas horas, sem que lhe importem as tempestades.

—É uma demente, corroborou Higino.—Mas naturalmente, Tio Grande, não passou tudo de uma ilusão; são as histórias que traz nessa cabeça.

—Há-de perdoar o sr. doutor. Lá por esta fico eu. Os lobisomens que tenho visto, já quero que fôssem bichos como os outros, em que entrei a maginar; mas hoje não, não houve engano, tão certo como os srs. estarem aí. Era um mostrego de mais que a minha altura, que se prantou sorrateiro a par de mim; enxerguei-o como agora os enxergo, sem rumor, pé ante pé, a chocar-me com olhos de lobo.

—E porque é que vossê lhe não falou? inqui-

riu o médico, meio interessado, com um scepticismo benévolo.

O antigo soldado mastigou em sêco.

— Pegou-se-me a fala à garganta, exprimiui emfim; não pude sacar uma palavra. Cuidei também que me deixasse se eu fingisse que o não bispava.

— Contudo, nem assim mesmo! observou a rapariga, incitando à narração.

— Mais adiante, afigurou-se-me que ia embargar-me o caminho; num ímpeto ergui a roçadoura; mas só dei com ela no chão,—e a avantesma sumiu-se.

Sobreveio-lhe uma das suas faltas de ar; e arquejante, esgazeado, boquiaberto, ficou durante momentos com uma fisionomia angustiosa e lúgubre, que parecia uma expressão de terror. Isilda sentiu-se, por contágio, quási tomada de susto.

— Não se impressione mais, Tio Grande, aconselhou o doutor. E procure fazer como eu, que nunca encontrei nenhum espectro. Quando julgar ver coisas dessas, pode ter a certeza que se ilude.

O camponês levantou-se e foi até à porta respirar. Higino censurou com rigor:

— Eis aí para que serve acreditar em papões! E ainda se ao menos fôssem plausíveis êstes contos do outro mundo!...

— Estou de acôrdo em que é preferível não conversar de certos mistérios diante de gente inculta—redarguiu Matheus, estimulado. Todavia, negá-los a esmo, em logar de mostrá-los naturais —pois tudo quanto acontece, está na ordem da natureza,—nem tranqüiliza os que assistiram aos fenómenos nem tão pouco é filosófico.

O médico encolhera os ombros na sua dúvida pertinaz. Escorropichou devagar a última chá-

vena.—Fez-se uma trégua de indecisão. Depois, o professor prosseguiu mais veemente, baixando porêem a voz para que o Tio Grande o não ouvisse.

—Haverá erros, alucinações; mas há factos bem comprovados.—Um illustre sábio, William Crooks, que se occupou de espiritismo, confessa que o aparecimento de fantasmas é o fenómeno mais raro que lhe foi dado presenciar durante as suas experiências. Entretanto, uma vez, ao entardecer, rodeado de diversas pessoas, divisou perto duma sacada uma forma humana, vaporosa, que com a mão agitava o cortinado; doutra vez, surgiu dum canto do salão, atravessou e deslisou por minutos, uma sombra, a vibrar um instrumento. Durante três anos conviveu com um espirito, materializado, corporificado, a quem pôde observar, mercê dum excelente médium, em numerosas sessões, e mesmo fotografar... Mas, ao lado das investigações de Crooks, effectuadas imparcialmente, sob um critério muito positivo, não faltam documentos merecedores de todo o crédito, contemporâneos ou antigos, compilados por autores cautelosos ou dispersamente arquivados em livros e em revistas; não faltam experimentadores habilitados, prudentes, e metódicos, entre os vários que publicaram os seus estudos. Um livro de três médicos ingleses relata centenas de casos de aparições, todos dignos da maior confiança...

Bruscamente Matheus interrompeu-se, e virando-se para Isilda:

—Talvez, exclamou, lhe desagrade êste assunto. Se a conversa de qualquer modo a contraria, ponho ponto.

Ou fôsse para mostrar-se forte ou porque já estivesse tranqüila, ela pediu-lhe, insistiu mesmo, que expusesse o que sabia.

—Não me causa medo, descanse; e quando mesmo me não convença, sempre ficarei um tanto mais sábia.

O espiritista continuou, evitando contudo referir-se às manifestações mais perturbadoras. Não eram só as aparições que provavam a existência de entes imateriais e poderosos; outros factos os vinham revelar. Modelavam estátuas, compunham música; pela bôca do médium, ou por meio da escrita—às vezes, em condições tais, que teria sido impossível executá-la humanamente,—ou por alfabetos convencionados, entravam em comunicação com os vivos. Conheciam todas as línguas; adivinhavam os pensamentos; patenteavam em visões episódios afastados que estavam acontecendo; diagnosticavam doenças e aconselhavam medicamentos; prediziam o futuro. Freqüentemente nas sessões de espiritismo transvertiam as leis da física, operando equilíbrios inverosímeis, movendo sem nenhum contacto e sem qualquer força conhecida os mais volumosos objectos, alterando o pêso dos corpos, mesmo libertando-os da gravidade e fazendo-os flutuar à maneira de aves, elevando serenamente as próprias pessoas e conservando-as extáticas no ar como nos velhos agiológicos é descrito. Tomadas as maiores precauções contra a fraude, realisavam maravilhas que o mais hábil prestimano não poderia simular; fechaduras, selos, nós, não eram para elles impedimento: transportavam quaisquer objectos, dum para outro recinto, como que através das paredes. E sem auxilio dos meios ordinários, provocam guinadas de vento, abaixavam a temperatura ambiente, estilhaçavam espelhos, ardósias, produziam ruídos, sons musicais, occasionavam fenómenos luminosos—faíscas, auréolas, línguas

de fogo; finalmente, em poucas horas faziam germinar e crescer as plantas, modificavam ou supprimiam tais ou tais propriedades dum corpo, desagregavam porventura e recompunham a matéria, transmutavam as substâncias...

—Negar êstes diferentes factos, por muito singulares que pareçam, julgo acção de mais arrojo —acentuou gravemente Matheus—do que desmentir a história inteira, em que a contra-prova directa nem sequer é praticável, ou do que regeitar, por exemplo, as asserções da geografia, em que a observação própria está bem menos ao alcance de todos, ou do que mesmo repudiar a astronomia, em que a experimentação é impossível.

Começara a discutir por uma espécie de lealdade; não quisera que desta vez o seu silêncio fôsse tido à conta de cobarde aquiescência ou falta de boas razões; depois, gradualmente interessara-se com a elevada tendência do debate; aquecera-o a peleja, e acabou por ceder de todo aos impulsos da convicção, à tão geral necessidade de advogar as proprias ideas até quando não atacadas. Algumas objecções, de resto, picaram-no, deram-lhe certo encaprichamento; tratava-se quasi de se defender a si mesmo, no seu lado intelectual, pelo menos. Agora, prosseguia tenazmente, com um ardor indominado, mais e mais numa febre inconsciente de propaganda, de proselitismo.

Raro seria o indivíduo que nunca sentira presentimentos; rara talvez a família em que não se passara um caso, mais ou menos definido, do que se chama telepatia. Cada qual, pois, sem procurar longe, tinha indícios dos mais honestos, senão provas pessoais, de fenómenos muito análogos aos que afirmava o espiritismo. Por vezes, um

crime, um desastre, que succedeu a grande distância e que importou a algum dos nossos, foi-nos comunicado dum modo instantâneo, por um sonho, por uma visão, ou, com menos nitidez, por meio dum ruído sem causa fácil, por intermédio dum incidente extraordinário cuja interpretação não é logo possível. Um parente querido que andava ausente, e cujo falecimento nem suspeitar podemos, surge ante nós espectralmente no momento de morrer. Ouvimos passos, porventura, num aposento contíguo. «Quem anda aí?» preguntamos. Ninguém responde à chamada. Abrimos a porta, e depara-se-nos, numa atitude familiar, o visitante do outro mundo. «Voltaste assim, sem te annunciaries!?!...» Queremos abraçar o recém-vindo; mas a aparição, apenas tocada, esvai-se em bruma, dissolve-se no ar.

— Alucinação! comentou o médico.

— Poderia ser. Mas, passado tempo, chega a notícia do óbito, ocorrido no instante exacto em que o ente illusório appareceu.

E Mateus precisava mais, narrava factos bem autenticados, solenes ou extravagantes, respigados nas suas leituras ou recolhidos verbalmente.

Ora os fantasmas aparentavam a consistência e revestiam todos os aspectos de criaturas vivas; ora tinham a tenuidade de nuvens esculpturadas em forma humana ou eram simples esboços informes de substância irreal. — Também assim acontecia nas sessões espiritistas. Às vezes recebiam-se contactos de dedos gelados invisíveis; às vezes viam-se troços de membros, rostos ameaçadores ou saudosos. Mãos luminosas espargiam flôres; outras, de aparência mais carnal, apertavam-nos as nossas — com uma pressão fria de cadáver, ou quentes, com um gesto amigo.

Como o Tio Grande permanecesse ainda na abertura da porta, que entreabrira, vinha de fora mais intensa a barulhada da chuva contínua, embora neste momento desabasse menos basta. Os trovões cavernosos, longínquos, tinham um ribombo mais franco; e os próximos, não tão frequentes, — precedidos de lívidos relâmpagos, que banhavam o camponês, fosforizando a cozinha, — troavam num estralejamento brusco, presentemente mais esmagador, e iam depois reboando num estampido grave e longo — que o ouvido podia agora acompanhar até ao já murmurante último eco da montanha. Com o braço levantado, o Tio Grande retinha por dentro a meia porta, para que o vento não a atirasse.

— Sem dúvida, expendia Mateus, para se darem certos fenómenos é necessária a presença dum médium; mas não podemos considerá-lo a causa deles, nem a nenhuma das pessoas presentes. Muitos factos, com efeito, não só excedem o poder normal e os talentos ordinários de qualquer dos espectadores, como ultrapassam os seus conhecimentos e às vezes mesmo vão além de todo o saber humano.

A sugestão, a alucinação, ou a burla, eram igualmente impotentes a explicar vários prodígios, de que ficavam as provas materiais; a nevropatia do médium, a força psíquica dos assistentes, não passavam de suposições obscuras e insuficientes explicações. Forçoso era, pois, voltar sempre à hipótese de almas desencarnadas, ou à existência de outros espíritos, de qualquer espécie que fossem. Mas êsses espíritos diziam, e tudo levava a crer, serem os viventes de outrora.

Assim também, os espectros reproduziam não raramente as feições dum nosso íntimo já morto

ou de um homem famoso na história. Trajavam a clâmide ou a toga, a cota medieval ou o vestuário moderno; eram coroados, mitrados, ou tinham o nimbo da santidade; a expressão do semblante correspondia ao carácter e ao que indicava a tradição, mas principalmente identificavam-nos os retratos dos antigos mestres. Ficavam imóveis e calados, ou caminhavam por entre a assistência, de modo que todos os podiam ver de perto, palpá-los, sentir-lhes os gestos; algumas vezes falavam — e, se nossos conhecidos, achávamos na sua voz o mesmo timbre que lhes ouvíamos em vida.

A par dessas aparições surgiam contudo, é certo, entes dum aspecto bestial, hediondos, repelentes, como poucos haveria na terra, parecendo mais carnalizados, quanto à forma e às paixões, do que a imensa maioria dos vivos; ou, pelo contrário, quasi que pairavam, aéreas, sobreterrestres, envoltas em longas túnicas donde refluíam argentinas asas, criaturas que se diria não terem nunca habitado o planeta, duma fisionomia angélica e tranqüila.

E todos éles, seres inferiores, duma aparência bem humana, ou superiores, compareciam dum modo portentoso, vindos não se sabia por onde, ou então, maravilhosamente, em meio duma vasta assemblea, formavam-se no centro duma nuvem, que pouco a pouco se ia condensando; como tinham chegado, assim desapareciam, abruptamente, abismados no chão, noutras ocasiões atenuando-se até não serem mais que uma sombra; — entretanto, em qualquer caso, acediam em geral a dar evidências profundas da identidade que pretendiam, a deixar indícios da sua estada, e a atestar a existência dum mundo muito diferente do que nós

conhecemos, para além dos nossos sentidos, todo intangível, quintessenciado, só consciência e vontade, repleto de estranhezas e segredos.

Encolhido perto das chamas, arregalado e sem piscar, o gato fixava Mateus com um olhar vago mas persistente—como se, entendedor dissimulado, o interessasse a conversa. O professor fez enfim uma pausa, distraído, quasi turbado, com essas duas estacadas pupilas, fosforecentes e magnéticas, que lhe pareciam vigiá-lo trespassantes, prontas a censurá-lo e a pôr côbro a qualquer indiscrição. No silêncio, o *Farrapinho* pôde enfim readormecer; baixou lentamente as pálpebras.

Mas já o doutor falava, considerando que Mateus concluíra:

—Não duvido de que em presença dos médiuns se passem certos fenómenos, por emquanto inexplicáveis; mas daí a tirar as ilações que o espiritismo dá como incontroversas, vai uma grande distância.

O gato entreabriu os olhos, animalmente redondos; fitou dúbiamente alguma coisa, talvez mais longe do que mostrava olhar; e sonso, com um ar disfarçado, tornou devagar a cerrá-los, sem ligar importância a Higino. Ele prosseguiu terminante, com a mesma sonoridade de voz:

—Essa humanidade de almas sem lar, bondosas, insensatas ou perversas, a esvoaçarem como morcegos, perpétuamente, num mundo fúnebre, onde não entra a luz do sol nem a clara alegria da vida, é um pesadelo tão lúgubre, que não me atrevo a partilhá-lo só porque falte melhor suposição.

Um vivíssimo relâmpago arroxou num deslumbramento toda a comprida cozinha. Higino frisou ainda:

—Orça pelo absurdo o monstruoso; e se por acaso brota à existência, não dura senão um instante, quanto mais uma eternidade!

O ribombo formidando obrigou-o porém a calar-se. Dir-se-ia que a casa tremera e que a estilhaçada de sons furibundos ia arrasá-la como uma metralha.

—Basta de espectros! formulou a mêdo Isilda.

O enlouquecimento da natureza abrandara; apagava-se ao longe vagarosamente, com um mugido de remorso doloroso. O Tio Grande fechara a porta e voltava a assentar-se à lareira.

—O que os homens reputam impossível, pode realmente não o ser; mas não é nisso que baseio as minhas opiniões, que teem o valor relativo de todo outro conhecimento.

E Mateus rematou baixinho, unicamente para o médico:

—Mesmo entre aqueles que não pensam em repelir a razão moderna, somos muitos e muitos a admitir a concepção dum mundo para além da campa.

Não tencionava dizer mais o doutor; quisera antes provocar uma palestra do que originar uma discussão; todavia, julgando Isilda perturbada, esboçou-lhe as suas calmas teorias.—O morrer não punha termo a tudo, mas terminava a vida, a consciência; não era o aniquilamento, mas uma transformação regressiva, em que o eu, agregado complexo, se dispersava e perdia. Da nossa personalidade, apenas ficava uma sombra—nos descendentes, nas obras que legávamos; a matéria, porém, que nos compunha, permanecia no giro universal. Seria pouco consoladora uma tal immortalidade; mas era qualquer coisa de pacífico, de austeramente respeitável, como as grandes leis

do cosmos. De resto, nada mais igualitário, mais geral e por isso equitativo, do que o fenómeno do acabamento. Extinguem-se os homens, as sociedades; a própria Terra findará um dia, e todos os astros que povoam o infinito; a vida inteira desaparecerá, e mesmo a matéria cessará de ser. A continua transmutação de quanto existe, é já como que uma lenta morte dominando tóda a natureza; mas, por tempos, triunfará o equilíbrio, as transmutações terão parado, e a morte será definitiva. Com efeito, todos os movimentos, tódas as fôrças, tódas as energias, se degradam em calor; o calor espalha-se no espaço; e, igualizada a temperatura do universo, ficarão estancadas as fontes das suas actividades; nada quebrará jamais a eterna letargia.

Isilda ia a pedir explicações; porém Mateus antecedeu-a, criticando:

—Sé o universo devesse acabar, —tendo existido de todo o tempo, desde a eternidade que haveria acabado.

—Contra os factos da termodinâmica não valem os raciocínios, refutou Higinio com fleuma. —Quanto há de vida e movimento sôbre a Terra, resulta dos raios do sol; é êle que desenvolve as plantas, das quais se nutrem os animais; é êle que criou as florestas donde hoje extraímos a hulha; é êle que produz os ventos, as chuvas, os cursos de água; mas, extinto, isso tudo cessa, — e assim será pela imensidade à medida que os sois se apagarem e tiverem dispersado no vácuo tóda a sua energia e calor. E êsse calor não poderá mais concentrar-se, porque nunca dum modo espontâneo se efectuam elevações de temperatura; do frio é impossível tirar quente, ou mesmo tirar do quente o abrasado.

Não há dúvida, convinha o doutor, que essa idea de extinção universal apparecia pouco aprazível; mas cumpria-nos ceder à verdade. E se a existência tinha de mau, não seria um plácido alívio pensar que cairia em repouso?... Decerto que era óptimo viver; todavia, morrer não era péssimo: parecia-lhe, quando a propósito, como a suavidade do sono depois dum dia de trabalho. Julgava um bem que o mundo fôsse; mas repugnava-lhe achar um mal que o mundo devesse deixar de ser. Afinal, o não durarem as coisas, como desejaríamos, eternamente,—era bom, era o melhor, porque seria porventura a única maneira possível.

Os trovões, mais surdinados desde que estava fechada a porta, acompanhavam Higino com o seu rugido grosso e solene. Chiavam os dois troncos húmidos que formavam a fogueira; percorriam-nos chamas diáfanas por entre o pêlo de limos esmarridos; queimavam-nos labaredas fulgurantes; consumiam-se ardentemente, flamejando de quási todas as côres, dos mais diversos matizes, com amarelos descórados, com tons de fogo alaranjados por momentos, oiros e sangue misturado a fumos. Ajudado pelo candeio, bem espevitado agora, o lume, esperto, iluminava francamente o recinto da lareira, lançando alguns clarões fugidiços sôbre parte da cozinha.

Como Mateus parecia interessado a escutá-lo, o médico ampliou ainda:

—Eu admitirei nos homens uma alma; e posso admiti-la até nos corpos brutos, com a condição de chamar alma às inconstantes vibrações que os atravessam, ou melhor, aos choques fugazes que recebem uns dos outros. Talvez que nesses instantes, um quê vago de consciência -

oh! muito vago, inexprimível, — perpassasse mesmo nos seres inanimados... — Se na matéria, e em nada mais, é que reside o pensamento, há-de também existir nos objectos sem vida, por mais latente e obscuro que seja... — Entretanto, efeito do choque e do inequilíbrio ou resultado da vibração, facto meramente físico ou ao de leve consciente, as almas das coisas cessam como acabam as dos humanos. Estas são um conjunto de forças, que se transformam em calor e se dissolvem no universo; aquelas terminarão, quando não antes, com os agregados onde se conteem. A substância, sim, fica eterna; mas, que importa, se como extática, impassível, estagnada, inerte, fria ou duma tepidez inalterável!?...

Numa intonação mais melancólica voltou a falar da morte com uma espécie de louvor. Considerava-se, dizia, um resolutivo apologista da vida; mas como negar que a outra fôsse algumas vezes materna? Em circunstâncias desesperadas, quando todo o auxílio nos abandonava, só ela nos não traía, e eis nos vinha apresentar a sua altiva solução! Para não pequeno número de males mostrava-se o melhor remédio; e embora o último que devêssemos tentar — que felizes por sabermos que, ao menos, êsse existia, e que em qualquer tempo o acharíamos à mercê da nossa vontade! Era uma escrava e uma princesa: reinava sobre um império tão dilatado como a existência viva; tinha a arrogância inexorável dos déspotas; e todavia, lhana e humilde, acorria a pouco mais do que um aceno, e não havia amiga assim eficaz. Iníqua, bestial, justamente receada, na hora de felicidade, adversária odiada nos momentos indiferentes, acudia-nos sempre nos lances de horror, fiel como o cão escorraçado. — E era ela que pre-

parava os berços, ela que dava o sustento, ela que apurava as gerações; era ela quem facultava o viver e o tornava cada dia mais nobre, mais consciente de si e do universo, — inimiga generosa! Chamar-lhe-íamos com igual fundamento uma obtusa fatalidade e uma deusa providente...

Fatigada como andava, Isilda reclinara a cabeça; as pálpebras descaíram-lhe sem querer; e pouco a pouco mergulhou num dormitamento. Por muito tempo lutou, entreouvindo sempre a voz de Higino, que prosseguia o seu hino fúnebre: a morte é a nossa inseparável, o obstáculo fatal, a irrepudiável herança; mas, por mais abominanda que seja para os simples indivíduos, não a imaginemos sómente uma encarniçada fera, uma dívida arbitrária e flagelante, ou um escuro e frígido abismo. A princípio, despertando-se, ainda Isilda entendia algumas frases; depois, indecisamente apenas, algumas palavras desligadas, que a imaginação logo alterava; enfim, adormeceu profundamente, vendo desfilar num caos macabro negrimes de insondáveis teorias, desgrenhados turbilhões de espectros, todo o tumultuoso panorama de visionamentos e noções evocados na conversação dessa noite.

Quando acordou, o tio Grande estava em pé; o médico e o professor dispunham-se também a partir. A chuva já não batia no telhado, e a trovoadá afastava-se muito ao longe, com roncões indolentes e genebundos. Na lareira ia-se apagando a lenha; as chamas tinham baixado, todas avermelhadas agora; e o grilo, com o seu guizo fininho, começava a cantar tímidamente.

II

DOIS dias depois, como até aí desde o incêndio, Luciana conservava-se de cama. O seu grande sofrimento persistia; nenhum dos seus vários incómodos apresentava qualquer alívio. Contudo, na alma forte de Isilda, e acaso na do velho frouxamente (Catarina descrera dos doutores), reffloria uma expectativa serena. É que na véspera tinha estado o novo médico, especialista abalisado, que submetera a doente a um exame impressionante. O talhe da sobrecasaca, e as suíças grisalhas bem tratadas, provavam uma nobre fartura, edificada certamente sôbre a experiência e o talento; o sorriso majestoso, os gestos acautelados, impunham a confiança e o saber. Ao retirar-se, preleccionou à parte Higino, determinou-lhe o tratamento, garantindo o instante da cura. «Se não a salvava aquele, chegou mesmo a pensar Luciana, não havia nenhum que a melhorasse»; — e passou a tomar os remédios com outro zêlo e convicção.

Entretanto — miserando lenitivo! — os pesados tristonhos aguaceiros tinham cessado de zunir: penetrava pelas janelas a mesma luz desbotada; mas, ao menos, os ouvidos descansavam de ouvir o invariável queixume. Agora corriam névoas pelas vertentes, afogando o fundo do vale; eram nuvens que perpassavam ao rez da terra, continuamente, o dia inteiro, rodopiando ás vezes como fumos; e, nêsse grosso nevoeiro, sem chuva, o telhado gotejava, as carvalheiras e tojos distilavam; palpava-se a humidade. Isilda, de longe a longe, aproximava-se da vidraça, a ver se o tempo variava: os pardais esvoaçavam no ar surdo, saltitavam arrepiados por sôbre as lamas, entre os charcos; os galhos das árvores magras esfumavam ângulos na bruma, e o vento arrancava-lhes salpicos que atirava contra os vidros.

Sobrecarregada de roupa, Luciana nem ainda assim deixava de perceber o frio intenso, mortificador, quási permanente. No emtanto, uma das manhãs, persuadiu com muitos rogos Isilda a que a ajudasse a levantar-se.

— Pode fazer-te bastante mal . . .

— Não disseram que me não levantasse . . .

Depois da visita da sumidade médica não tinha havido peoras; a amiga desejava obstar a um desapontamento, não impossível decerto, que abatesse os novos ânímos da enfêrma.

— Recomendaram-te agasalho . . .

— Agasalha-me quanto quiseres, mas deixa-me experimentar.

Com grande custo vestiu-se; ao tentar porêr as primeiras passadas, teve de assentar-se na beira da cama. A íntima, surpreendida de tamanho enfraquecimento, porêr desafiando-a, insistindo, diligenciou levá-la até à poltrona não dis-

tante da cabeceira, onde o velho costumava instalar-se.

—Há-de gostar de ver-te aí quando vier.

Luciana tropeçou na braseira; o desalento mais lhe quebrava as poucas fôrças. Esmagava-a o chale pelos ombros; constringia-a o ligeiro vestuário. Pediu à companheira que a despisse; e ficou, como de ordinário, recostada entre um monte de almofadas, visto que, deitada para baixo, quasi sempre sufocava,—tôda pálida, descorçoada e trémula.

—Ainda não pode ser hoje—murmurou, depois duma pausa de extenuação,—e naturalmente não será nunca.

Isilda aninhava-a, ageitava-lhe o pobre corpo emaciado, com frases prazenteiras, evitando aludir ao insucesso.

—Pensas talvez, prosseguiu a doente a querer sorrir, que me supunha curada. Tenho poucas ilusões a respeito da minha saúde.

—Deves confiar no novo médico, volveu Isilda suavemente.

—Bem desejava ter esperanças. Mas vês que nem posso, ao menos, sair desta cama para fora.

—Outro dia te sentirás com mais fôrças. Experimentarás amanhã.

Luciana negou com a cabeça, lentamente, fechando os olhos. Daí a uns momentos, acrescentou meio consigo:

—Se pudesse ter-me de pé, havia de dar um passeio ao ar livre.

A companheira fitou-a surpresa.

—De carro, ou fôsse como fôsse. E se não resistisse mal de todo ao passeio, no dia seguinte partia daqui.

— Sim . . . Efectivamente, partires . . . — titubeou Isilda, pensativa.

— Morrer, ao menos, longe desta casa infeliz! depois de fazer o último esforço! . . . — E quem sabe se não morreria!? se o mal está aqui unicamente!? . . .

— Nêste clima desastroso . . . justificou a camarada.

Com um grande desânimo, Luciana interrompeu:

— Mas nada posso tentar; é-me impossível. Falhou logo a primeira prova.

— Dêmos tempo ao tratamento. Naturalmente, desta feita, curas-te.

— São os teus bons desejos que assim te persuadem. Mas eu não espero, nem pretendo, restabelecer-me duma assentada. Só queria um pouco de alento para empreender a viagem; depois, lá longe, seria o que fôsse—anos doente, a cura, ou a morte . . . Se êsse homem me restituísse uma sombra de vigor, respeitá-lo-ia como a um outro pai. Contudo, nem êle conseguirá valer-me—é provável.

Na manhã immediata, a enfêrma não procurou levantar-se; entretanto voltou ao mesmo tema. Preocupava-a aquella idea de ausentar-se. O avô não chegara ainda; podia pois à vontade confidenciar com a amiga.

— O mais difficil para mim, seria passar o resto do inverno. Oxalá estivesse passado! . . . Irei para uma casa de saúde, nestas poucas semanas que faltam; e o teu padrinho irá também se lhe custar separar-se de mim. Em todo o caso é preferível que fique.

— Preferível por êle e por ti, confirmou a interlocutora.

—Depois, na primavera, tu casas-te; virão às vezes fazer-me companhia. E se eu melhorar, residiremos juntas, como tanto me tens oferecido. —Assim que me encontre menos fraca, não me demoro aqui um momento. Julgas que tornarei a ter fôrças bastantes?—só para partir, nem desejo para mais?...

A amiga tranquilizou-a com razões destras. Luciana continuou:

—Se o avô não quiser acompanhar-te, pede ao teu marido, que parece tão bondoso, que te deixe voltar cá de quando em quando, a passar temporadas com o padrinho; eu, por mim, virei no verão, se viver, e hei-de levá-lo comigo algumas vezes.

Formulava, precisava, outros projectos. Uma derradeira necessidade de reagir, um instinto de defesa urgente, mais do que as incertas melhoras, tornavam-na optimista.

—Já quasi nada tenho de meu, concluiu; mas assim eu logre saúde, que me não mete medo a vida.

A companheira instigava-a. Dum modo geral estava de acôrdo; contentava-se em contestar, em nome dos seus próprios sonhos, alguns pormenores mais divergentes.

Umás poucas de madrugadas, antes de Constâncio entrar, alheio e mudo,—o que espalhava um confrangimento,—e várias noites, depois que êle se retirava, as duas camaradas minuciaram, e debateram com esperança, o futuro. A extrema debilidade da enfôrma, que se cobria de suores —apenas com levantar os braços e palpar a ondeda cabeleira que lhe estava caindo aos punhados—, a franzinez quasi transparente, que nos seus ossos de passarinho a fizera ainda mais té-

nue do que o velho, — uma sombra a gemer dôres —, pareciam brutais protestos contra quaisquer intenções confiantes. Higino, porém, animava muito, embora talvez por dever profissional; e Mateus julgava saber casos de curas miraculosas, realizadas pelo especialista celebérrimo. — A doente não se cansava de dar expansão aos seus devaneios:

— Longe disto, tenho fé, voltarei a ser alguém, que nunca seria aqui, quando mesmo estivesse vigorosa; viverei por ventura alguns anos; e talvez seja mais feliz do que fui. Quem nunca conheceu criaturas que recuperaram o passado!? Às vezes, quando já não se cuida, é que a felicidade nos bate à porta. Mas eu prefiro não desejar de mais; a tua família será a minha, — e êsse destino me basta. Possam teus filhos estimar-me com fervor, já que doutros não serei mãe...

— Quem sabe!? murmurava sempre Isilda se não se atrevia a mais. Quem sabe se, como eu, não vens a ter uma nova família!?

— Se o pudesse desejar, era para te não ser pesada...

— Quantas coisas menos possíveis devem esperar-se nêsses meios inquietos!...

— Sim, decerto, ultimava Luciana. Mas o importante é partir; e com isso, por agora, me contento.

Junto à janela, a rapariga, parecia também aguardar, espreitar com ansiedade, um instante favorável à partida. Tudo eram fantasmas na orla da visão; adentro dêsse escasso horizonte espalhava-se uma luz sempre a mesma; Isilda ouvia suspirar vagos regueiros; e a espaços ofegavam rajadas, como uma encarniçada matilha apressando o rebanho de nuvens, a desfilarem para o

oriente, sempre para o oriente, numa chusma interminável. A cerração engrossava ou atenuava-se; por vezes dissipava-se um momento; aparecia então o céu, mas sempre arisco e esborratinhado, lançando uma escuridade fúnebre como duma tarde que finalizasse.

As palestras matutinas com a companheira, davam alma a Luciana por um pouco tempo; depois, a alcova tornava-se muito triste — com a sua cómoda de costureira ética, entre as janelas o lavatório de mogno, onde um tampo mal forrado de oleado substituíra a lájea de mármore, com os seus grandes móveis antigos, dum aparato sombrio, e sôbre a mesa de cabeceira os frascos de boticadas. Passara por tudo aquilo a mão de Isilda; mas o arrumo não disfarçava a melancolia das coisas antiquadas e dos entes que definham, o arranjo, se encobria a penúria, não ocultava a decadência.

Depois que se acabara de vestir, de espanejar o quarto e reparar qualquer desalinho, a rapariga fôra ao cimo da escada bradar ordens a Catarina — que logo subia a buscar a braseira para a prover de combustível. No intervalo, Constâncio entrava; a afilhada aconchegava-o na sua poltrona, e descia a tratar do almôço. Os dois sócios, *Farrapo* e *Terror*, vinham ao engôdo da comida. — Eram sempre penosas as refeições, geralmente indolentes e descorçoadas por mais que Isilda inventasse expedientes. Algumas ocasiões, Luciana queria forçar-se a comer; depressa sobrevinha a náusea; rebentavam-lhe quatro a quatro as lágrimas, ao sentir que nada podia em benefício da saúde.

Retirada a bandeja, quási intacta, Isilda retomava os seus afazeres, repetidamente voltava e

saía, — enquanto a enfêrma, meio a scismar, escutava os pardais lá fora, a voarem e revoarem, seguramente em ranchadas de dezenas, com um vasto ruflar de asas, ou atentava na ventania, que certos dias barafustava rija, entrechocando os paus das árvores. Quando não obstava o sofrimento, tentava às vezes conversar com o avô; mas êle a custo percebia uma palavra, articulada pela sua voz enfraquecida, e o mais que fazia, de longe a longe, era resmungar consigo mesmo uns descosidos monossílabos. O canzarrão semi-entrevado, a namorá-la com os seus olhos quási extintos ou a cabecear senilmente, e o gato, velhusco, de aspecto bravio, a roçar-se em redor da colcha aos miados impertinentes, iam-se-lhe tornando também uma opressiva companhia. Durante toda a manhã, o que lhe valia era ainda a amiga, nunca ociosa nem despreocupada, achando porêr sempre vagar para cercá-la de cuidados, ajudá-la nuns resumidos preparos de compostura e aceio, e, conquanto menos bem sucedida do que ao amanhecer, quando sós, fecunda em inventivas e ditos que distraíssem um instante a doente.

Higino não tinha hora certa, mas por volta do meio-dia nunca faltava Mateus, que se conservava até á noite. A sua vinda quotidiana e a demora tão prolongada haviam-lhe exaurido os tópicos da fraca loquacidade; receava importunar, falando em matérias mais profundas; guardava pois, de ordinário, o seu natural silêncio. Também Luciana, por mais que quisesse mostrar-se amável e grata, não encontrava que lhe dizer; ficava a olhar para o grande armário, muito ornamentado de severas folhagens, coroado de grinaldas negras, que ora lhe lembravam a pri-

mavera, ora os ramos confrangentes de flôres artificiais que se depõem nas campas.— De fora chegava pouco mais que o zunido ou o rumorejo do vento; as três figuras permaneciam quietas; apenas, de tempos a tempos, um tilintar de colher contra um vidro e havia um pequeno bulício, quando a enfêrma tomava o remédio.

Perto da noite, a velhota, depois dum dia de pesado trabalho, vinha fazer companhia à «menina». O cansaço e a sua própria doença tornavam-na porêem muito soturna: suspirava; aludia lamentosa ao seu azar, ao de Luciana, ao de tôda a família, ao do género humano; a espaços remoneava gemidos, apalpando atrás os quadris. Felizmente que depressa adormecia sôbre a meia, ou Isilda entrava com a costura e obrigava-a a conversar de assuntos fúteis se não a mandava deitar-se.

Assim, os dias se arrastavam um após outro, vagarosamente,—Luciana sempre de cama havia quâsi duas semanas. Para interromper a monotonia, tinha freqüentemente crises temíveis, que às vezes não podia disfarçar. A rapariga, se estava lá em baixo, acorria, avisada por Matheus ou pela criada; e Luciana, amparada pela amiga, ficava longamente a agonizar, com os dedos crispados arrepanhando a roupa, lançando profundos ais. Bem desejava então Isilda afastar dali o velho, receosa de que a comoção o acabasse; êle teimava em não sair, pouco menos inerte do que sempre, com um ar igualmente atontado, mas talvez não mais pessimista do que em qualquer outra ocasião.

Quando os acessos eram muito agudos ou ocorriam para a tarde, a afilhada custava-lhe imenso a despersuadir Constâncio de pernoitar ao pé da neta. Não faltava mais do que assistir

êle a certas noites deploráveis!... As insónias de Luciana ainda seriam o menos; mas a agitação, a febre, o delírio, eram um espectáculo supplicante para quem quer que lhe fôsse dedicado. Por vezes, a enfôrma gemia em pesadelos, que depois não sabia referir; não raro tinha sonhos consternadores cujo relato apoquentava a companheira.

Pensando de algum modo evitá-los, a rapariga, certa madrugada em que a doente ainda dormitava, subiu sôbre uma cadeira para despendurar o retrato de Vasco. A moldura pesava pouco; Isilda não foi mal sucedida; mas quando retomava de repente o equilíbrio, sacudiu bruscamente o quadro, e caíram de detrás, sôbre a cama, dois ou três papeis bem dobrados, amarelecidos pelo tempo. Luciana respirou mais forte, não abriu porém os olhos; a amiga depôs o retrato e veio depressa apanhar os papeis, dominada por um interêsse perturbante. Não estaria acaso ali o segrêdo do assassinado?...

Ao desdobrar, viu que eram cartas, em letra difficilmente legível e muito apagada, unicamente assinadas por um confuso monograma. Quem as haveria colocado acolá? e que relação teriam com o fidalgo?... Parecia masculina a caligrafia; — seria êle que as escrevera?... Isilda, em breve, adquiriu a certeza de que se dirigiam a uma mulher; todavia, apesar da comoção, que mais a impedia de decifrá-las, julgava dever deduzir, por frase aqui frase além, que tinham sido endereçadas a outrem que não a mãe de Luciana. Em todo o caso, missivas amorosas.

Apalpou no fôrro do quadro, por baixo do fundo de tábuas despregado num dos cantos, se ainda lá estaria qualquer documento; achou mais

algumas cartas, uma delas noutra letra, bem traçada, que ávidamente percorreu. Esta, sim, estava epigrafada com o nome da esposa do falecido, mas por única assinatura fechava com o lema perverso — «um irmão que o céu vingou». Poderia ser grotesco e mesquinho; surgia atroz, gigante de ódio, depois dos dizeres que rubricava. Quem quer que fôsse o anónimo, era uma criatura inumana.

Voltada contra a janela entreaberta, apoiada a uma poltrona, Isilda releu pausadamente, a verificar se a intuição não a teria equivocado. Principiava a comprida epístola por uma espécie de condolências, dum mal disfarçado sarcasmo, referentes ao fim desastroso de Vasco; rancorejava depois alusões à sua vida galante, de que alguns testemunhos iam inclusos — provávelmente êsses mesmos que Isilda acabava de descobrir; seguiam-se amplos esclarecimentos, obscuros para a presente leitora, e difusas ponderações sôbre a pureza dos lares; mas, em suma, rematava o autor, a justiça sempre tem o seu dia, e é natural que, quem corre aos perigos, encontre nêles a morte.

Irrompia no pensamento de Isilda um torvelinho de problemas. O homem que escrevera aquellas linhas — sem contemplações por uma dôr desmedida e como para exasperar essa dôr, no momento em que era mais recente, portanto mais subjugadora, — parecia capaz de tudo; seria o próprio assassino. Mas quem era êle, êsse monstro? E se o seu rancor a ninguém exceptuava, nem culpados nem inocentes, não estaria assaz vingado da que fizera viúva? Queria arremessá-la à loucura, definhá-la de desgosto, de qualquer modo matá-la — sem contudo comprometer-se, ainda

mais cobardemente do que quando lhe assassinara o marido? . . . Quem diria, efectivamente, se aquelas fôlhas que ali estavam, manchadas aqui e acolá talvez de lágrimas, não haviam sido a causa do nunca bem explicado suicídio!? E Constâncio, que saberia de tudo isso? Aquele retrato pertencera-lhe e não à mãe de Luciana. Qual dêles esquecerá êsses papeis? . . . Poderia ser que a destinatária, cujo suicídio seguira tão de perto o assassinio do consorte, já não os tivesse recebido. Isilda queria admitir esta conjectura menos verosímil, afim de diminuir a malvadez do desconhecido que mandara essas provas infames, e cujo acto, mesmo que distasse algumas semanas, ou ainda meses, do miserando desenlace de Vasco, lhe repugnava conceber.

Na esperança de aclarar as suas incertezas pegou outra vez nas primeiras cartas. Conseguiu vagarosamente apurar alguns períodos, e dos restantes compreender o preciso. Lirismos, protestos de amor, expressões de carinho, demonstrações de paixão, enchiam as mais das páginas; combinavam-se também entrevistas, mas em termos lacónicos e indefinidos que só os dois amantes entenderiam. Nesta parte, mais prática, das combinações, uma palavra, um nome, ocorria sempre, que surpreendeu Isilda: relia, a ver se se enganava; contudo, por mais ilegível que fôsse a caligrafia, não podia duvidar de que se tratasse da — Bárbara! Era invocada para fins vagos mas lá estava o nome com tôdas as letras. Vasco apenas lembrava à amante, sem porêr o determinar, o préstimo da criatura, e a possibilidade de lhes ser útil. Mas como? perguntava Isilda. Pois aquela repelente também andara misturada a essa tragédia! . . . Teria sido por acaso uma espécie de medianeira? . . .

Era ela, certamente, quem conhecia todo o mistério que êsses documentos não desvendavam.

Na última carta que a rapariga compulsou, só procurando qualquer referência à detestável, vinha a Bárbara envolvida numa frase, em que se faziam alusões, pouco veladas, a um próximo nascimento. Uma interrogação incerta passou no espírito de Isilda: cumularia o mostrengo os seus dotes de mezinheira com as artes de enfermeira ou de comadre?...

Perplexa, meditabunda, principiou a dobrar e a pôr em masso os papeis. Quando chegou à missiva do anónimo, teve tentações de rasgá-la; mas de repente deu com os olhos num *post-scriptum*, que lhe escapara na leitura, atirado para o reverso duma fôlha. Dizia-se aí que dentro em breve à vigilância de Constâncio e dos seus seria entregue num modesto berço a obra espiritual duns românticos amores, derradeiro favor do falecido, e que deveria assaz preencher o seu lugar desocupado.

Isilda teve uma suspeita; as mãos tremiam-lhe tanto, que deixou cair a fôlha; mas já a doente se mexia como prestes a acordar, e a amiga apenas achou tempo para juntar à pressa a papelada e com um pano ocultar o retrato.

III

A PARTIR dessa madrugada, Isilda perdeu a des-
preocupação; envenenou-se-lhe a alegria.
Pareciam-lhe segredos tremendos os que
acabava de descobrir, e oprimiam-na como um
bloco descomunal que tivesse de carregar sòzinha.
Bem desejava poder esquecê-los, sacudi-los de si,
aniquilá-los; mas aderiam ao seu ser, semelhantes
a parasitas vivazes sugando as seivas duma bela
planta.

Fôra um achado infeliz, murmurava consigo,
e mais fatal a sua curiosidade. Todavia, como
evitá-la agora, como não procurar saber tudo até
ao fim? Sempre que lhe era possível, relia as
cartas, que trazia sôbre o seio; chegou a decifrar
todas as frases; contudo, as repetidas leituras, se
lhe avigoraram algumas certezas, não conseguiram
resolver-lhe nenhuma das muitas dúvidas. Des-
pregara também o fundo do quadro; não achou
mais indício algum;—e sentindo-se sem recursos
para apurar tôda a verdade, tomava-a gradual-
mente uma raivosa impaciência.

Frente a frente do mistério, em parte já desvendado, a sua imaginação não podia aquietar-se, e ora divagava por singulares caminhos direita às mais opostas conjecturas, ora perto da realidade minuciava suposições, como se estivesse lavrando os materiais escolhidos duma forte construção, na expectativa do remate imponente. Quando a imaginação, por ineficaz, enfastiava Isilda, tentava-a por vezes o pensamento de ir ter com a Bárbara e perguntar-lhe; retinham-na mil repugnâncias, e nem a outra lhe referiria coisa alguma—reservada, sibilina, como lhe parecia ser. Um dia, com muitas precauções, diligenciou confessar Constâncio; mas, decerto mais demência do que astúcia, o velho nada soube responder-lhe; não a ouviu ou não a entendeu.

A doente, por mais duma ocasião, surpreendera a amiga a ler as cartas; supusera porém que se tratava de antiga correspondência entre os noivos, e tivera mesmo um zombeteio: Isilda não a desiludiu; e contava poder sempre calar os grandes ímpetos de desabafo que a acometiam de quando em quando. Mais do que a qualquer outra pessoa, pelo hábito da confidência, desejaria comunicar à companheira a descoberta que fizera, pedir-lhe esclarecimentos, consultá-la sôbre as ilações que se deveriam tirar, estabelecer com ela projectos para averiguar todo o mistério ou rogar-lhe que a ajudasse a esquecer-se; não permitia contudo uma tal conversação a saúde de Luciana; e ainda que estivesse bem melhor, Isilda hesitaria porventura,—se o assunto era tão melindroso! Não; nunca, em tempo nenhum, falaria dêsse abismo que sondara, decidia muitas vezes; poderia causar à... à sua *amiga* uma pena irreparável,—e depois, sentia um receio: aquele

segrêdo temeroso que parecia aproximá-las, não as iria antes afastar?...

De facto, últimamente, Isilda experimentava um remorso, um não sei quê, em presença de Luciana; não estava tão à vontade como ainda há bem pouco tempo; existia entre elas, subtilmente, um obstáculo, — e era êsse segrêdo perseguidor. Ignorava por que insidiosos raciocínios viera a crer menos inocente a sua existência pura; e — sentimento que não tivera nunca — amargava-lhe a lembrança dos benefícios que recebera nessa casa, vulnerava-a com um misto de vergonha a idea de que vivia à custa dessa família. Que obrigação tinham êles, Luciana e o avó? Não passava duma intrusa, que prolongara tempo demais aquela hospitalidade. E se agora scismava não raramente que poderia ser mais que uma estranha, julgava que só por uma fraude, muito embora involuntária, é que tinha conquistado as afeições. Sem dúvida que lhe ocorria o seu préstimo, a sua presença indispensável, e que era possível que Constâncio, já conhecendo o mistério, se sentisse com alguns deveres para com ela. Também, por momentos, queria desculpar-se perante a sua consciência delicada, em nome da boa-fé; até há dias, com efeito, andara de boa-fé; — mas hoje que a roía uma suspeita!?. . . Se meses antes descobrisse os documentos funestos, sabia o que tinha a fazer; diria tudo a Luciana e a Constâncio, e caso a amizade dêles, a justiça ou a razão, lhes mostrassem que ninguém é réu dos erros ou crimes dos antepassados, sem escrúpulos continuaria ali. Era isso o que preferia. Mas que, patenteada a verdade, houvesse um retraimento, ou peor, a considerassem inimiga, e Isilda no mesmo instante partiria, reprimindo a saudade e

a gratidão ou levando uma única mágua no seu coração orgulhoso, a de não poder pagar logo as esmolas a que a tinham sujeitado. Entretanto devia acreditar, repetia para sossegar-se, que a estima de Luciana, a tudo resistiria, antes era capaz de aumentar; mas não podia deixar de sofrer com a impossibilidade de expor livremente a sua intrigante situação.

A cada passo, em meio das tarefas quotidianas, surpreendia-se a meditar; interrompia-se às vezes absorta; não ouvia Catarina falar-lhe. Se pudesse desafogar com esta!... Precisava do conselho de alguém; mas como havia de confiar nas opiniões da serva, quando nem sequer ousava fiar-se nos factos que dela inquiria a respeito do passado? Inútilmente, só para expandir, narrar-lhe o que suspeitava, parecia a Isilda uma desatenção para os demais, a quem tinha de ocultar; além disso não podia contar com a descrição de Catarina. Antes queria aguardar mais algum tempo, até que o noivo viesse,—e só a êle revelar as suas infinitas incertezas, pedindo que a aconselhasse.

Pensara em consultá-lo por carta, mas era de tal modo difícil o que tinha a desenvolver, tão longo e complicado, que desanimou em metade. E contudo, já não devia, segundo novas combinações, esperá-lo por êsse mês. Pois que Isilda determinara que o casamento não se aprazasse antes de Luciana melhorar, o namorado escrevera-lhe, em resposta, que atrasaria a vinda uma ou duas semanas e que chegaria no primeiro de Março. Êsse adiamento ia permitir-lhe deixar tudo em perfeita ordem, e demorar-se perto da noiva o tempo que fôsse necessário até se efectuar o consórcio. Isilda alegrou-se com a notícia; e noutra qualquer ocasião, a perspectiva de já se não

apartarem, faria mais do que compensá-la daquela dilação derradeira. Nas actuais circunstâncias, porém, era oprimida de ansiedade que dava balanço ao calendário, convencida de que ninguém, a não ser o seu noivo e confidente, a libertaria das dissensões que recomeçavam na sua alma a cada hora.

De resto, Isilda, a dirigir sòzinha a casa, a coadjuvar Catarina alquebrada, a cuidar dum velho decrépito, a acudir durante o dia a uma doente e a velá-la durante a noite, principiava a andar fatigada. O físico repercutia no moral; a sua vontade enfraquecera um tanto; é por isso que não podia passar por sôbre aqueles problemas, que ajudavam a esgotá-la. Estava menos sã o pensamento, menos equilibrado e sensato; a sensibilidade perdera o entusiasmo e assumia por vezes, ao de leve, uma tinta de desalento no que se referia a Luciana.

Se era isso contra o temperamento de Isilda, não era todavia sem razão, porque a enfôrma, visivelmente, não se sentia melhor. Chegara-se a meados de Fevereiro; já decorrera o bastante para que tivessem operado os medicamentos do clínico assombroso; porém Luciana continuava algemada ao leito, num sofrimento que dia a dia se acerbava. Não podia mover-se, mesmo com auxílio, sem uma grande tortura; e ainda quêda, meio asentada, gemia quâsi incessantemente. Nalgum momento de alívio achava-se tão debilitada que lhe desprazia falar; e, de ordinário, até o escutar era para ela um sacrifício. Ficava portanto à parte de qualquer conversação (as visitas de Mateus haviam-se tornado bem escusadas) a padecer minuciosamente as suas dôres e angústias, ou, nos instantes de trégua, ocupada com ideas dispersas, não muito raro afflitivas.

Em vão tinha esperado e procurava ainda um sintoma de melhoras; em vão as quisera supor! Era forçada a conceder, pelo menos, que se encontrava na mesma. Não descorçoava entretanto, porque com pouco se contentaria;—como não viria êsse pouco?... E saía dali, era a vida, era um futuro que saberia aproveitar.—Contudo, a doença impacientava-a; a demora causava-lhe horror como se não fôsse apenas demora. Não queria desperdiçar um único minuto nêsse marasmo sem proveito—semelhante ao milionário avarento que carpisse uns indignos cobres. Tardava-lhe viver plenamente; deitava contas à vida, e doía-lhe de não ver por enquanto o termo do seu infértil dispêndio.

As nuvens que perpassavam pelas encostas, tinham acabado por dar chuva. A comêço era um marejar fininho, uniforme e glacial, em certos sítios rodopiado pelo vento;—entretanto, do beiral, por onde a humidade do telhado toda se escoava, escorriam interminavelmente enfiadas de graúdas pérolas; o negrume escurecera ainda; não se furava a bruma a poucos metros. Depois, a chuva tornara-se copiosa, por último quasi torrencial, caindo sem interrupção em fortes cordas, às vezes inclinada pelo sudoeste: dir-se-ia que o nevoeiro pairava agora mais alto; a cerração desadensava-se; via-se chover até ao longe. Finalmente, mais exasperado o frio, entraram a desabar granizadas, neve ainda mal condensada ou já meio derretida, que apedrejava nervosamente as vidraças num tamborilar miúdo e sêco.

De noite, o aguaceiro inestancável, invariável e sereno, acompanhado pela toada, mais profunda, dos fios que derivavam do beiral, dispunha ao adormecimento; todavia, Luciana dormia tão mal

como agora, em que a esportava o vento a ulular e o pedrisco marimbando nos vidros. Levava as noites em insónias febris ou em agitação e delírio, sem já uma hora de descanso; tinha opressões não menos crueis que de dia, dôres agudíssimas ao lado esquerdo como se lhe cravassem punhais, calafrios, sufocamentos, ainda mais rudes do que até então, e mesmo algumas vezes síncope.

Uma ou outra madrugada é que repousava um pouco. Isilda evitava todo o ruído, impedia que o avô entrasse; ela apenas, de quando em quando, chegava à porta a espreitar a enfêrma. — Um dia, só perto das dez, é que veio encontrá-la acordada.

— Sabes que voltou o bom tempo, dorminhoca?

— Por isso, esta manhã, sosseguei tanto! explicou Luciana, convencida.

Mais bem disposta por aquela intermitência, sentindo-se quasi jovial, pediu à amiga que descesse as cortinas. Avistou um céu azul pálido, estampado de nuvensinhas imóveis, todas esfriadas em desenhos cabeludos, — como se naquele teto alto e lustroso, algum caiador irreverente tivesse disperso umas raivosas brochadas.

— Há no céu, nos ares ou na luz, um aspecto de fim de inverno.

— Quasi de primavera, opôs a doente.

E como Constâncio entrava nêsse instante:

— Que lindo tempo! exclamou para êle. Que lhe parece, meu avô?

Não o interpelava por uma atenção, mas com plena sinceridade. Entendia que também no caduco se devia ter dado um ressurgimento. Êle respondeu num pesadume, com a mão na orelha a formar concha:

— Está frio; está muito frio.

— Mas quando êste sol não aqueça, sempre regozija ao menos; vale mais do que a cerração, pois não acha? Conforta a alma se ainda não conforta o corpo.

O velho fazia esforço por ouvir, contudo não replicava; pelo menos, não concebia o entusiasmo.

— E depois, prosseguiu Luciana, isto lembranos que o inverno está por pouco. Se resistimos mais algumas semanas — o seu sorriso aligeirava a sombria sugestão, — parecemos outros, tenho esperança.

Intentava, como dantes, futilizar a gravidade do seu mal e dos que Constâncio poderia sentir. Mudando porém, acrescentou:

— Desde que caí de cama, nunca o sol brilhou assim. E é uma doçura a claridade. Para longe vá a escuridão.

— Pois é que sem lume não se pode estar, objectou o velho ou confirmou.

Luciana experimentava momentâneamente veleidades de palrar, mas a sua voz ia enfraquecendo. Renunciou a conversar com o avô. Ele ficou, como de costume, assentado à beira da cama, silencioso e inexpressivo. A doente olhava através das vidraças, quêda, com as mãos cruzadas, num vago êxtase, os olhos mais escuros na sua tez esvaída, maiores na sua face descarnada.

Uma das vezes que Isilda voltou, comunicou-lhe baixinho:

— Mais logo hei-de ver se me levanto.

Mas bebeu sem apetite o copo de leite que era o seu almôço, e quer fôsse por quebreira, mal-estar, ou mesmo alguma dôr que dissimulava, a sua plácida satisfação tornou rápidamente a uma inércia meio desencantada.

Quando porém chegou Mateus, recebeu-o com

mais expansão do que pudera patentear-lhe nas suas últimas visitas. Também êle se sentia menos adoentado, e também êle celebrou, talvez à falta de assunto, as delícias do bom tempo.

— Abre-me a janela um momento.

Isilda teve uma hesitação, mas logo se recusou.

— Um só momento, nada mais! O espaço de tomar um fôlego! — Quem sabe se será êste o meu derradeiro dia bonito!?

O céu permanecia azul, aguado sobretudo lá no cimo por cirros subtis e desgrenhados, iguais agora a incertas nebulosas; amarelento, o sol brilhava na orla dum véu menos elevado, de brancura mais espessa. Contudo o dia aquecera um tanto.

A rapariga afastou-se da vidraça e veio agasalhar a doente.

— Quanto mais desatinos disseres, menos te faço a vontade.

Punha o dedo nos lábios em sinal de caluda; e mencionando Constâncio, que deixara pender a cabeça numa caquética madorna:

— Podia-te ter ouvido...

Com a sua esperançada confiança, foi abrir uma das janelas.

— Há que tempos não sei o que é ar livre! murmurou Luciana, agradecida.

Não esvoaçava uma aragem; aquele céu quasi parado semelhava uma scenografia. No horizonte havia tons esverdinhados; e pouco acima, numa clareira radiosa, primaveril de transparência, pairava a lua, um largo crescente, como um vaporoso cristal. Em baixo, sob o sol desfalecido, era a quietação dum eremitério; a vertente defronte, sem vestígio de viv'alma; a povoação, distante,

em letargia. Cantaricava a espaços um galo longínquo, que ao calar-se redobrava o silêncio, tornando-o então martirizante,—absoluto. A luz frouxa, fria e oblíqua, projectava compridas sombras; dir-se-ia uma hora adiantada duma mortição tarde de verão. E de tudo isto, ou do que quer que fôsse, evolava-se uma languidez, mais ainda, uma saudade, uma nostalgia, que fluctuavam imponderavelmente na serenidade dos ares, nas nuvens diáfanas e franzinas, naqueles matizes do azul, no silêncio mal interrompido, no estagnamento de tôdas as coisas, no estacionamento da luz.

Isilda postara-se ao pé da ombreira, pronta a correr a vidraça ao primeiro sôpro. Entretanto olhava para fora,—e mau grado o seu temperamento, a impressão de primavera e de futuro, que de manhã a tinha acolhido, era vencida por uma estéril tristeza, que se desfazia em vacilantes anceios e lhe insinuava imprecisas memórias de tempos que já não voltavam. No seu leito, Luciana—outras disposições e outra perspectiva—enunciou com firmeza:

—Quem dera mais alguns dias assim! Se só com êste já me encontro melhor...!

Sentia-se entusiasmada por estar suportando uma janela de par em par, orgulhosa por ser como tanta gente, como tôdas as pessoas sãs.

—Se viessem mais alguns dias como êste, depressa se punha boa—lisongeu Mateus, com afeição.

—Decerto! decerto! acudiu Isilda.

Mas vira bulir não a muita distancia o tôpo audacioso dum negrilho, e baixou devagar os vidros, não entrasse alguma lufada.

—É preferível, apoiou a enfêrma.

Como porêm a companheira a fitava em sobresalto, explicou numa evasiva:

—Necessito poupar-me por enquanto.

Ficou um instante a meditar; exclamou:

—Como é bom ter saúde e viver!... Assim fôsse fácil, sr. Mateus!...

Ele não chegou a responder, porque Constâncio, despertando, ordenou para a afillhada:

—Trazte brasas. Não sinto as mãos. Este lume não aquece.

E a propósito da conversa que ainda acordado entreouvira, sem consciência de que havia dormitado, objectou com aspereza à neta:

—Para que serve o tempo bonito, se faz ainda maior frio!?...

—É verdade! conveio Luciana, que estreme-cera num arrepio de sezão. Demasiado verdade! repetiu quasi consigo. É ainda e sempre o inverno, com que não se pode lutar.

Isilda, no entretanto, tinha deixado o aposento, compungida com o decaimento dêsses dois seres que estimava, e com a dolorosa impossibilidade de valer-lhes. Ao chegar abaixo, porêm, o seu desgosto agravou-se, pois veio encontrar Catarina acaçapada no escano, a gemer. Emquanto andara lá para cima trafegando, ou, como há pouco, tagarelando com a doente, a velhota tivera «a pontada» — e sem um vivente a socorrê-la.

—Sobe ao teu quarto, teimou Isilda, como-vida; ao menos estarás deitada. Lá irei ter logo que possa.

Efectivamente não tardou muito que lhe levasse os alívios que tinha por costume — uma beberagem, uma fomentação, uma baeta a escaldar.

—Há-de matar-me esta praga — balbuciava Catarina, espapaçada no catre.

— Não será assim tão mau.

— E o estômago, as minhas cruces, as tonturas!... Com tanto serviço por aviar!...

Sem querer, a enfermeira sorria da incoerência dos queixumes.

— Não te importe. Trata agora de ti, que é mais urgente.

— Já não careço de nada. Nesta ocasião tenho só quebreira.

A rapariga persistiu em ingurgitar-lhe o calmanete. Catarina soergueu-se para lhe satisfazer a vontade!

— Não sei o que seria de nós se a menina já tivesse casado. Ponha isso na sua mente!

— Ainda há pedaço passaste sem mim, quando mais devias precisar. Sem ti é que não se passava;— e ficávamos mal parados se também tu adoecias.

— De tôda a sorte, o meu préstimo não é nada a par do seu.

A designada interpôs um gesto.

— Quem há-de preencher o seu lugar!?... Cá por mim, sou a primeira a conhecer que faço pouco, não faço tudo o que era mister,— e assim mesmo é mais do que posso. O corpo só me pede repouso. É que os pobres, como o outro que diz, não teem licença para andarem doentes...

Isilda confrangia-se de ouvi-la, pois nada podia por ela. Compreendia o seu vago azedume. Coitada, triste Catarina! Todavia, o fogoso temperamento antecederá-lhe a indulgência e obrigara-a a opor terminante:

— Não és só tu; ninguém aqui, tem licença para andar doente enquanto a tua ama não melhorar.

— Sim, na verdade— concordou a velhota, ren-

dida. A minha rica senhora, essa, ainda está peor do que eu.

— Por isso não te afadigues; acode apenas ao indispensável, que já não tens pouco que fazer, e trabalhos bastante pesados! — Olha que não t'ó peço por ti.

— Entendo-a, entendo, — redarguiu a criada, tornando a deitar-se na travesseira. Mas não sou tão estúpida que não perceba que também assim fala por me querer bem.

Era exacto, e quando o não fôsse, Isilda não podia contestar; não devia mostrar mais imminente do que a ela mesma aparecia, a plausibilidade assustadora de ficar ali sem auxílio.

— Tínhamos tôda a obrigação de estar bem acompanhadas, — prosseguiu Catarina, fechando os olhos; — cheias de ajudas como ninguém (tão pouco merecia meu amo!) Mas é isto que se vê! . . . Se, ao menos, a menina nos não deixasse!

— Julgas-me talvez tão ingrata como êsses que nos esqueceram . . . — ia Isilda respondendo enquanto a atabafava em cobertores, entalava, aconchegava . . .

— Devemos-lhe todos muito — então agora nestas doenças! — para que lhe chamasse ingrata. Depois, eu falava dos estranhos: se a trouxe à balha, desculpe; é que a sua falta me dá grande paixão, maior que a de todos êles juntos.

— Consideras-me, portanto, da casa?

— Pois o que é!? volveu a criada, surpresa. Lá porque nos vem a deixar . . . Os meus cabelos não fôram sempre brancos; eu ajuízo do que essas coisas são . . .

A rapariga teve novo sorriso, que logo se transmutou numa bondosa tristeza.

—Minha pobre Catarina!...—Mas não conversezes tanto...

Ela calou-se um longo espaço. Já Isilda a supunha amadornada. De súbito reflectiu:

—Daqui a nada pode bem casar-se que não faz minguá à Lucianinha.

Arrancou um suspiro, e murmurou:

—Por êsse lado esteja descansada.

—O que te leva a pensar assim?

—É escusado dizer: salta à vista.

—Pateticos! reprovou Isilda.

—Ainda posso abalar primeiro, sabe-se.

—Não gosto de ouvir dispautérios.

A criada não retorquiu, magoada com o tom impositivo, porêm via-se que não convencida. Isilda, penalizada, corrigiu o desabrimento.

—Não nego que seja um pouco melindroso o estado da nossa doente... No emtanto há-de triunfar, sou eu que t'o afaço.

—Hum!.. Quer que lhe diga a verdade? interrogou a velhota, depois duma rápida hesitação. Entornei ontem uma almotolia de azeite, tôda inteira e entregadinha.

E como o facto não reduzisse a antagonista, ajuntou:

—Depois, êste casarão tem azar.

—Histórias!... Mas quanto a isso, a tua senhora, mais que ninguém, deseja retirar-se daqui.

Catarina não respondeu, a gemelhar alguns instantes.

—Se a ida fôsse para perto e quando todos estavam sãos! Agora lá para longe, para essas cidades!... De que serve? É ainda peor.

—Não és fácil de contentar, censurou a rapariga.

Sentira-se sempre óptimamente em casa de

Luciana, quando aí estivera anos antes a completar a educação (e nem era perto nem terra pequena); contava não ser menos feliz quando voltasse para os mesmos lugares.

Proseguiu como em monólogo, com um transporte no olhar:

— Sim, serei mais, muito mais feliz—pelo que êle me dará de felicidade. E agora, ao menos, está por semanas.

Catarina fixou-a aturdida, com o seu íris deslavado e morto.

— E a sorte de Luciana e a tua sorte, acredita-me, também hão-de melhorar.

— A minha sorte!? . . . Estou velha; para aqui tenho vivido—se isto é vida,—e só desejo aqui acabar. Veem tarde para mim as mudanças. O que mais me fazia gôsto, era que nada mudasse até eu fechar os olhos, quando chegasse a minha hora.

Continuou em silêncio os pensamentos. A certa altura, exprimiu:

— As casas são como os parentes; quando a gente se zanga, diz mal dêles, mas fina-se por tê-los ao pé. Não é da casa a má sina; é da família.

— Só oiço falar em má sina os que não teem alentos. E é uma vergonha ser-se cobarde.

Catarina, sem atender, insistiu na sua idea:

— Não faltam defuntos na família. E êste inverno é dos temíveis; porque é inverno de grande mortandade.

— Que sabes tu a tal respeito!? . . . Ainda que não tenha ido suave, e mesmo que para final se torne mais rigoroso . . .

— Oxalá seja eu que me engane!

Isilda scismou um momento.

— Com certeza que te enganas, formulou com

um sorriso inseguro. Enganas-te naturalmente. Ou acertas por acaso. Quem pode saber nada disso?... E quanto à menina Luciana há-de curar-se.

Parecia aguardar uma réplica. Mas a velhota mascou apenas e cerrou brandamente as pálpebras, subjugada emfim pelo cansaço.

A enfermeira assentou-se junto ao catre, mirando essas faces molengas, envelhecidas pelo trabalho, extenuadas pela doença, êsses cabelos grisalhos, que conhecera ainda tintos duma derradeira mocidade. Em redor, o aposento pobre — uma cadeira, um cabide na parede, resguardado com um retalho de chita, a arca, um espelhito sem estanho, — mais ajudava à tristeza. Isilda ficou demorados minutos, a olhar para fora para o céu — ao menos, livre, — para as nuvens altíssimas, cada vez mais vagas, banhadas na claridade igual e sem brilho dêsse sol doentio e saudoso, que deixava transparecer o crescente da lua como uma lâmina de oiro fôsko.

Visto que Catarina repousava serena, a rapariga acabou por ausentar-se para não desperdiçar tempo, voltando porêem, freqüentemente, a vigiar estoutra enfêrma. Contudo, só passadas umas horas, quando a criada se obstinou em levantar-se a grande custo, é que tornou com detença ao quarto de Luciana.

Havia deixado Catarina em disposições menos pessimistas; veio encontrar a sua camarada no mais escuro desalento. Nessa tarde, o professor retirara-se muito cedo, — e Luciana ficara, um largo espaço, a sós com o seu taciturno avô. Eram cêrca de quatro e meia; o dia apressurava-se para o termo; o azul estava ainda mais puro, em todas as direcções transparente, mas com uns tons frios, desenxabidos, muito claro, tirando ao cinzento;

os cirros tinham dobrado o horizonte ou tinham-se dissolvido, e afora a melancolia persistente podia crer-se um céu de verão. Emquanto Isilda, com pequenas palmadas, ia afofando os almofadões a que se encostava a doente, ela observou com amargura:

—Que satisfação foi, para mim, ter visto ao menos um tão belo dia! Esperava com fervor um dia assim.

E aproveitando a surdez de Constâncio:

—Mas a prova saiu funesta; senti que estou incapaz, sem que possa ainda iludir-me;— não me levantarei mais daqui.

A sua voz caíu, com um murmúrio:

—Não viverei, não viverei!

—Que creancice, Luciana! Por não teres hoje podido . . . ! E nem sequer experimentaste! . . .

—Experimentei aqui assentada . . . com o pensamento . . . — e tive medo.

—O tempo vai manter-se bom; tu verás então como podes.

—Torne-se de novo brumoso se quiser; os resultados serão para mim os mesmos . . . Mas não lagrimejes, que de nada serve.—Uma consolação me resta, ao menos,—é que já não desapareço sem ter-me despedido do sol. Ainda bem que hoje brilhou, seja embora uma última vez! Abençoada a sua luz e a vida que êle representa! Nunca tanto lhe percebi a beleza.

Isilda vacilava em redarguir, temendo que a atraçoasse a fala trémula.

—Deve ser bastante custoso trocá-lo pela eterna escuridão.

—Estás-nos a martirizar ambas, condenou por fim a amiga.

E com um dos seus ímpetos de insofrimento:

—Para que não mais possas descoroçoar, sou eu amanhã, tem a certeza, que te obrigo a gozar dêsse bom sol, acolá assentada à janela.

Conquanto sentisse o exagêro, Luciana não respondeu, talvez reanimada duma esperança. — Mas nessa noite, o tempo peorou; e acompanhando esta contrariedade, uma emoção de bem outro carácter veio terminar para Isilda aquele dia de emoções.

Como tinha perdido uma parte da tarde, resolveu fazer algum serão, — e num aposento do andar superior, quási defronte do quarto da doente, pusera-se passando a ferro uma volumosa ruma. A receosa chama de azeite, reverberando na caldas paredes, inteiramente despidas, mostrava assaz a mesquinhez do mobiliário — só os móveis que Isilda acarreará para executar a sua empreitada: além da tábua de engomar, apenas duas ou três cadeiras onde pudesse empilhar a roupa, e uma pequena mesa de pinho onde colocara o candieiro de latão.

Constâncio já se havia recolhido; a criada ficara ao pé da enfêrma. Decorreram para Isilda algumas horas, naquele silêncio, solidão e tristeza, — até que Catarina apareceu no limiar. De absorta, a rapariga, nem a tinha ouvido abrir a porta de Luciana, nem atravessar o corredor escuro, não obstante olhar para lá, de quando em quando, com uma distraída inquietação.

— O que há? perguntou sobressaltada.

— Não são ainda horas de acabar? replicou a velhota, com a mão firmada na ombreira, avançando o trouxão do busto,

— Agora, não falta muito — tornou-lhe Isilda plácidamente, a apontar para o lote de peças que estavam por dar a ferro. Tens vontade de te ires

deitar, pois não é assim? . . . E não deves precisar pouco, realmente.

— Lá precisar, não digo que não; mas por mim não é que falo; a menina também há-de estar moída . . .

Aproximou-se com um andar peado.

— O que aí vai! o que aí vai! Isso é que é despachar trabalho! . . . Quem me dera poder ajudá-la, que era sinal de que tinha saúde!

— Como ficou ela nesta ocasião?

— No mesmo adormentamento, mas socegadinha.

— Tem paciência! torna para lá mais uns instantes, que te substituo, não tarda. Nem te diria que esperasses por mim, em vez de te mandar para o teu quarto, se não fôsse o sr. Constâncio. Mas receio que êle a perturbe.

Efectivamente, o avô, pé ante pé, vinha alta noite espreitar a enfêrma ou escutar à porta da alcova. Isilda, quási sempre acordada, quando muito a dormir à cabeceira da amiga, entreouvia-lhe o passo abafado a rondar pelo casarão. Saía a tranquilizá-lo e convencê-lo a recolher-se; mas êle daí a pouco voltava, e não se atrevendo já a entrar batia com os nós dos dedos, para que a afilhada, assomando, o informasse. Era evidente, pelo seu vestuário, que não se metera ainda na cama; e a rapariga, só com grande insistência conseguia que êle se deitasse, ao menos por cima da roupa. De resto, posto que tornava com uma pertinácia talvez automática, deixava-se reconduzir dócilmente.

A afilhada, não obstante, insistia para a criada:

— É cedo, naturalmente, para que o padrinho já começasse a sua ronda. Entretanto vale mais

que retomes o teu posto; não queira lá instalar-se. Seria mau para a neta e para êle.

— Eu vou, acedeu Catarina. Mas a menina não se fique. Faz-lhe mal trabalhar assim.

E quasi à porta resmungou:

— O que me a mim haviam de dar para aqui estar tanto tempo sòzinha!

Isilda ia a pôr uma pergunta; reteve-se para não demorar Catarina. Só inquiriu consigo própria: de quem teria sido êsse quarto? Hum! Talvez.... Talvez do filho mais velho de Constâncio. Olhou em redor, desconfiada, para aquellas paredes mudas. De quantos segredos seriam testemunhas! Fôra ali que o assassinado se despedira da espôsa antes do passeio fatal?.... E de repente, todas as dúvidas que a atribulavam últimamente, lhe lampejaram no pensamento.

Remoou alguns minutos, as mais tirânicas obsessões das que há dias a empeçonhavam. Estava prestes a perder-se no labirinto; mas perguntou de novo a si mesma se de facto seria ali o antigo quarto de Vasco. Não era, provavelmente. Mal havia razão para o crer.... — Mas porque diria Catarina aquilo?....

Um tanto para deter a imaginação, e bastante para dar-se pressa, que por diversos motivos sentia agora mais precisa, foi levantar a vidraça, e começou a assoprar no ferro, a plenos pulmões, para avivá-lo. As fagulhas espirravam, e lentamente caíam, numa chuva esvoaçada, fundindo-se na escuridão. Impelia-as não mais que uma aragem; Isilda, porém, convencia-se de que ia haver mudança de tempo. Tanto peor para a doente, a quem ella prometera... Que sensaboria! pensou; voltariam para Luciana as longas horas de incertezas, e não se sabia até quando! Tinha pousado

o ferro no descanso, em cima do peitoril, e debruçou-se bem para fora, afim de escutar a fôrça do vento.

A noite era o fundo dum poço; a invisibilidade, quasi absoluta: para além da sombra muito escura, uma opacidade que parecia a um mesmo nível. O céu não se distinguia da terra; não existia horizonte. Apenas para as bandas do oriente, onde tremiam duas estrelas como por trás duma nuvem menos grossa, delineava-se algum tanto a montanha; mas o aspecto era unicamente o duma negridão indefinida por sôbre outra negridão mais retinta. Mesmo depois de afeitas as pupilas, a custo se deixava suspeitar, e só a quem o tivesse visto à luz, o terrado lá em baixo, — e aí, o que quer que fôsse estendido: o celeiro incendiado.

Mas essa noite solitária e cega não era própria a distrair os pensamentos de Isilda, lôbregos um momento antes, e menos ainda podia desfazer o seu turbado mal-estar. Era mais fúnebre do que o casarão, cheio de seres que tinham passado e de memórias antigas, mais tenebrosa e misteriosa, — e Isilda ficava a meditar no estado precário da amiga e naquella trágica família, que dalgum modo se tornara a sua. De súbito, afigurou-se-lhe ouvir qualquer coisa a vaguear por debaixo da janela. Ilusão! com tôda a certeza; entretanto... Seria o vento a ramalhar, mas tinha um compasso estranho, como o dumas passadas vagarosas. Isilda debruçou-se ainda mais.

Uma lufada repentina trouxe-lhe um gemer de troncos, a que logo se misturou um rumor confuso e sêco, como que um estalidar de ramos; porém o som precisou-se melhor, e Isilda julgou perceber, depois percebeu distintamente — um tossicar abafado.

A essa hora, alguém por ali, dentro do parque, — era inverosímil! E de mais, sem que o cão desse rebate! . . . Os seus olhos varavam a treva. Não tinha medo; só um sobressalto ansioso e uma curiosidade terrível de averiguar a verdade. Esperou. Silêncio durante alguns instantes. Nada mais! Enganara-se, dizia a si mesma para apaziguar os nervos. Mas de dentro, pelo corredor, sentiu um soído de passos . . . Localizara mal os ruídos, eis tudo! Era Constâncio que lá vinha, à sorrelfa, sufocando talvez o catarro, direito ao quarto da doente.

IV

PELO atalho, que da cidade ia passar junto à casa de Constâncio, caminhava na direcção desta, por emquanto invisível e afastada, o vulto esguio da Bárbara, alcachinado e negro, arrimado no bordão. Atravessava agora um olival solitário, de árvores mirradas e doentes, que esguedelhavam pela deitada encosta o seu verde árido e contristador. Eram tôdas escanzeladas, já sem esperança de nenhuns frutos, atacadas dum mal enlanguecente, que lhes ennegrecia as folhagens com uma capa de ferrugem; algumas, novas e ananzadas—madeiros agonizantes; outras, vetustas e carcomidas—só a casca. A velha costeava a colina, descendo devagar o caminho pouco íngreme; de quando em quando virava a cara embiocada a um e a outro lado; às vezes dava com o pau nos troncos, para ouvi-los soar ôco; às vezes, num brusco ímpeto, abatia algum ramo mais pêco.

O dia estivera irresoluto; a *Bruxa* deteve-se uns instantes, e formando pala com a mão mirou o céu detalhadamente, como se quisesse fazer o prognóstico do tempo. Dum azul esbranquiçado

no vértice, a enorme cúpula vinha baixando incolor, deslavada sobretudo na base, onde apenas aqui ou acolá se pintavam alguns tons esverdinhados; boiavam por tôda essa extensão falripas inexpressivas e apagadas; o oriente, porém, era um fundo aguarelado a carmim, juncado de nuvens frágeis, pequeninas e rubicundas, cujo matiz prenunciava grande frio. A criatura, bem depressa inteirada, voltou o perfil adunco, e consultou o poente.

Por trás duma comprida faixa lívida, alastrava uma banda radiante, em baixo amarela de limão, por cima mais carregada, cambiando para o sul num colorido avermelhado que se estava tornando carmesim; na vastidão acidronada marchetavam-se ilhetas de chumbo, e a meio, rompendo da terra, subiam uns grossos fumos dum como encoberto incêndio, imóveis e encaracolados, sinistros. — A velha ponderou um momento os aspectos; bamboleou a cabeça com um ar de satisfação, e meteu-se de novo a caminho.

Começava aí, ao lado do atalho, uma espécie de longo charco, dum pitoresco melancólico e de impressões um tanto lúgubres. A superfície gelada apresentava espaços apenas translúcidos, opacos mesmo, pelas sujidades, se bem que irisados levemente com reflexos de lagoa esverdoados. Havia lugares claramente verdes, do verde das plantas aquáticas que a congelação retivera; emquanto noutros lugares dir-se-iam espumadas de sabão muito quietas, ou mesmo mármorees cinzentos, com largos veios côr de hervas misturados a cambiantes equívocos. Estendiam-se perto da margem estremes brancuras de leite, entre pedaços de vidro fôsko; e sôbre as pequenas profundidades lamacentas jaziam placas vítreas, bastante baças, duma aparência escamosa.

Na parte mais transparente, sob essa gelatina enrugada que era o gêlo, surgiam no fundo imóveis, como que mumificados, tufos de vegetais, seixitos e limos, imersos num líquido tranqüilo, uma preparação de laboratório — parecia — destinada a conservá-los; por vezes, uma curta lufada frisava a água a descoberto, assoprando-a contra a tira coagulada, sem roê-la nem sequer abalar os ingredientes sob essa redoma. Aqui, debaixo do congelamento, os objectos, exânimés, mostravam-se um pouco desvanecidos; ali, sómente cobertos pela não grossa camada aquosa, um quási nada moveções, eram mais incertos e frescos.

A *Bruxa* tinha parado; e, bem direita, firmada no bordão, olhava com comprazimento. A sua elevada estatura ou um quê inexprimível na attitude davam-lhe um todo sobranceiro. Imaginava-se acaso uma rainha naquela desolada solidão. De novo caminhou alquebrada, espiando, fariscando, para todos os recantos, arrepanhada a bôca num tregeito, que poderia ser um risinho.

Com as muitas chuvas, o paúl trasbordara, deixando fundas poças pela vertente, — uma, de lés a lés congelada, com uma chapa intranslúcida, espêssa; outra, ao de cimo quási tôda coalhada, com uma capa fininha e pura, difícil de distinguir da água quêda; ainda uma outra, que tendia a esgotar-se, solidificada amplamente, com uma rendilhada pelícua, mas só num canto onde a corrente amortecia. Derivava dessa um filete sem vestígios de congelação, o qual descia a um estreito planalto, onde a moléstia desbastara o arvoredó, e desaguava numa toalha líquida, glacialmente cristalina, franzida de escamas miúdinhas, depois largas mais adiante, — simulando um rápido curso o que era apenas sôpro da nortada.

Havia também aos laivos pelo atalho crostas de gêlo, lactescente ou límpido, sinuado de arborescencias, ou contendo, dir-se-ia, fantasiosas disposições de cristais, agulhas, delgadíssimas lâminas, que lhe faziam a distância como que lapidações. Assentava quási sempre em regueiros estagnados mas limpos, ou em fios preguiçosos que ligavam os empoçamentos dêsse terreno brejoso. Quando o caramelo repousava em chão firme, podia-o a velha calcar a passos lentos, sem alarme de que estalasse; pelo contrário, crepitava sôbre as lamas que um meio-degêlo remolhara. — Nalguns sítios, ainda mais húmidos do que frios, uma cama densa de geada; ordinariamente porêem, ou porque tivesse geado pouco, de manhã, ou porque o dia a houvesse derretido, nada mais que uma salmoira vaga.

Quási ao cabo do olival, desembocou inesperadamente e atravessou o caminho, a poucos passos da Bárbara, um rapazola de catadura sanguinosa, com uma espingarda em bandoleira, de cano muito comprido. Não gostou talvez do encontro, porque sem uma saudação, mal fingindo que não enxergara a *Bruxa*, voltou a cara para o lado oposto, e com ligeiras pernadas continuou a descer para o vale, esgueirando-se por entre os troncos. A decrépita interpelou-o com um longo brado ressoante, que o obrigou a estacar:

— Eh! *Manel* Maria, aonde corres assim?

Dera à intonação uma bonacheirice campezinha, que conquistou o rapaz. Respondeu familiar, levando dois dedos ao barrete:

— Boas tardes, tia Bárbara!

Ela colocou sôbre a bôca a mão nodosa, pigarreando uma tosse aflautada.

— Levas a cartucheira bem retheadinha? pre-

guntou. Vai chegando o bom tempo, meu filho!... o tempo próprio, atalhou elucidando. Estão para cair uns ricos nevões, — e não te há-de faltar que fazer.

— Assim vossemecê fale verdade!

— Falo, falo, — confirmou ela, meneando serenamente a cabeça.

— É quando se pilha coisa que farte, — voltou o caçador, interessado. Com a neve, coelhos e lebres veem quási meter-se no saco; deixam-se por um triz agarrar à mão. Já os tenho caçado à paulada.

— À paulada, exactamente, também se matam muito bem, acudiu ela.

Ajuntou com uma voz untuosa:

— Não há nada como o frio para a caça. Apanha-se miúda e mesmo grada.

Repisou complacente:

— Apanha-se da miúda e até se apanha da grada.

O queixo adunco mascou um momento sob o nariz de rapina.

Mais abaixo, a alguma distância, o rapazola continuava parado, à espera de encontrar uma réplica.

— Pois boa tarde! disse por fim.

— Boa tarde, meu *Manel* Maria!

E quando êle já dava costas:

— Arranja uma bolsa grande, muito grande, desconforme.

Atirou uma casquinada burlesca, de cana rachada, que ecoou pelo triste olival.

De novo sòzinha, apressou-se um quási nada, como para reaver as paranças; prosseguia no emtanto corcovada, rojando miseramente as solas, e retardava-se aqui e além a espiolhar com uns

olhos sedentos. O gêlo aparecia sempre onde quer que pudesse: nalguns lugares semelhante a uma água morta, de que uma certa perspectiva o diferenciava; noutros lugares, mais frequentes, eivado como de riscos interiores que lhe turbavam a transparência.—Em breve, a *Bruxa* entrava no vale onde cumiava a casa de Constâncio. Cocou-a um instante e caminhou.

.

Nessa mesma tarde, anichada no vão duma janela, Isilda estava costurando. Luciana adormecera— caso agora surpreendente (e então de dia!) que tinha porêem explicação na noite crujante que passara;—a rapariga, receosa do mais pequeno rumor, pedira a Mateus que descesse, e com certa dificuldade havia convencido Constâncio a que lhe fôsse fazer companhia. O visitante levou o velho, com a promessa da afilhada de que o iria buscar, logo que a neta tivesse acordado; e Isilda aproveitou a ocasião, emquanto guardava a amiga, para ultimar o enxoval.

De tempos a tempos levantava a cabeça e admirava as fantasias do ocaso, ou contemplava uma ovelhada que pascia no fundo do vale. Era um populoso rebanho, pintalgando o escasso relvado com as suas felpas de castanho escuro ou de amarelo encardido, balando e chocalhando tristemente na melancolia da tarde; a pastora, encostada a um tronco, devia estar fazendo meia, e a espaços erguia a voz, duma sonoridade juvenil e pura, que chegava até Isilda docemente surdinada pela vidraça, e cantava nostálgicamente uma pausada cantiga.

Passou em baixo no caminho uma rapariguita descalça, pobrezinha, levando ao colo, no acon-